



GOVERNADOR EM IJUI: INAUGUROU OBRAS E VISITOU A COTRIJUI



O governador do Estado, sr. Sinval Guazzelli, esteve em Ijuí no dia 19 de outubro, data que assinala o aniversário do município. Recebido festivamente pelas autoridades municipais, inaugurou obras, concedeu audiências e visitou a COTRIJUI. Na foto aparece sua excelência no salão do conselho, ladeado pelo prefeito municipal, sr. Emídio Odósio Perondi e presidente da cooperativa, eng. agr. Ruben Ilgenfritz da Silva. Texto à página 14 desta edição.

GAÚCHOS DESTACAM-SE EM CONGRESSO COOPERATIVISTA DE MINAS GERAIS

Textos às páginas 8 e última

2º SEMINÁRIO DE ARMazenagem

Texto à última página



Rua das Chácaras, esquina
Av. Porto Alegre,
Caixa Postal, 111
IJUI - RS.

CGC ICM - 065/0007700
Inscr. INCRAN Nº 248/73

CGC MF - 90726506/0001-75

ADMINISTRAÇÃO
Diretoria Executiva

Presidente: Ruben Ilgenfritz da Silva
- Eng. Agr.

Vice-presidente: Arnaldo Oscar
Drews.

Superintendente: Clóvis Adriano Fa-
rina.

Diretores Contratados:

Alceu Carlos Hickembick, Euclides
Casagrande, Léo Miron, Nedy Rodri-
gues Borges, Nelcy Rospide Nunes,
Oswaldo Olmiro Meotti e Werner Er-
win Wagner.

Conselheiros (Efetivos)

Alberto Sabo, Alfredo Driemeyer,
Hugo Lino Costa Beber, Pedro Bi-
zarello, Flávio Sperotto e Reinhol-
do Luiz Kommers.

Conselheiros (Suplentes)

Antonio Primo, Italvino Sperotto,
Herbert Hintz, Carlos Krüger, Ama-
ry Marcks e Renaleto Fontana.

Conselho Fiscal (Efetivos)

José Cláudio Kohler, Emilio Uhde e
Zeno Foletto.

Conselho Fiscal (Suplentes)

Mário Euzires de Moura Guterres,
Harry Reisdorfer e Olderige Antonio
Bertol.

Capacidade em Armazenagem

IJUI (Sede)	98.000 T.
Santo Augusto	77.000 T.
Chiapetta	60.000 T.
Coronel Bicaco	20.000 T.
Vila Jóia	60.000 T.
Tenente Portela	60.800 T.
Augusto Pestana	30.000 T.
Ajuricaba	30.000 T.
Rio Grande	220.000 T.
* Breve mais 66.000 T. de capaci- dade em Ijuí.	



COTRIJORNAL

Órgão de circulação dirigido ao qua-
dro social, autoridades, universida-
des e técnicos do setor, no país e ex-
terior. Nossa tiragem, 12.000 exem-
plares.



Associado
da ABERJE
Associação
Brasileira
de Editores
de Revistas
e Jornais
de Empresa

EXPEDIENTE

Redação e Administração

Rua das Chácaras, esq. Av. Porto Ale-
gre, Caixa Postal, 111.

98.700 - IJUI - RS

Registrado no Cartório de Títulos e
Documentos do município de Ijuí,
sob n. 9. Certificado de marca de pro-
priedade industrial M/C11 n. 022.775
de 13.11.1973 e figurativa M/C11 n.
022.776, de 13.11.1973.

Redator Responsável

- RAUL QUEVEDO -

Registro profissional no MTPS 1176,
matricula no SJPPA n. 550, sócio da
Associação Riograndense de Impren-
sa sob n. 1571.

Composto no JORNAL DA MANHÃ
Ijuí, e impresso em rotativa off-set
no DIÁRIO SERRANO - Cruz Alta.

EDITORIAIS

QUEM LUCRA COM A FALTA DO FEIJÃO?

Em recente editorial (edição que circulou em setembro), sob o título "Os alimentos, a inflação", chamavamos a atenção para os problemas oriundos da escassez do feijão e alertávamos para o fato de que o produtor, além de nada lucrar com a inflação, pois esta foge totalmente ao seu controle, é ainda o que paga mais caro por ela.

Não foi preciso passar nem dois meses para que a advertência se confirmasse. Segundo vem de divulgar o jornal "Atualidade Agrícola", que se edita em São Paulo, os intermediários do negócio do feijão no estado do Paraná, vem obtendo lucros de até 150 por cento na intermediação do produto.

Segundo "Atualidade Agrícola", a ação dos intermediários na comercialização do feijão não só provoca crises de escassez no mercado como desestimula os produtores. É que estes tomam conhecimento que o produto que trabalharam e por ele correram todos os riscos, foi vendido por eles a razão de Cr\$ 285,68 a saca. Mas esse produto já está sendo vendido no atacado a Cr\$ 1.080,00.

Segundo declararam técnicos do Departamento de Economia Rural da Secretaria da Agricultura do Paraná, a situação é a mesma em todo o País. Isso, logicamente, faz com que os agricultores não se sintam estimulados a se adaptarem tecnicamente, racionalizando sua produção.

Nos estados ou regiões onde o cooperativismo é fraco, ou ainda não está atuando regularmente, a situação do produtor rural é dramaticamente instável. Se produz bem ampliando a oferta, cai o preço; e se não produz, não há preço que adiante. Assim, o agricultor vive enquadrado numa verdadeira via-crucis, onde, no máximo, pode empatar, porque o lucro é sempre do intermediário.

É verdade que há o preço mínimo. Mas este mínimo, do qual não chega a se beneficiar nem mesmo o consumidor (e o produtor é também um consumidor), não tem limite de revenda para o intermediário.

Nesse processo de evolução em cadeia, o revez rebenta sempre nas costas do produtor. Quando este compra o componente de produção, e até mesmo a semente para a futura safra, esta lhe é cotada não tendo como índice o preço mínimo pelo qual vendeu o produto, mas sim, pelo preço de revenda do intermediário.

Sem dúvida, é esse um problema de extrema gravidade que age em detrimento flagrante do homem rural. E enquanto tal estado de coisas não for corrigido, persistirão indefinidamente as crises de produtos agrícolas, dos quais, na atualidade, o feijão assume proporções que estão preocupando o Governo.

Sem dúvida, tarda uma política agro-econômica que garanta um preço mínimo ao produtor, mas que essa garantia de mínimo chegue sem maiores distorções até a fase de beneficiar o consumidor. Sem que isso seja conseguido, nada detém a inflação.

COOPERATIVA SOMA AO SETOR PRIVADO

Avolumam-se as preocupações no País em relação a desnacionalização de setores, submetidos à avalanche crescente dos grupos multinacionais. Essa tendência, cujos reflexos divide as opiniões de setores responsáveis pela economia nacional, inclusive os próprios ministros da área econômica, tende a crescer dada a fraqueza da nossa economia ante a pujança de grupos internacionais, que a cada dia aumentam seus interesses no Brasil. O ministro da Indústria e Comércio, sr. Severo Gomes - o que mais tem-se debatido em prol do fortalecimento da empresa nacional - disse há poucos dias em Belo Horizonte que "É preciso dar força à empresa nacional, não só do ponto-de-vista econômico, mas também social e politicamente, a fim de que a luta por sua afirmação diante da empresa estrangeira não venha a se transformar em luta pela libertação nacional e, desta forma, em luta contra o próprio sistema".

Para o Ministro da Indústria e Comércio, em "um país de poucos recursos de capital, mas de amplos recursos naturais e de mão-de-obra, como o nosso, a tarefa de captação de poupança deve caber ao Governo, para financiamento econômico e social, que permitam repartir o bolo enquanto êle cresce".

Sem se referir diretamente ao setor cooperativista, quer nos parecer que S. Excia., ao enfatizar a frase: "Repartir o bolo enquanto ele cresce", tenha tido em mente esse setor importante da economia nacional da atualidade. Sem sombra de dúvida, a economia a nível de cooperação, é a melhor maneira de repartir o bolo, para usar a frase proferida pelo Ministro. E repartir o bolo mantendo-o no País.

E o momento é psicologicamente favorável a essa soma de esforços. Há, no Brasil de hoje, a corporificação de identidade de objetivos e fins, acenando com a possibilidade de um inter-relacionamento maior ainda, somando esforços das economias tipicamente privadas com aquelas que se formam do trabalho cooperativo.

Aliás, a cada dia, maiores exemplos nos chegam dessa realidade, concretizados na prática. É o caso, por exemplo, do acordo firmado entre a Federação das Cooperativas de Carne do Rio Grande do Sul e o Frigorífico Swift-Armour, que apesar do seu nome tradicionalmente britânico, pertence hoje a um grupo nacional.

Como resultado desse acordo, as cooperativas filiadas a FECOCARNE evitarão investimentos em instalações industriais e mesmo na montagem de uma rede de comercialização. O benefício, como se vê, é bastante amplo. De um lado, evita-se o investimento paralelo em áreas da indústria e da comercialização. E de outro, se fortalece a economia interna, com perspectivas de uma maior distribuição do "bolo econômico".

Achamos, sinceramente, que na expressão do ministro Severo Gomes, há uma retórica oculta, que mais dia ou menos dia, se manifestará na chamada para uma maior identificação de interesses entre esses dois esteios da economia nacional.



A COTRIJUI PESQUISA MERCADO AMERICANO

De 18 de setembro a nove de outubro, diretores e técnicos da COTRIJUI estiveram nos Estados Unidos, visitando setores ligados direta ou indiretamente, às suas próprias atividades.

Esses dirigentes e técnicos da cooperativa viajaram em dois grupos diferentes. O diretor-financeiro, sr. Oswaldo O. Meotti, fez parte de um grupo convidado pelo "The Chase Manhattan Bank", através de seu associado no Brasil, o Banco Lar Brasileiro.

Seu tempo de permanência nos Estados Unidos foi de cerca de 20 dias. Viajou a 18 de setembro e retornou a nove de outubro. Juntamente com dirigentes de cooperativas gaúchas, paranaenses e de São Paulo, em número de 10, cumpriu um roteiro traçado entre Nova Iorque, Chicago — interior de Illinois — Kansas City e St. Louis, no estado de Missouri, num curso sobre cooperativismo e crédito.

O outro grupo, que viajou de 26 de setembro a nove de outubro, foi organizado pela COTRIEXPORT S.A. — Exportação e Importação, de Porto Alegre, organização associada a COTRIJUI. Era um total de 10 participantes, entre cooperativistas e empresários. Representavam a COTRIJUI seu vice-presidente, Arnaldo Oscar Drews, e o conselheiro Alberto Sabo. A COTRIEXPORT foi representada por Edward Roy Maynard Haybittle e Valdiner Silveira Fagundes, ambos especialistas em operações internacionais e câmbio.

O roteiro deste segundo grupo, após Nova Iorque e Chicago (onde se localiza a Bolsa de Cereais), foi Windsor e Decatur, no interior de Illinois; St. Louis (Missouri); Memphis (Tennessee); Nova Orleans (Louisiana) e Miami, na Florida.

O comentário a seguir, baseado em relatórios elaborados pelo economista Oswaldo O. Meotti, diretor-financeiro da COTRIJUI e Valdiner Silveira Fagundes, operador de vendas internacionais da COTRIEXPORT, focaliza as observações feitas nas modalidades de preço do dia e de mercado futuro, na Bolsa (Chicago Board of Trade) e as perspectivas de colheita de soja nos Estados Unidos. O pessoal componente da Missão-Cotriexport esteve por duas vezes na Bolsa, assistindo a abertura e o fechamento dos pregões do dia. Foram realizadas, paralelamente, duas palestras com a presença do gerente da COBEC nos Estados Unidos, sr. Álvaro Catão. Essas palestras, que culminaram com troca de debates, versaram sobre comercialização usando-se os sistemas de "hedge" e "commodity".

O "hedge" é aplicado quando uma operação de compra ou venda, não é completada integralmente. Por exemplo: uma cooperativa recebe a soja do produtor para posterior liquidação, o equivalente ao sistema COTRIJUI de preço do dia. No entanto, por necessidade de abrir espaços no armazém, vende o produto antes de liquidá-lo com o produtor. Para cobrir-se de flutuações do mercado, compra papéis na Bolsa. Posteriormente, quando o produtor liquidar o produto ao preço do dia, a cooperativa vende sua posição na Bolsa. O que resulta então disso tudo?

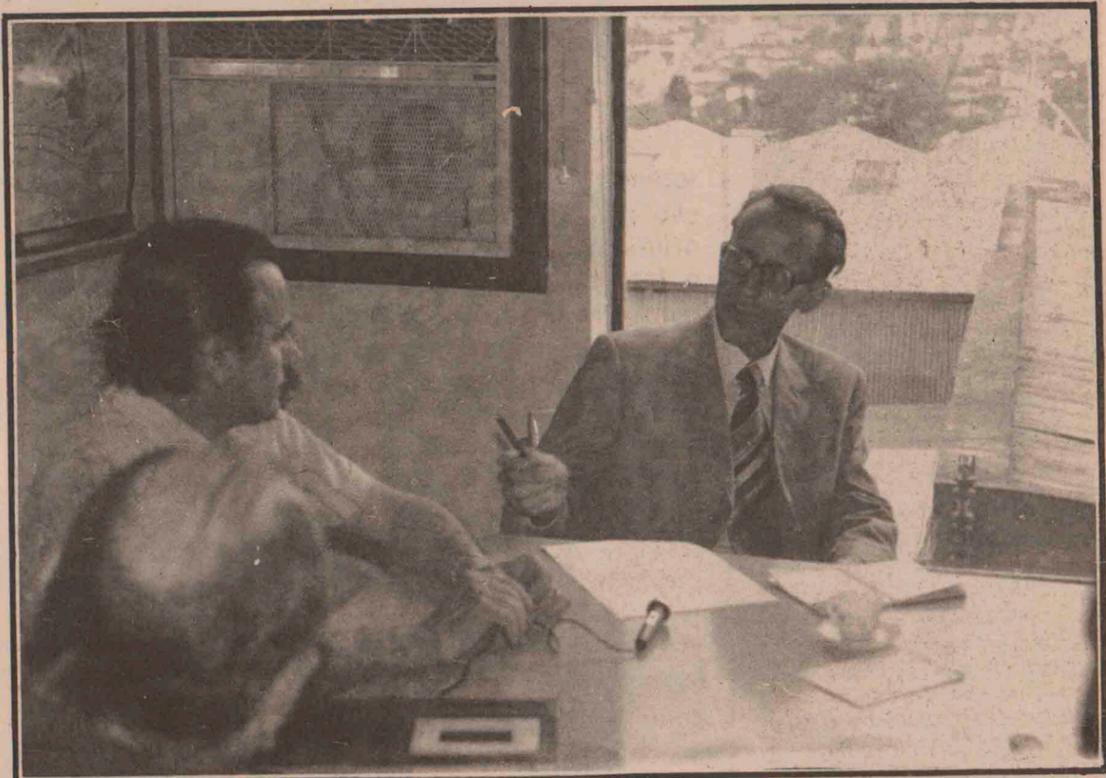
Se o mercado sobe, há um prejuízo na operação com o produtor e um lucro na Bolsa, empatando. Se, ao contrário, o mercado cai, há um lucro na operação com o produtor e um prejuízo na operação da Bolsa.

Outro exemplo de aplicação do sistema é quando o associado liquida o produto mas a cooperativa não encontra comprador. Neste caso, o "hedge" consiste em vender posição na Bolsa. Essa posição de Bolsa será recomprada quando for efetivada a venda do produto físico.

Como se vê, o "hedge" é perfeitamente aplicável a operações de preço de dia. No que se refere ao preço médio, pode também se constituir em valioso auxiliar de segurança a cooperativa, pois esta, por se constituir em sociedade de pessoas e por trabalhar com produtos de terceiros, precisa ter respaldo para enfrentar as oscilações de um mercado geralmente violento. Os técnicos da COTRIEXPORT acham que a viagem significou a busca de subsídios muito importantes para a realização de negócios futuros.

Já o economista Oswaldo Olmiro Meotti teve sua atenção voltada mais diretamente para os setores de cooperativismo e financiamento de produção. Por essa razão, seu relatório está focalizado com maiores detalhes na seção Cooperativismo da presente edição.

CIÊNCIA ASSEGURA ALIMENTAÇÃO



STUTTGARD — Durante o último Congresso de Naturalistas Alemães realizado nesta cidade, foi defendida a tese de que os pobres carentes de alimentos não necessitam passar em extrema necessidade, se forem desenvolvidos novos tipos de plantas. E por extensão, será possível alimentar entre 12 e 16 bilhões de pessoas a mais, se tal política for bem desempenhada.

Foi recordada na ocasião a chamada "revolução verde" iniciada na década de 40, no México, onde se provou que através de uma bem feita seleção de tipos de cereais adequados e resistentes, ao cabo de 12 anos, aquele país conseguiu obter a sua independência no campo cerealis-

ta. Depois desse sucesso no México, passou a ser generalizado o método e se obteve aumentos contínuos de produção em muitos países. Apenas o clima se mantém indiferente a ciência. O professor Gerhard Roebelen, da Universidade de Goettingen, relatou que também a República Federal da Alemanha se beneficiou com os progressos alcançados nesse tipo de pesquisa. Acrescentou que, se em 1950 um rendimento de três toneladas de trigo por hectare era considerado um recorde, hoje se obtém até sete toneladas nessa mesma área. Em sua opinião, os progressos nesse campo podem ainda ser aumentados, mas, nos países em desenvolvi-

mento, as condições sociais e econômicas impedem o aproveitamento pleno da "revolução verde", já que, em muitos casos, faltam recursos para a importação de fertilizantes. Entre os principais problemas do futuro ele mencionou a distribuição de alimentos e das matérias-primas necessários para a produção.

N.da R. — O professor Gerhard Roebelen, geneticista da Universidade de Gottingen, esteve em Ijuí em setembro de 1975. Ele veio a convite do sr. Luis Laveuve, para observar as experiências que a COTRIJUI já desenvolvia, na época, com a Colza. Na foto, quando concedia entrevista à imprensa de Ijuí na sede da cooperativa.

BANCO DO BRASIL É LÍDER MUNDIAL EM LUCRO LÍQUIDO

Com base em levantamento da revista "Fortune" e do "Stockholder's Equity", dos Estados Unidos, o jornal "O Estado de S. Paulo" publicou em edição recente, a relação dos 20 principais bancos do mundo em lucro líquido e capital de reserva. E não é sem um pouco de surpresa que constatamos que o Banco do Brasil lidera essa lista.

Os dados a seguir, coletados do jornal paulista, referem-se ao ano final de 1975.

Com base em levantamento da revista "Fortune", o Banco do Brasil lidera a lista dos 20 maiores bancos, com lucro líquido de 591.712 mil dólares, seguido do "Citicorp", norte-americano, que obteve um lucro de 349.885 mil dólares.

O Banco do Brasil também lidera a estatística em relação à soma do capital reinvestido ("Stockholder's Equity"). A cifra alcançada foi de US\$ 2,444 bilhões, contra US\$ 2,365 do Citicorp, o segundo. O Banco do Brasil também se destaca em relação ao volume de depósitos, onde ocupa o 12º lugar entre os maiores do mundo e em relação aos empréstimos: é o quinto, com aplicações de US\$. 26.022.519 mil. E ocupa o décimo lugar em relação ao total do ativo, com US\$ 29,045 bilhões, à frente de bancos do porte do J.P. Morgan (US\$ 25,8 bilhões), do Manufactures Hanover (US\$ 28,2 bilhões). Na tabela abaixo, montada pelo editor, estão os 20 maiores bancos alinhados em or-

dem decrescente do lucro líquido e do capital. É possível que o Banco do Brasil conserve esta posição.

	Lucro Líquido	Capital Reservado
1. Banco do Brasil (BRASIL)	591.712	2.443.964
2. Citicorp (USA)	349.885	2.365.190
3. Bank America (USA)	302.800	2.020.149
4. J.P. Morgan (USA)	183.825	1.220.553
5. Chase Manhattan (USA)	173.710	1.621.008
6. Deutsche Bank (Alema. Oc.)	156.170	1.212.539
7. Manufactures Hanover (USA)	142.445	998.353
8. Barclays (Inglaterra)	129.654	1.563.298
9. National Westminster (Ing.)	118.751	1.738.453
10. Continental Illinois (USA)	112.890	825.605
11. First Chicago Corp (USA)	107.545	885.882
12. Société Générale (França)	101.339	291.339
13. Dresdner (Alema. Ocid.)	99.205	791.501
14. Chemical N.Y. Corp (USA)	95.914	32.116
15. Canadian Imperial (Canadá)	92.773	363.340
16. Lloyds (Inglaterra)	88.053	1.149.289
17. Union of Switzerland (Suíça)	80.895	972.052
18. Bank of Montreal (Canadá)	80.124	443.425
19. Sumitomo (Japão)	78.363	859.244
20. Fuji Bank (Japão)	77.777	1.267.118

Fontes: Fortune Magazine - julho de 1976 pg. 204
Fortune Magazine - Agosto de 1976 pg. 244.



BONECO MOSTRA PERIGOS DO FUMO

O cigarro, bebidas alcoólicas, alimentação errada, falta de movimentos físicos e o uso de medicamentos químicos, principalmente em forma de drágeas, são responsáveis por 98 por cento das enfermidades cardíacas e perturbações circulatórias, no homem.

A advertência é da ministro de Juventude, Família e Saúde da República Federal da Alemanha (Alemanha Ocidental), dra. Katharina Focke, que demonstra sua tese na prática através de um boneco transparente que fuma e se "alimenta"

como se fosse uma pessoa de carne e osso.

Mas a dra. Focke enfatiza como o perigo maior o fumo, o cigarro conforme (foto) procura demonstrar através da Alemanha, numa excursão de 3.000 quilômetros. A ministro Katharina Focke, com o auxílio do "boneco fumador" e de aparelhos de ginástica, indica os princípios básicos para que o homem goze as delícias da vida levando uma existência sadia e tendo chances de chegar a idade provecta. Essa possibilidade e perspectiva também é para nós.

Na edição anterior (nº 35) e nesta mesma seção, publicamos notícia baseada em pesquisas que se realizam no Japão, segundo as quais os alimentos naturais tem poder de evitar o câncer.

Recebemos agora, do jornalista Hugo Hammes, do Consulado Geral da Alemanha, em Porto Alegre, a foto que ilustra este espaço, mostrando uma saudável senhora que parece ter descoberto o elixir da eterna juventude.

Aos 80 anos, Anna Walch, de Berchtesgaden, pastoreia e ordenha suas vacas nas pastagens alpinas, com o mesmo desembaraço e agilidade com que o fazia aos 15 anos de idade, nos idos de 1900. Para justificar sua "eterna juventude", Anna Walch diz que nunca fumou, alimenta-se com víveres, muito leite e pão, cereais em geral e pouca carne. Aí está uma receita de saúde que cada um de nós pode seguir. Vamos praticá-la?



80 ANOS DE ALEGRIA E VIGOR

APOIO À CAMPANHA CONTRA O FUMO

A Secretaria da Saúde do Estado continua recebendo manifestações de apoio pela campanha recentemente desencadeada contra o hábito de fumar, em colaboração com a Associação Médica do Rio Grande do Sul. Revelou o titular da pasta, Jair Soares, que se elevam a centenas estas manifestações, provindas de universidades, escola, entidades de classe, profissionais liberais, estudantes, operários, etc.

Também várias Câmaras Municipais fizeram pronunciamento oficiais de apoio à campanha, enquanto em muitas escolas a campanha está sendo motivação para que se combata junto aos alunos o vício de fumar. Várias escolas enviaram convite ao secretário Jair Soares para que profira palestras abordando os malefícios do tabagismo.

— É gratificante constatar — afirmou Jair Soares — que nossa campanha está frutificando. E não poderíamos esperar outra reação mesmo: anteriormente, o fumante podia escudar-se, para não abandonar o cigarro, no raciocínio da inexistência de correlação científica entre o cigarro e enfermidades pulmonares e car-

diovasculares; agora a ciência pulverizou este falso escudo, mostrando cruamente os horribéis males a que o fumo submete o organismo humano.

O Secretário da Saúde aproveitou para enumerar alguns dos efeitos danosos do cigarro, que vão desde os aparentemente inofensivos aos de mais graves consequências: cefaléia, indisposição geral, desorientação, taquicardia, aumento de pressão arterial, câncer nos pulmões, doenças broncopulmonares crônicas, bloqueios atrioventriculares, aceleração do tempo de coagulação do sangue, aneurismas, anginas e mais dezenas e dezenas de sintomas que, ou acarretam diretamente a morte do fumante ou se inserem no seu quadro patológico como agente catalisador, apressando a morte.

O Secretário se referiu, também, à publicidade que associa o cigarro ao bem viver e à virilidade:

— É contristadora a veiculação destas mensagens. Na verdade, o tabagismo é responsável, também, pelo decréscimo da potência sexual.

O SAUDÁVEL HÁBITO DE PRATICAR HIGIENE

A higiene pessoal aliada a hábitos comedidos de alimentação, é a melhor receita para a saúde. Essa recomendação trivial é feita por qualquer médico, na orientação de seus pacientes.

Mas higiene, como a expressão pode aparentar num primeiro impacto, não é somente a limpeza do corpo. A higiene é um conjunto de práticas que vai realmente desde o banho diário mas inclui o ar que se respira no ambiente (o chamado tônico natural), a água que se bebe, a postura do corpo (verticalização ou horizontalização do esqueleto); recreação, repouso normal e outros fatores todos importantes.

Também deve ser observada a higiene da casa onde se vive. É muito importante que haja suficiente abastecimento de água potável, privada, onde não exis-

ta fossa cloacais, o mais afastado possível da residência, e construída sempre na parte abaixo do nível do terreno. A residência deve ser bem arejada e deve-se ter o máximo de cuidados com a incidência de ratos, moscas e baratas, insetos portadores de micróbios.

Na zona rural, onde se criam animais domésticos, é necessário que as pocilgas e galinheiros sejam construídos afastados da residência e igualmente, como no caso da privada, localizados na parte baixa do terreno. Essa necessidade resulta em evitar que as águas da chuva carreguem detritos para as proximidades da residência.

Enfim, o assunto é amplo e de importância vital para a saúde. Voltaremos a abordá-lo em futuras edições, nesta mesma seção.



AGRICULTOR INFORMADO PELOS SEUS PRÓPRIOS JORNAIS

Em sua edição nº 3, que circulou em julho deste ano, a revista "Agricultura & Cooperativismo", editada pela FECOTRIGO através de convênio operacional com a Cooperativa dos Jornalistas de Porto Alegre - COOJORNAL - divulgou importante matéria onde focalizou os diversos jornais das cooperativas do Rio Grande do Sul.

A revista da FECOTRIGO relacionou os jornais e suas tiragens, que na época já alcançava a expressiva cifra de 34 mil exemplares. Os órgãos relacionados pela revista, além do COTRIJORNAL, que já editava à época 12 mil exem-

plares, foram "O INTERIOR" (Cazalinho), com 10 mil exemplares; "O COTRICRUZ" (Cruz Alta), com 3.500 exemplares; "O ECO COTRI-ROSA" (Santa Rosa), 9.000 exemplares e o "COSUEL" (Encantado), com 3.500 jornais por edição.

Ressaltou a revista que "lançar um jornal é uma idéia tão comum, hoje, nas cooperativas gaúchas, como a construção de um armazém".

E pode se acrescentar que essa filosofia, hoje determinante, pelo menos no que se refere às lideranças cooperativistas culturalmen-

te mais evoluídas, resulta de uma maior conscientização do homem no meio em que vive e labuta. O líder cooperativista está em contato direto com o que há de mais avançado no mundo das comunicações. Tem consciência, portanto, do valor dessa comunicação para o seu melhor relacionamento com suas bases associativas, razão de ser do sucesso ou insucesso de sua gestão ou até mesmo do movimento cooperativo como um todo social e econômico. Dai o prever-se o aumento da tendência das cooperativas criarem jornais próprios; tanto quanto as que já os possuem, melhorarem e ampliarem os existentes.

ABI AGRADECE CLUBE "HIPÓLITO DA COSTA"

O presidente da Associação Brasileira de Imprensa, jornalista Prudente de Moraes, neto, endereçou correspondência ao presidente do Clube de Imprensa Hipólito José da Costa, de Ijuí, Valmir Beck da Rosa, agradecendo correspondência enviada por este quando do atentado terrorista praticado contra a Casa do Jornalista, no Rio de Janeiro.

Tem a seguinte redação a

correspondência assinada pelo presidente da ABI:

"Rio de Janeiro, 30/09/1976. Ilmo. Sr. Valmir Beck da Rosa, DD. Presidente do Clube de Imprensa Hipólito José da Costa. Saudações. A Associação Brasileira de Imprensa agradece, sensibilizada, a manifestação de solidariedade que recebeu dos confrades, por ocasião do inominável ato de terro-

risimo praticado contra a sua sede social.

Fiel ao programa que fundamentou sua criação em 1908, a ABI jamais transigiu na defesa da liberdade de imprensa e da livre manifestação do pensamento, como princípios básicos para o exercício jornalístico. E não esmorecerá nesse esforço.

Atenciosamente, Prudente de Moraes, neto - Presidente".

SÃO PAULO PROMOVE CURSO DE JORNALISMO EMPRESARIAL

Comunicações Proaj, de São Paulo, empresa dedicada ao estudo e pesquisa na área da ciência da comunicação, fará realizar a partir de 22 do corrente mês, um curso destinado a profissionais de jornalismo empresarial.

As aulas serão divididas num total de sete módulos de três horas cada um, e objetivarão o exame de problemas concretos que ocorrem nessa área da comunicação. Além dos editores de jornais de empresa,

poderão participar do curso estudantes de comunicação.

O número de vagas será limitado e as inscrições podem ser feitas à rua Chui, 137, em São Paulo. O material didático será fornecido aos participantes, assim como certificado de frequência e aproveitamento. A taxa de inscrição é de Cr\$ 3.000,00.

Ministrarão o curso os professores Gaudêncio Torquato, doutor em jornalismo pela Universidade de São Paulo, pro-

fessor e chefe do departamento de jornalismo da Faculdade de Comunicação Social Casper Líbero e Manuel Carlos Chaparro, jornalista profissional com atuação em diversos jornais da chamada grande imprensa.

O tema curricular do curso inclui, entre outros, conceitos e objetivos do jornalismo empresarial no Brasil e no mundo. Necessidades: para a empresa, para o funcionário, para a comunidade. Seu histórico, sua evolução e perspectivas para o futuro.

"CORREIO DO POVO" COMPLETOU 81 ANOS

O órgão líder da Companhia Jornalística Caldas Junior, "Correio do Povo", completou 81 anos de circulação no dia 1º de outubro último.

Fundado a 1º de outubro de 1895 por Francisco Antonio de Caldas Junior, o jornal tem traçado nestes 81 anos de circulação uma trajetória digna e nobre de prestação de bons serviços à comunidade gaúcha e brasileira.

Jornal sóbrio, dirigido com independência, apesar dos problemas inerentes a um país onde as liberdades públicas e de informação nem sempre são garantidas e respeitadas, manteve-se sempre num nível que dignifica e engrandece o jornalismo brasileiro.

CONGRESSO DA ADJORI FOI EM RIO GRANDE

Foi realizado na cidade de Rio Grande, de 29 a 31 de outubro último, o 15º Congresso da Associação de Diretores de Jornais do Interior - ADJORI.

O conclave, que reuniu na Cidade Marítima várias dezenas de editores de jornais do interior do Rio Grande do Sul, debateu teses importantes para a solução de problemas relacionados com o jornalismo interiorano.

O Congresso teve como órgãos anfitriões os jornais riograndinos, "Agora" e "O Peixeiro".



PRÊMIO JORNALISMO GRÊMIO NÁUTICO UNIÃO

Sob o patrocínio financeiro do Grêmio Náutico União de Porto Alegre e com a colaboração da Associação Riograndense de Imprensa e Associação dos Cronistas Esportivos Gaúchos (ACEG), foi instituído o prêmio de jornalismo em homenagem aquela associação desportiva.

O concurso pagará prêmios no total de 21 mil cruzeiros, com 10 mil para o primeiro classificado. O lançamento do concurso dá-se ao ensejo da passagem do 70 aniversário do Náutico Gaúcho.

Os prêmios, do 1º ao 5º lugar, serão conferidos aos melhores trabalhos jornalísticos sob forma de reportagens e notícia-

rios, impressos pelos órgãos de comunicação social do Estado ou do País, que tenham sucursais ou representações permanentes no Rio Grande do Sul.

Os trabalhos deverão ser publicados no período de 1º de outubro a 15 de dezembro do corrente ano, sendo seus autores, necessariamente, jornalistas devidamente registrados na profissão.

As inscrições dos trabalhos serão feitas até o dia 17 de dezembro na secretaria do Grêmio Náutico Gaúcho, em Porto Alegre, fazendo-se o requerimento acompanhado de dois exemplares da publicação que divulgou o trabalho.

TRIGO NO VALE DO SÃO FRANCISCO

Os agrônomos Lúcio Osório Bastos D'Oliveira e Pedro Jacinto Cruz, respectivamente, do Centro de Pesquisa Agropecuária do Trópico Semiárido, da EMBRAPA, sediado em Petrolina, Pernambuco e da Unidade de Execução de Pesquisa de Âmbito Estadual de Barreiras, estado da Bahia, além do técnico agrícola Sevrino de Oliveira Nunes, desta mesma unidade, estiveram em visita a COTRIJUI no último dia 20.

Eles estavam acompanhados pelos agrônomos Cantídio Nicolau Alves de Souza, Francisco Antonio Langer e James Pimentel dos Santos, todos do Centro Nacional de Pesquisa de Trigo, da EMBRAPA, com sede em Passo Fundo.

Os técnicos nordestinos vieram observar os trabalhos de experimentação que se desenvolve em trigo no Estado. Visitaram, além de Passo Fundo e Ijuí, unidades de experimentação da EMBRAPA e da FECOTRIGO, sediadas em São Borja e Cruz Alta, respectivamente.

Explicaram aqueles técnicos que o objetivo é observar linhagens de trigo que se adaptem ao nordeste, pois a EMBRAPA está desenvolvendo o cultivo do cereal na região do Vale do São Francisco. Na fotografia, os técnicos visitantes acompanhados por agrônomos da COTRIJUI examinam uma cultura experimental de trigo no Centro de Treinamento COTRIJUI, em Augusto Pestana.



AGRÔNOMOS DA EMBRATER

Realizou-se em dependências da Fidene, de 25 a 30 de outubro findo, um curso avançado sobre cooperativismo. Foi o II Segmento do I Curso Avançado, cuja primeira fase foi realizada em São Paulo, na USP, organizado pela EMBRATER.

Participaram 26 cursistas vindos de todas as partes do País; dentre eles dois técnicos do

INCRA e dois do Banco Nacional de Crédito Cooperativo — BNCC. Os cursistas vieram coordenados pelo eng. agr. Iris Silveira, que em visita feita à redação do COTRIJORNAL, disse que o INCRA, como órgão executor da política cooperativista do País, deverá intensificar sua ação junto às cooperativas, visando organizá-las, orientá-las e

fiscalizá-las. Disse que o BNCC, como um dos agentes de crédito das mesmas cooperativas, deverá fortalecer o seu suporte financeiro e assistência a nível de empresa.

Ressaltou que a OCB, como órgão de representação do sistema e consultivo do Governo, deverá prestar, junto com os demais órgãos integrados, assis-

tência geral às cooperativas. Quanto a EMBRATER, como empresa responsável pela formulação e execução da política de assistência técnica e extensão rural no País, deverá ter um envolvimento mais profundo até mesmo no sistema cooperativista, ressaltou o técnico Iris Silveira. Disse que a Fidene foi escolhida para sediar o II Segmento, porque se-

gundo os organizadores, parece ser a instituição que conta com o maior conhecimento acumulado em matéria de comunicação e educação cooperativista, finalizou. Quando da visita feita a COTRIJUI, os cursistas ouviram uma dissertação sobre a infra-estrutura da cooperativa, feita pelo sr. Rui Michel, assessor da diretoria.

TÉCNICOS EM ARMAZENAGEM

Um grupo de especialistas em tecnologia de armazenagem da SUNAB, CIBRAZEM e de setores industriais privados, estiveram em visita a COTRIJUI a 21 de outubro último, tendo mantido contato com a direção da

cooperativa e observado nossa infra-estrutura de estocagem, na sede. Os técnicos estavam acompanhados pelo engenheiro Bruce A. McKenzie, especializado em engenharia de extensão agrícola, da Universidade de Purdue, de

Indiana, Estados Unidos.

Foram os seguintes os técnicos visitantes: Almeida Filho, assessor de imprensa da Superintendência Nacional do Abastecimento; Tetuo Hara, co-diretor-presidente do CENTREI-

NAR — Centro Nacional de Treinamento em Armazenagem; He-loisio Mérlio de Oliveira, assessor da diretoria de operações da Companhia Brasileira de Armazéns; Abílio Laerto Kümmel, assessor jurídico da empresa

Kepler, Weber S.A., de Panambi e Bruno Prisco, gerente de planejamento da mesma empresa.

Na região, os especialistas visitaram também Panambi e Cruz Alta.

ADIDO AGRÍCOLA AMERICANO

O sr. Edmond Missiaen, adido de agricultura adjunto na Embaixada dos Estados Unidos no Brasil, esteve no último dia 23 em visita às instalações da COTRIJUI.

Recebido pelo vice-presidente, sr. Arnaldo Oscar Drews, o adido norte-americano manteve rápida palestra, tendo demonstrado interesse em conhecer além das instalações físicas

da sede da cooperativa, o Centro de Treinamento Cotrijui, antigo Posto Agropecuário, localizado no vizinho município de Augusto Pestana.

O eng. agr. Alberto Parenti

Filho, sub-diretor do departamento técnico, acompanhou o sr. Edmond Missiaen até aquela unidade da COTRIJUI em Augusto Pestana. Durante a palestra que manteve com o diretor-vice-

presidente da Cotrijui, Edmond Missiaen, demonstrou muito interesse pela organização. De Ijuí, o adido viajou até a cidade de Santa Maria, onde desejava conhecer a sua universidade.

GRUPO FINANCEIRO ECONÔMICO

A 19 de outubro, estiveram na COTRIJUI — dois diretores do Grupo Financeiro Econômico — Banco Econômico S.A.

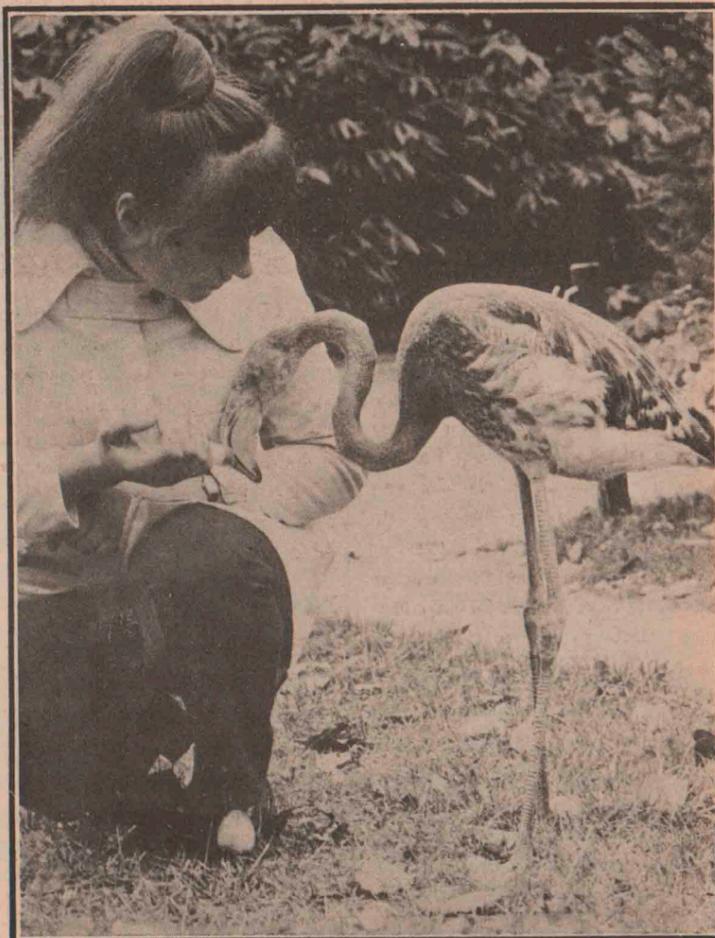
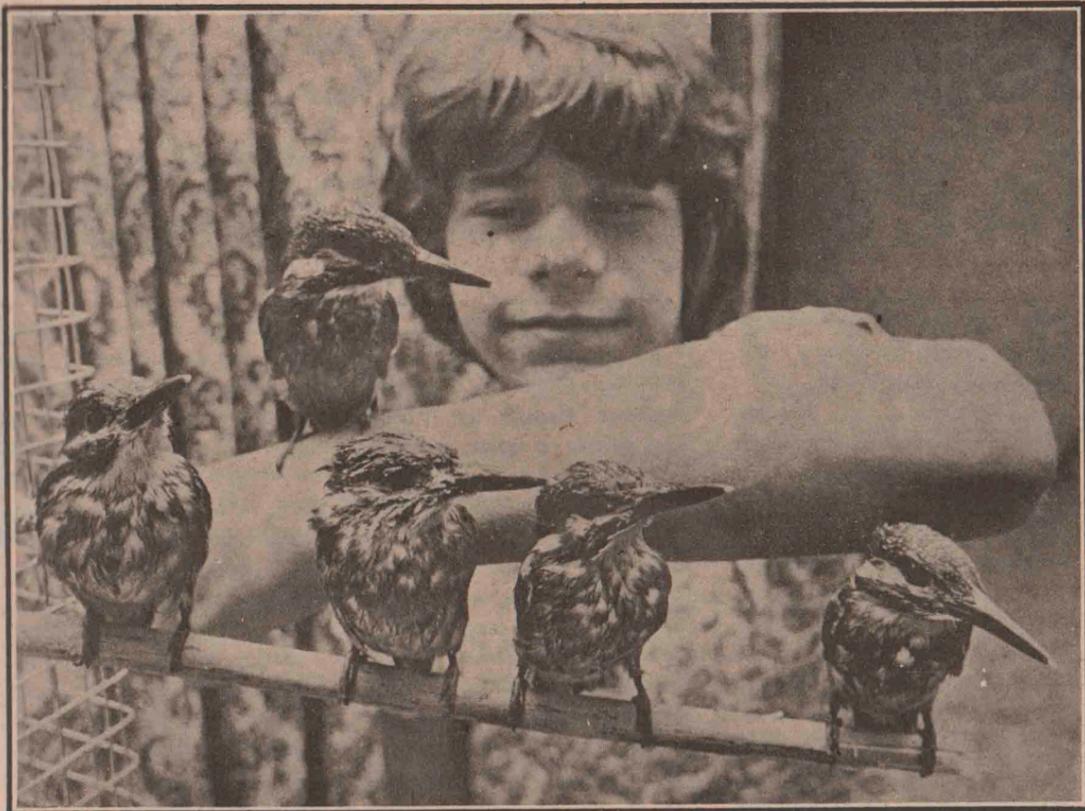
Eram os srs. Rivaldo Guimarães diretor nacional de captação e Paulo Palhares de Campos, diretor para os estados do Rio Gran-

de do Sul e Santa Catarina, que estavam acompanhados do gerente do Banco Econômico em Porto Alegre, sr. Guilherme Ap-

pel da Silva e diversos assessores.

Recebidos na COTRIJUI pelo vice-presidente Arnaldo Oscar Drews; diretor-financeiro

Oswaldo Olmiro Meotti e assessoria de imprensa foram recepcionados com um almoço servido no restaurante Caravela.



TUDO O QUE EXISTE TEM DIREITO À VIDA

O menino do bodoque (estilingue) ou da arma com cano de guarda-chuva, é visto no máximo como um perigo para as vidraças e telhados vizinhos. Dificilmente é idealizado como o inimigo natural das espécies vivas e de cuja vida depende a própria vida do homem.

O planeta Terra onde vivemos é o conjunto de um

todo, cujas parcelas, por mínimas que se nos apresentem, tem o efeito de manter o equilíbrio desse mesmo conjunto, que em síntese, é a nossa vida.

Quando o menino acerta um bodoque e mata um bem-te-vi, ele provoca uma sangria na natureza, com efeitos indiretos em si mesmo; em si próprio. Essa é uma lei natural.

Os naturalistas afirmam que se não existissem os pássaros, os pequenos insetívoros anfíbios, além da curtíssima existência da espécie dos insetos, a vida do homem seria impossível na superfície da Terra. Eles existiriam em tal quantidade que a existência do homem se constituiria num verdadeiro inferno.

Mas afirmam também

que se não fora os elementos naturais (chuvas fortes acompanhadas de vento) que exterminam os pássaros de pequeno porte, nossa vida também seria impossível. Se o leitor assistiu o filme "O homem de Alcatraz", pode concluir como seria difícil viver, existindo no espaço ao redor, bilhões, talvez, trilhões, de pássaros voando em todas as direções.

Tudo o que existe, tem direito a vida; pois sua existência é a própria vida. Matar, destruir, é agir no senti-

do de anular os fatores biológicos integrais, cuja soma redundando no fenômeno da vida, que em síntese, é a natureza.

Por isso, os meninos de bodoque significam um perigo muito mais grave do que o simples vidro da janela ou a telha quebrada, que facilmente se substitui por outro.

Amar os pássaros e protegê-los da destruição é demonstração de boa formação moral e cultural. Tudo o que existe tem direito à vida.

UM BOM LENHADOR É FEITO NA ESCOLA

Chega a ser impressionante a preocupação dos povos mais cultos do mundo, pela preservação dos elementos naturais. O mundo em que vivemos, a natureza e o conjunto de elementos que a cercam, inclusive o

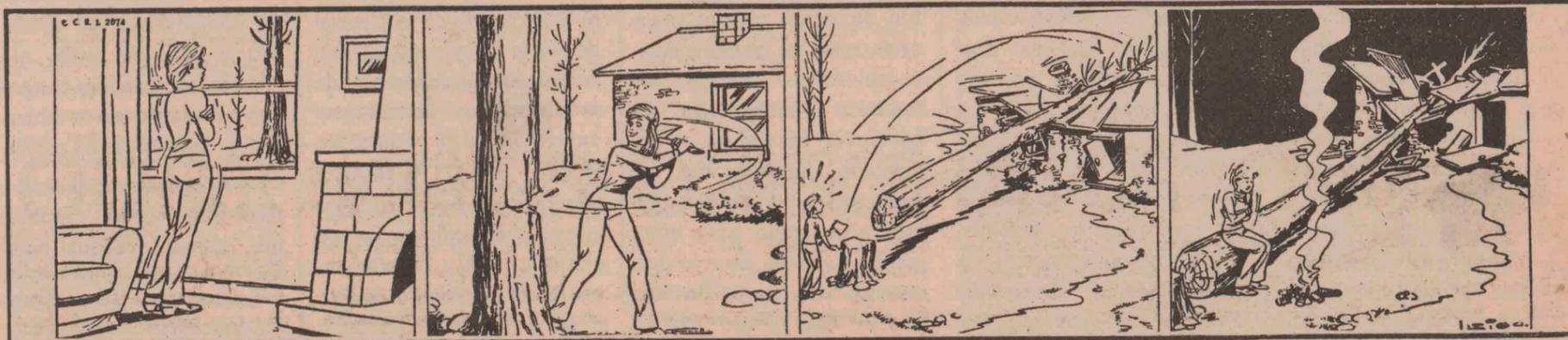
homem, está passando a receber uma atenção e respeito religiosos por parte daqueles povos. Os alemães, por exemplo, conhecedores do valor da floresta e da sua significação sócio-econômica, voltaram à escola para

aprender (ou reaprender) a cultivá-la, preservá-la, e derubá-la bem, quando for necessário. Há uma escola localizada na cidade de Landau, Alta Baviera, sendo frequentada por cerca de 630 alunos, que se especializam

em matéria florestal. Eles aprendem tudo sobre árvores. Para nós, que tanto destruímos nossas poucas reservas florestais, aí está um tema para pensar.

Na ilustração abaixo, charge da série Lola, que a

Folha da Manhã de Porto Alegre publica diariamente. Na brincadeira do traço chargístico, foi focalizado um tema bastante sério, e que faz lembrar uma máxima antiga: "Quem muito quer, tudo perde".



NÚMEROS MOSTRAM FORÇA DA AGRICULTURA ESTADUNIDENSE

Conforme anunciamos no comentário da seção Mundiais, o economista Oswaldo Olmiro Meotti, diretor-financeiro da COTRIJUI, esteve por 20 dias nos Estados Unidos, participando de curso patrocinado pelo "The Chase Manhattan Bank". A nota que segue foi redigida tendo por base seu relatório de viagem.

Oswaldo Meotti fez parte de um grupo de convidados composto pelos seguintes cooperativistas; Armando Resende, vice-presidente da Cooperativa Triticola de Passo Fundo; Hilário E. Bohn, gerente da COOPERVALE, de Palotina, estado do Paraná; João Elói Miró, diretor-executivo do Convênio COPER-

SUL, de Ponta Grossa, Paraná; José L. R. Botelho, diretor da Cooperativa de Orlândia, São Paulo; Lauro Prestes Filho, presidente da Cooperativa de Santa Bárbara do Sul; Moacir M. Viana, gerente da Cooperativa Central do Paraná - COCAP; Nicolas A. T. Kors, gerente da Cooperativa Holambra, de São Paulo. Roberto Wypich, presidente da COTRIGUAÇU, Cascavel, estado do Paraná; Setembrino Pagnussati, gerente-financeiro da Cooperativa Triticola Espumoso; Volnei C. Ferreira, secretário da Cooperativa Triticola de Cruz Alta. Faziam ainda parte do grupo os srs. Athanael M. Fonseca e Toshio Shibuya, respectiva-

mente, assessor de operações rurais e gerente de crédito rural, do Banco Lar Brasileiro.

Relatou o sr. Oswaldo Meotti que existem atualmente 19 centrais de cooperativas nos Estados Unidos, que operam no setor de grãos, inclusive na industrialização. No setor da soja - disse 20% da indústria dessa oleaginosa em todos os Estados Unidos, está em mãos de cooperativas. Também no que se refere a exportação de cereais, especialmente milho e soja, é grande a participação do setor cooperativo. Para que se faça uma idéia do gigantismo do setor cooperativo no grande país, atente-se para este trecho do relatório do

economista Oswaldo Meotti.

"No dia 4 de outubro (1976) visitamos a "Farmland Industries Coop", em Kansas City, se não a maior, uma das maiores cooperativas centrais do país. Ela tem jurisdição em 15 Estados, congrega 2.200 cooperativas locais, somando cerca de 500 mil agricultores. As atividades dessa central cooperativa inclui poços petrolíferos, refinarias, fábricas de rações, uma companhia de seguros, laboratório de pesquisas para controle e qualidade dos produtos, e outros. É administrada por um presidente e 21 diretores, oito conselheiros executivos, 15 vice-presidentes, 29 gerentes-executivos

e cerca de 7.000 funcionários. Sua folha de pagamentos chega a 20 milhões de dólares (mais de 200 milhões de cruzeiros) por ano. Um resumo da prestação de serviço às federadas, inclui processamento de contabilidade rural, treinamento para executivos, vendas e "marketing", com aulas teóricas e práticas em todos os setores necessários à dinâmica do desenvolvimento e atuação das cooperativas associadas. Em 1975 essa central faturou a soma de dois milhões de dólares, obtendo um lucro líquido de 200 milhões de dólares. Desse lucro, capitalizou 50% distribuindo o restante entre os associados".

A COTRIJUI PARTICIPIOU DO I CECMG: POÇOS DE CALDAS

A COTRIJUI participou do I Congresso Estadual de Cooperativismo de Minas Gerais, realizado em Poços de Caldas, de 27 a 30 de outubro que passou. A participação da cooperativa ocorreu com a locação de espaço no pavilhão da mostra, onde foram expostos soja, trigo e produtos elaborados como os óleos de

soja fabricados nas fábricas de Ijuí e Rio Grande e rações balanceadas de diversos tipos, além de material promocional sobre a cooperativa, o Terminal Granelero "Luiz Fogliatto" e a COTRIEXPORT.

O diretor-presidente Ruben Ilgenfritz da Silva foi um dos palestrantes do Congresso.

Sua palestra ocorreu no dia 28, tendo abordado o tema cooperativismo, analisado sob os ângulos de produção e mercadologia dessa produção, com ênfase para a pesquisa, vulgarização da pesquisa junto ao meio rural, transportes e conquista de mercados a níveis nacional e internacional.

Outro participante vincu-

lado a COTRIJUI, que palestrou para os congressistas no mesmo dia, foi o professor Mário Osório Marques, da FIDENE, que abordou o tema comunicação e educação no meio rural, levando suas experiências nesse setor desenvolvidas na própria área de ação da COTRIJUI.

Paralelamente ao I Con-

gresso Estadual de Cooperativismo de Minas, realizou-se a Exposição-Feira de Produtos e Atividades das Cooperativas e Órgãos Cooperativistas, junto a qual a COTRIJUI se apresentou com o já referido estande. Na última página estamos dando maiores detalhes do congresso de Poços de Caldas.

PREVISTA CRIAÇÃO DE UMA CENTRAL DE INFORMAÇÕES INTERCOOPERATIVAS

Com uma palestra do Ministro da Agricultura, Alysson Paulinelli, foi encerrado no dia 30 de setembro, em Brasília, o I Intercâmbio Nacional de Comercialização Cooperativista - uma das metas do Programa Nacional de Cooperativismo (PRONACOOP). Reunindo durante três dias mais de 150 participantes, entre líderes, técnicos e dirigentes cooperativistas, o Intercâm-

bio evidenciou, entre as conclusões, a necessidade de se implantar uma Central de Informações Intercoperativistas, para articular operações a níveis de mercado interno e externo.

Dez expositores abordaram temas relativos à comercialização nos setores de carne, leite, algodão, grãos, pesca, suinocultura, hortigranjeiros, consumo e compras em comum. Em

síntese, eis algumas das informações fornecidas pelos pronunciamentos: o setor de carne sugeriu nova orientação da política cooperativista em direção ao mercado interno, face às condições desfavoráveis do mercado internacional, o cooperativismo de algodão está articulando uma integração regional, através das centrais do Ceará, Paraíba e Rio Grande do Norte;

a Nipo-Brasileira ajuda a estruturação de cooperativas de pesca no Amapá, Pará e Pernambuco; a Central do Oeste Catarinense atribui ênfase ao fornecimento de produtos aos restaurantes industriais de São Paulo. No Paraná, a COTRIGUAÇU incrementa suas atividades visando a exportação de grãos; a CCPL, atualmente operando no Rio de Janeiro e áreas de Minas Gerais e

Espírito Santo, tem planos para atuar no Nordeste brasileiro; em Minas Gerais as cooperativas de produção e consumo estão efetuando compras em conjunto, possibilitando a obtenção de economias de escala.

A programação do Intercâmbio incluiu também um "painel", do qual participaram os presidentes da Cobal, Cibrazém e Banco Nacional de Crédito Cooperativo.

OCB ALTERA CALENDÁRIO DO VIII CONGRESSO

A Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB), que decidiu alterar o calendário preparatório que havia programado para o VIII Congresso Brasileiro de Cooperativismo marcado para o próximo ano, entre os dias 14 a 17 de setembro, em Fortaleza.

A medida tomada pela

OCB foi em atenção às sugestões de várias Organizações de Cooperativas Estaduais, para que as cooperativas filiadas tivessem um prazo maior de estudo e preparação dos trabalhos. Assim, também, as OCES teriam mais tempo para as reuniões destinadas a examinar as teses das cooperativas e

depois encaminhar à OCB.

Segundo a nova determinação da OCB, o calendário preparatório do próximo congresso nacional ficou assim estabelecido:

31.01.1977 — Prazo máximo concedido às Organizações Estaduais e do Distrito Federal para auscultarem as cooperativas, espe-

cialmente as centrais e federações e receberem as proposições.

28.2.1977 — Prazo para as Organizações efetuarem revisões e as encaminharem a OCB em Brasília. 1º.3.1977 — a 30.4.1977 — Prazo para uma comissão de alto nível estudar os trabalhos, fazer uma seleção de

modo a reduzi-los ao menor número possível, passando-as à diretoria da OCB. 1º.5.1977 a 15.6.1977 — Prazo para a diretoria da OCB apreciar os trabalhos de seleção da comissão. 16.6.1977 a 31.7.1977 — Prazo para impressão das teses selecionadas e sua distribuição aos interessados.

SEMINÁRIO LATINO-AMERICANO DE INTERCÂMBIO COOPERATIVO

Realiza-se em Curitiba, de oito a 12 do corrente, o Seminário Latino-Americano de Intercâmbio Cooperativo. É uma promoção da Organização das Cooperativas da América, Organização das

Cooperativas Brasileiras, OCB; Associação de Orientação às Cooperativas, Assoccep; Fundação Friedrich Naumann, da Alemanha Ocidental e Organização dos Estados Americanos, OEA.

O conclave deverá reunir entre 40 a 50 delegados de cooperativas de 2º e 3º graus da América Latina, além de alguns observadores europeus e convidados especiais. O local do Seminário

será o Hotel San Martin, à rua João Negrão, 169, Curitiba, Paraná.

Constam do programa o movimento cooperativista na América Latina e suas possibilidades de intercâmbio e integração; tendências da economia no contexto da região; disponibilidade de crédito para o intercâmbio comercial no Continente e outros concernentes ao tema.

DIRETORIA DA AEAP

A Associação dos Engenheiros Agrônomos do Paraná, gestão para o biênio 1976/1978, foi empossada no dia 12 último, tendo a frente o eng. agr. Sílvio Galdino de Carvalho Lima, que substituiu no cargo o eng. agr. Luiz Renato Abreu Maeder.

A nominata da atual diretoria da AEAP é a seguinte: presidente, Sílvio Galdino de Carvalho Lima; vice-presidente, Rubens de Moura Rezende e José Rolin Lams; secretário-geral Wilson Thiesen; 1º e 2º secretários, Rubens Bramer e Santin Guernieri; tesoureiros, Nelson Jorge Cochinski Hasselmann e Savino Folloni e bibliotecário, Luis Renato Abreu.

Departamentos — divulgação e cultura, Felisbino Gonçalves Martins; técnico, Hermes Neri Palumbo; social e relações públicas, Josué Gomes Pinheiro e de núcleos regionais, Duilio José de Paola. Conselho fiscal — efetivos — Rubens Suplicy Ferreira do Amaral, Astrogildo de Freitas, Omar Costa Pinto, Rubens de Paola Xavier e Almir Miguel Defino Lopes. Suplentes — Renato Follador, Solon Rodrigues, Milton Gomes de Campos e Gilberto Gilio Viana.

NOGUEIRA PECAN É UMA BOA OPÇÃO PARA REGIÃO

Acompanhados pelo técnico-agrícola da COTRIJUI, Adroaldo Hartmann, viajaram a Cachoeira do Sul e a Passo Fundo, nos dias 21 e 22 de outubro que passou, vários viveiristas de Ijuí.

O objetivo da visita foi observar o que aqueles municípios vem realizando no setor da fruticultura e principalmente a noqueira pecan, espécie que poderá ter um grande desenvolvimento nas terras em lançante desta micro-região do Estado.

Os viveiristas de Ijuí eram os srs. Alexandre Kriesel, José Siekierski, Vanderlei Mager, Léo Hoffmann e Ademar Corasini.

Em Cachoeira do Sul eles visitaram a propriedade do sr. Alexandre Linck, grande produtor de noz pecan. Naquela propriedade eles observaram a tecnologia empregada e as variedades

des cultivadas, que são em número de 40, importadas dos Estados Unidos. Os métodos técnicos de enxertia também foram atentamente observados.

O interesse pela pecan, dá-se em razão de programa a ser desenvolvido pela COTRIJUI para desenvolver o seu cultivo, a nível comercial. Já a partir do próximo ano a cooperativa comercializará mudas de pecan e frutíferas em geral, aclimatadas para esta região. Num levantamento feito pelo departamento técnico foi constatado ser esta região grande produtora de mudas frutíferas, tanto que é exportadora dessas mudas para outras regiões do Estado, inclusive Santa Catarina e Paraná. A produção de mudas frutíferas em Ijuí é superior a 200 mudas de frutíferas diversas, nos vários viveiros existentes.



OS DEFENSIVOS AGRÍCOLAS COMO IMPULSO ECONÔMICO

Tendo em vista orientar os produtores agrícolas, a indústria e o comércio, inclusive o próprio Governo para a problemática dos defensivos agrícolas, o deputado Loris Reali fez minuciosa análise na Assembléia sobre o peso desses produtos no campo econômico. O *Jornal do Comércio* de Porto Alegre, em sua edição que circulou a 25 último, focalizou importante reportagem baseada no pronunciamento do sr. Loris Reali.

Dada a importância do assunto focalizado, pedimos licença ao jornal porto-alegrense para transcrever a reportagem neste espaço.

"Começou o parlamentar afirmando que, segundo dados fornecidos pela FAO, Plano Mundial para o Desenvolvimento da Agricultura, a taxa de utilização dos defensivos agrícolas, por área e por classe de defensivos, é a seguinte: por área, 50%, América do Norte; 20% Europa, 15% Extremo Oriente, 10% América Latina, 5% África. Os dados merecem um rápido comentário. Assim, como se observa, a agricultura dos defensivos agrícolas no mundo, isto para atender o controle de fitoparasitas que incidem em cinco principais culturas, tais como o milho, algodão, arroz, soja e trigo que somam uma área de 100 milhões de hectares.

Disse o sr. Reali que "entre os países maiores consumidores de defensivos na Europa, destaca-se a França no Extremo Oriente, o Japão; na América Latina, ocupa posição destacada o Brasil.

Ainda a mesma fonte revela a seguinte taxa de utilização de defensivos agrícolas por classe: 55%, inseticidas, 30%, herbicidas; 15% fungicidas. A predominância dos defensivos agrícolas sobre os demais, decorre de que, grande parte da agricultura encontra-se localizada em áreas tropicais e subtropicais, infestadas por insetos. O consumo de herbicidas, deverá em breve superar os inseticidas, face a alta tecnificação da agricultura. A agricultura brasileira possui distância do padrão mundial de utilização dos defensivos agrícolas, predominando também os inseticidas sobre os demais defensivos; contudo, os herbicidas "vêm ganhando terreno face aos demais, tendo sido sua participação percentual de 20% do mercado em 1973 para 29% em 1974".

Para o deputado Reali, a posição do mercado brasileiro de defensivos agrícolas, por classes em 1974, foi a seguinte: 49% de inseticidas; 29% de herbicidas; 16% de fungicidas; 3% de acaricidas; 3% de formicidas. Os percentuais especificados referem-se à venda de produtos formulados. Assim é que o Brasil é o quarto consumidor mundial de defensivos sendo, apenas, superado pelo Estados Unidos, França, e Japão. A produção de defensivos agrícolas no período de 72 a 74 pode ser assim especificada: 1972 — 18.255 toneladas; 1973 — 22.360 toneladas; 1974 — 22.468 toneladas. A diminuição na produção de defensivos no período de 73/74 foi decorrente de problemas técnicos ocorridos com os fornecedores de matérias-primas.

A produção nacional de defensivos agrícolas atende, somente, de 22 a 24% da demanda. A indústria de defensivos agrícolas, isto é, a de formulação a partir de princípios ativos técnicos, vem apresentando uma expansão bastante superior a de fabricação de produtos técnicos.

Continuando o deputado acentuou: "Apresentamos, a seguir, um quadro de confronto entre as importações e a produção nacional de defensivos durante o período de 72/74: 72 — importações de inseticidas — 24.896 toneladas; produção nacional — 14.005 toneladas; De fungicidas — importações — 20.054 toneladas; produção nacional — 4.250 toneladas; herbicidas — importações — 4.750 toneladas; produção nacional — insignificante.

Já nos anos de 1973 e 1974, o aumento é bastante sensível e pode ser assim especificado: inseticidas, importações em 1974: 26.766 toneladas; produção nacional: 14.454 toneladas. Fungicidas — importações: 30.197.074, produção nacional 7.558 toneladas. Herbicidas — importações em 1974: 13.040 toneladas; produção nacional apenas 826 toneladas.

"Entre os inseticidas importados a estatística apresenta o seguinte quadro em toneladas, verificado nos períodos de 1972 a 1974: clorados, em 1972, 13.830 toneladas; 1973, 8.711 toneladas; 1974, 11.514. Fosforado, em 1972, 4.996 toneladas; 1973, 4.036 toneladas; 1974, 5.242 toneladas. Carbamatos, em 1972, 570 toneladas, em

1973, 672 toneladas; em 1974, 684 toneladas.

Mais adiante, Loris Reali afirmou que "a indústria nacional de transformação de defensivos agrícolas, nos últimos anos, vem contribuindo com uma elevada soma de economia de divisas. O índice denacionalização da indústria de transformação dos defensivos agrícolas, que é a capacidade de elaborar produtos finais, a partir de produtos iniciais, a partir de produtos técnicos — finais e técnicos — apresenta os seguintes dados: inseticidas, percentual de formulação no Brasil: inseticida clorado 100%, fosforados sistêmicos 70%, fosforados não sistêmicos 40%. Carbamatos 61%, herbicidas, 26% e fungicidas 40%.

DEFENSIVOS AGRÍCOLAS NO RIO GRANDE DO SUL

"Embora os levantamentos sobre ocorrência de fitoparasitas das culturas econômicas do Estado do Rio Grande do Sul acusem cerca de uma centena, conforme os dados da Unidade de defesa, fomento e Produção Rural da Secretaria de Agricultura, o grande volume entretanto, de defensivos agrícolas consumidos, destina-se ao controle dos seguintes agentes: Na cultura da soja, insetos, lagarta das folhas, broca do colo e percevejo. Invasoras: Milhã, papuã, bermuda e capim-arroz.

Cultura do trigo: insetos — Pulgões verdes, lagartas. Moléstias: Oídio ou cinza, septoriose ou mancha da folha e giberela. Cultura da videira: insetos e ácaros — cochonilhas, ácaro da videira. Moléstias: Antracnose da videira, mildio da videira, oídio e fusariose. Cultura do arroz: Invasoras — capim-arroz, grama boadeira, junquinho, grama de ponta e junco de banhado. Como foi

especificado inicialmente, os agentes acima relacionados constituem os maiores consumidores de defensivos no Estado. Entre as culturas maiores consumidores de defensivos, destaca-se a soja, vindo a seguir a do arroz e a do trigo. A cultura da videira apresenta também uma cultura apreciável de defensivos, representados principalmente pelos fungicidas. Afora o consumo de inseticidas, ultimamente a cultura do trigo vem apresentando um significativo consumo de fungicidas, principalmente com a nova metodologia de tratamento da parte aérea (moléstia).

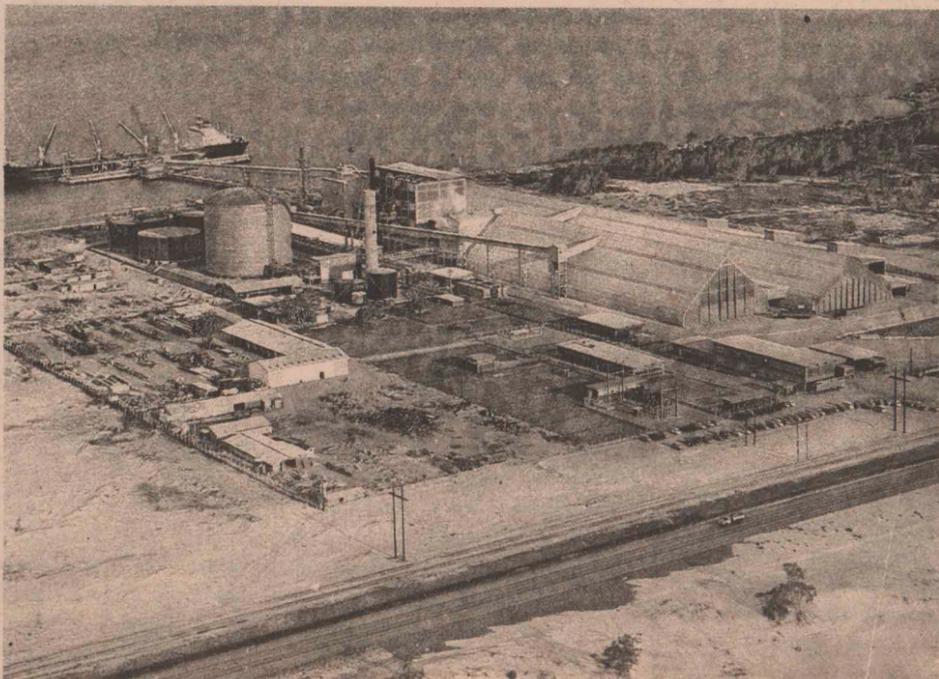
"Não se concebe produção com produtividade sem o uso de defensivos agrícolas, pelo menos atualmente. Então, é preciso que, de fato, o Brasil comece a desenvolver mais as indústrias atinentes a esse ramo. Mas, felizmente, o governo está atento a esses problemas e acreditamos breve termos uma solução para tão crucial problema que vem em prejuízo das lavouras de ciclo anual e culturas permanentes", concluiu o sr. Reali".

1976

Na década da agricultura, o segundo ano de uma grande indústria no Superporto de Rio Grande.

- terminal marítimo, próprio, para navios de até 60 mil toneladas
- capacidade de descarga automática: sólida - 500 t/h e líquida - 700 t/h
- capacidade de produção: 620 mil t/ano - 170 mil de Superfosfatos e 450 mil de NPK e DAP

ADUBOS  TREVO



PREVENÇÃO É A SOLUÇÃO CONTRA INCÊNDIO

Esta página visa chamar a atenção de todos que tenham qualquer parcela de responsabilidade sobre coisas e gente, chamando-lhes a atenção para os perigos e procurando mostrar-lhes os meios de evitá-los, em benefício dos bens sob sua guarda e principalmente das pessoas, que lhe confiam até a própria vida.

Mostramos aqui o fogo, em forma de incêndio, sugerindo medidas preventivas, cuja eficácia dependerá naturalmente do conhecimento que se tiver de como combatê-lo e do treinamento para que a ação seja o mais rápida e eficiente possível.

A importante matéria não é nossa. Estamos tomando a liberdade de transcrever reportagem da revista "Segurança & Prevenção", órgão editado pelo Instituto Nacional de Prevenção de Acidentes (INPA), com sede em São Paulo. A matéria da revista "Segurança & Prevenção" é muito ampla, ampla e de real interesse geral. Damos aqui apenas um resumo do importante trabalho.

Somos um povo privilegiado, um país ao qual a Mãe-Natureza abençoou. Somos despreocupados, despreocupados demais. Aprendemos desde pequenos a ser assim. Não tememos terremotos nem imaginamos o que seja um tufão, e uma tempestade de areia somente podemos criar nós mesmos, claro está que de "brincadeira", jogando para o ar punhados de areia das nossas praias.

Voltamos à palavra despreocupação e pensamos um pouco. Despreocupação também pode se traduzir em descuido, em falta de atenção, e ocasionalmente em negligência. Mas e aí entra o outro lado da História. Vamos refletir e olhar de frente para as tragédias e catástrofes das quais não podemos culpar a natureza. Um exemplo clássico: os incêndios. Não é preciso que se quebre a cabeça em cálculos matemáticos para se perceber que um incêndio é tão trágico, tão destrutivo, às vezes menos, mas às vezes muito mais que a fúria dos elementos.

Se nós brasileiros, cuja inteligência e senso de percepção tem sido elogiado por todo o mundo, pensássemos alguns minutos mais sobre esse inimigo que não nos foi impingido pela natureza, mas que é fruto da nossa própria despreocupação ou falta de prevenção, perguntamos agora, não seríamos nós um povo ou o povo realmente mais despreocupados em todo o mundo? Praticamente, mirando pelo prisma da razão, se nós chegássemos a obter de nós próprios a prevenção contra incêndios (apenas incêndios) não estaríamos atuando ao lado da natureza para que o nosso Brasil se tornasse realmente livre de qualquer espécie de catástrofes e tragédias?

Retrocedamos no tempo e enumeremos as catástrofes que temos sofrido sem o dedo da natureza. As estatísticas mostram acidentes de trânsito, enchentes, e inevitavelmente os grandes incêndios de que temos memória. Vamos citar essas tragédias e suas causas, causas exclusivamente humanas, mais exatamente falhas humanas. Antes, porém, cabe recordar aqui que o Código de Obras de São Paulo, foi feito há mais de 40 anos, e nós continuamos esperando um novo, aliás já em estudo há tempo razoavelmente suficiente para sua elaboração. Pois justamente nessas quatro décadas ocorreram alguns dos mais trágicos incêndios de que se tem notícia, não só em São Paulo mas em outras cidades do Brasil.

Na realidade, não seria exatamente o novo Código de Obras que resolveria de vez o problema dos incêndios. Não seria também um maior número de bombeiros, equipamentos mais modernos, ou água em maior quantidade. Para se ter melhor idéia do que significa prevenção, imagine-se um paciente que vai ao melhor dentista, com o mais moderno equipamento, para obter um dente. Fácil de se concluir que a cárie surgiu porque a pessoa não preveniu, certo?

E é isto exatamente o que ocorre. Sem sequer de longe diminuir o valor indiscutível dos bombeiros que arriscam e, muitas vezes perdem a vida para salvar seus semelhantes, a nossa tese fundamenta-se no sentido da prevenção. Vale dizer, depois do curto-circuito ou do palito de fósforo negligentemente jogado aceso a um maço de papéis, o único remédio é apagar o fogo e aproveitar, se sobrar, o que restou da destruição. Não seria bem mais fácil se o incêndio não tivesse começado? Talvez alguns pensam que isso é quase ou totalmente impossível. Pois a nossa opinião difere. Deve ser possível, de algum modo, prevenir-se que um incêndio comece. Evidentemente, vez ou outra, fatores por vezes inesperados, poderão influir mas mesmo assim não será porque não tomamos as necessárias medidas para prevenir. O que se trata de salientar aqui não é a questão de apagar ou não o fogo, salvar ou não vidas. O que realmente se quer enfatizar e isto já ficou bem claro é que o caminho mais fácil é a prevenção contra incêndios e não a melhora dos melhores meios para combatê-los. Obviamente, o sentido da palavra prevenção é tão extenso quanto é grande o benefício que traz consigo. Em outras palavras, a prevenção abrange uma série de fatores que, adequadamente interligados, geram proteção quase 100% total, no caso específico ao que se refere a incêndios.

Como uma galeria sinistra de um museu de horrores, desfilam os nomes dos prédios: Astória, Andraus, Joelma, Lojas Renner, etc., e para os que viram ou ouviram falar dessas tragédias haverá sempre um calafrio dizendo-lhe que outras tragédias ainda podem ocorrer. Entende-se, podem ocorrer, mas presunimos ter às mãos a arma para evitá-las, ou em último caso, não deixá-las ser qualificadas

como tragédias, mas sim como "um incêndio de pequenas proporções, logo debelado".

Vamos, portanto, olhar para as cicatrizes que esses sinistros deixaram e, ao invés de nos arrepiar de medo do futuro, enfrentar o problema e não apenas tentar, mas resolvê-lo por todos os meios possíveis.

Abordemos então o tema que norteará nosso Congresso em Brasília: prevenção. Primeiramente, um detalhado estudo sobre o sentido exato da palavra. Prevenir é, primordialmente, pesquisar e eliminar as causas de um determinado acidente, no caso específico os incêndios. Partimos deste ponto para uma longa viagem, exaustiva, cheia de pequenos atrasos, mas cuja meta é dar a nosso País e a nosso povo, uma segurança talvez não sentida antes. A quase certeza de que tragédias como as do Joelma, Andraus, Astória e outras não deverão repetir-se.

Vejamos as várias causas que podemos eliminar com mais facilidade e rapidez. Por exemplo, uma legislação que obrigue a dotação de todos os meios possíveis de salvamento na ocorrência de um incêndio, sejam quais forem suas

proporções. Incutir na mente popular que o fogo é ateadado, não surge: não há efeito sem causa. Pois bem. Por que acontecem os curto-circuitos? Porque dois fios descobertos se tocam. Esse curto-circuito não podia acontecer. Desde que os fios tivessem sido examinados periodicamente.

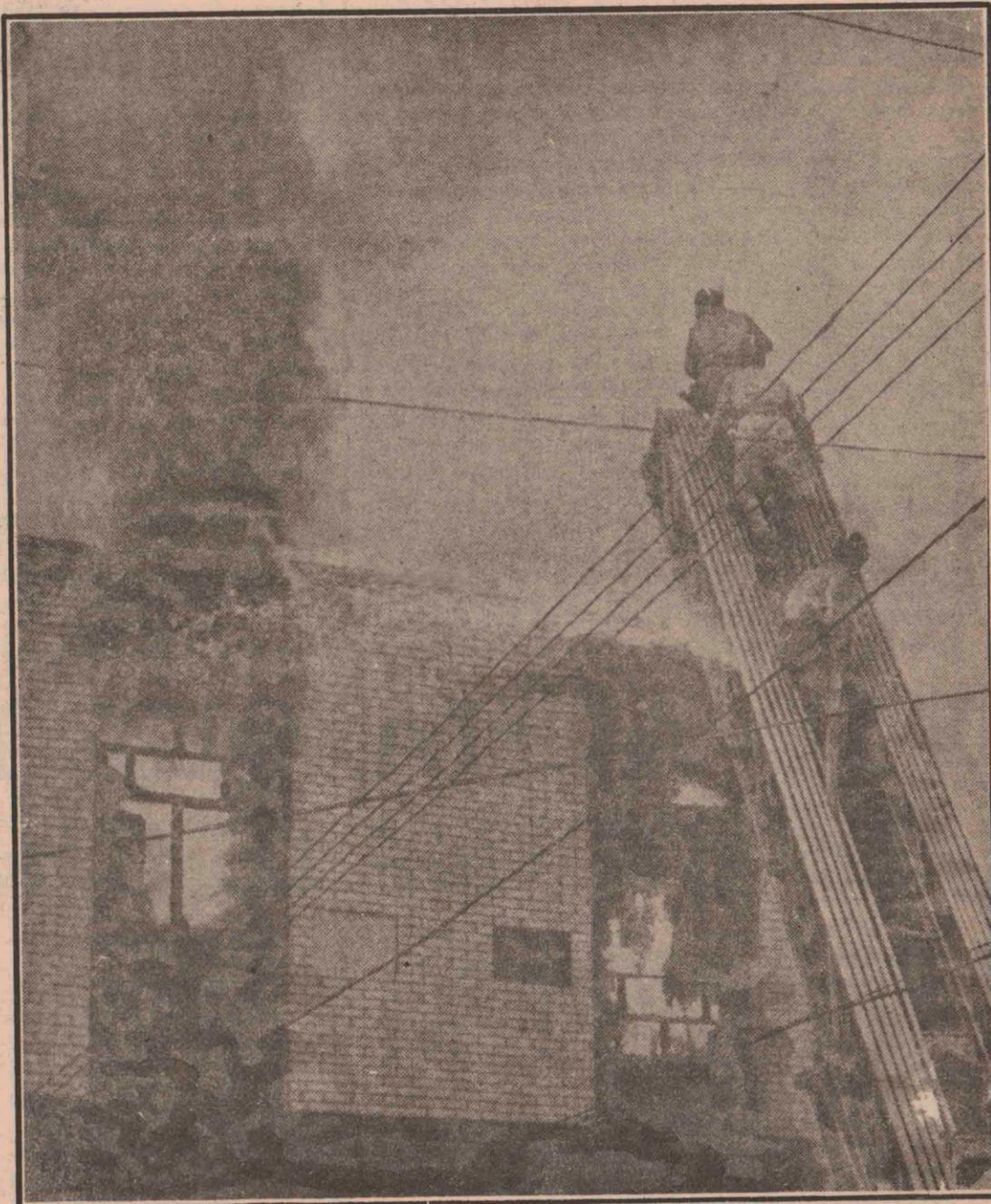
Uma fagulha de um aparelho de ar condicionado causa um incêndio. Mas essa fagulha devia escapar do aparelho? Que se saiba, o aparelho de ar condicionado supostamente não pode e não deve expelir fagulhas. Para tanto, há uma placa protetora.

Para que se forme uma idéia menos atemorizadora do problema dos incêndios e se compenetre de que o problema tem solução, cite-mos o raio, que é uma força da natureza e que apenas um desses fenômenos tem o poder destrutivo de milhões de incêndios (imagina-se que a energia despreendida por um raio equivale à energia de 50 milhões de toneladas de TNT). Contudo, o homem inventou o pára-raio e venceu. Não vamos comparar aqui um raio e os incêndios. Seria quase ridículo. O que buscamos é mostrar que a solução está em nosso poder, de onde surgiu a

idéia da I Convenção Nacional de Prevenção Contra Incêndios.

A convenção será na realidade o primeiro passo efetivo na luta para que nós brasileiros aprendemos a lidar com o fogo somente para fins benéficos. Que aprendamos a circunscrevê-lo no campo das realizações proveitosas para a humanidade. Que aprendemos a dominar o seu lado destrutivo, a evitar o seu lado mau, a prevenir que ele nos vença.

A campanha não será fácil, pois como já foi dito acima, vários e diversos fatores influem na meta visada: a prevenção contra incêndios. Mas nós brasileiros temos um passado repleto de vitórias e esse passado nós não podemos esquecer. Muito ao contrário, é com a fé e a força de vontade que nos norteiam, é com essas duas armas poderosíssimas que vamos atacar de rijo o problema que já nos causou tantas lamúrias inúteis. Não vamos mais encarar os incêndios como algo que "tinha de acontecer", mas como algo que "não pode acontecer". Vamos tirar proveito, embora com algum atraso, dos traumas e cicatrizes que nos deixaram o Joelma, Andraus, Renner, e outros sinistros. Eles pertencem ao passado e lá ficarão.



Evite a eclosão deste extremo, prevenindo-se do incêndio.

PRECÁRIAS AS PERSPECTIVAS DE ALIMENTAÇÃO NO MUNDO

Conforme dados recentes divulgados pela ONU, a população de pelo menos 21 países está sob ameaça de fome crescente. E ressalta que outros 11 estão se aproximando do nível mínimo de 2.300 calorias, por pessoa, o que em linguagem médica equivale ao estado de inanição. Proclama a ONU no mesmo informe, que no mesmo momento que tanta gente em tantos países vive um estado de inanição perpétua, de 30 a 40% de alimentos são anualmente devorados por insetos, ratos e pragas, quer durante o armazenamento, quer no decurso do transporte.

A perspectiva de uma escassez mundial de alimentos não é remota nem imaginária, mas real e próxima, devendo acrescentar-se — ainda conforme os setores especializados das Nações Unidas — que a situação tende a agravar-se devido ao explosivo crescimento da população, que reduz a quase nada os relativos aumentos da produção, apesar do desenvolvimento de novos produtos alimentícios e do recurso a uma eficiente tecnologia, a fim de satisfazer as necessidades, cada dia maiores dos habitantes do nosso planeta.

Trata-se, evidentemente, de um problema que transcende as nações e até mesmo as organizações de âmbito internacional. Primeiro porque aquelas nunca se mostram solidárias, enquanto estas últimas se têm revelado incapazes de resolver os conflitos entre países, assim, como de eliminar ou reduzir as dificuldades que por vezes afetam vastas regiões.

A solução do "deficit" de alimentos está se tornando, de fato, cada vez mais complexa: na década de 60, o grande celeiro norte-americano ainda conseguiu matar a fome de milhões de pes-

soas na Índia, no Paquistão e na Indonésia. No entanto, a escassez desta década já não pôde ser suprida através do programa "Alimentos para a Paz", porque a crise se aprofundou devido às fracas colheitas de cereais na URSS e às dificuldades agrícolas da China, nos últimos anos. Como é sabido, os soviéticos tiveram de apelar para os norte-americanos (e não foi a primeira vez), que venderam parte vultosa de seus stocks, e esta transação, além de ter rebaixado o nível dos gigantescos silos dos EUA, fez elevar as cotações dos cereais no mercado internacional.

A crise não surpreendeu ninguém, pois dela se falava já no fim da década de 60, mas veio confirmar os cálculos dos técnicos do ministério da agricultura do Japão, que em 1972 divulgaram um relatório anunciando uma falta generalizada de alimentos nos anos seguintes e acrescentando que somente por volta de 1980 haveria um relativo e breve equilíbrio entre a oferta e a procura de sorgo, trigo e soja, enquanto deveriam subir os preços do arroz, da carne e do leite. E, no quinquênio de 1980/85, voltaria a acentuar-se a falta de todos aqueles produtos, pelo que, segundo as projeções nipônicas, os preços continuariam aumentando.

A DESNUTRIÇÃO

O aspecto da fome pairava no mundo quando, em 1974, se realizou a Conferência Mundial sobre Alimentação, em Roma. A FAO divulgou então estatísticas alarmantes, assinalando que 1 em cada 8 seres humanos se encontrava em estado de inanição. E foi também noticiado que, nesse ano, devem ter morrido ao redor de 5 milhões de pessoas por motivos diretamente relacio-

nados com a escassez de alimentos, informando-se ao mesmo tempo que as reservas de todos os países (que eram de 100 a 150 milhões de toneladas, da década de 60) haviam entretanto baixado, ao ponto de somente poderem nutrir o mundo num período de 26 dias. E que diariamente estavam nascendo 200 mil crianças, ou seja 73 milhões por ano, e apenas 11% das terras do globo eram cultivadas, assim se explicando a alta progressiva do "deficit" de alimentos.

Embora se trate de um problema que na verdade atinge o mundo inteiro, a situação seria menos grave na América Latina do que em outras regiões, ao que diz a revista econômica latino-americana *Progreso*, esclarecendo por sua vez o Banco Interamericano de Desenvolvimento que a produção de alimentos desta parte do hemisfério superou os cálculos da FAO, pois aumentou 5%, nos anos de 1973/74.

Em relação a 1960, por exemplo, o número de países em que o nível de consumo de alimentos satisfazia as necessidades mínimas passou de 9 para 13, mas, se a produção de alimentos per capita cresceu no conjunto da região, declinou ligeiramente em certos países. É também verdade — pondera a revista latino-americana — que parte da população rural ainda não consome dietas suficientes, já que, consoante estatísticas recentes, quase metade da população da América Latina não alcançou até hoje níveis satisfatórios de nutrição, acrescentando-se que a quinta parte dos seus habitantes continua sendo subalimentada.

Em 1974/75, o setor agrícola teve um crescimento global que pode ser considerado satisfatório, nas circunstâncias já referidas, mas esse progresso é

substancialmente reduzido quando comparado com a expansão demográfica. Os números são eloquentes: a agricultura latino-americana produziu mais 6% em 1974 e aumentou cerca de 3% em 1975 (no Brasil, segundo *Progreso*, a elevação foi de 8,8% em 1975, na Argentina de 6,1% e na Venezuela de 7,6%, mas na Colômbia não chegou a 0,9% e no México atingiu apenas 0,5%), ao passo que na Costa Rica, nas Honduras e no Panamá a terra produziu menos em 1975 do que em 1974. Todos estes resultados negativos se refletiram nos preços internos, que subiram, tendo igualmente aumentado a importação de alimentos, em vários países.

PROGRAMA DE AÇÃO

Edouard Saouma, diretor-geral da FAO, em artigo que *Progreso* também divulgou, salienta que a entidade deveria fazer na América Latina uma política baseada nos seguintes pontos:

- elaborar um planejamento integrado e amplo da América Latina, considerando o setor agrícola e seus vínculos com outros setores econômicos e suas dependências na esfera social; quer dizer, partindo de uma perspectiva global, deveria chegar aos detalhes dos projetos, com destaque para as exigências técnicas da agricultura;

- a adoção de tal política pressupõe um conhecimento profundo das necessidades que só os países interessados possuem, pelo que a ação da FAO precisaria apoiar-se, sempre que possível, nas estruturas regionais existentes e bem assim nas instituições nacionais que se dispusessem a aceitar esse tipo de cooperação.

- deveriam ser descentralizadas as unidades da FAO, não apenas em nível regional, mas

igualmente no dos países, para facilitar a compreensão dos problemas e corresponder com mais eficiência às solicitações dos governos; na opinião do diretor-geral da FAO, além do departamento de Santiago do Chile, deveriam criar-se serviços subregionais que atuariam no Norte da América do Sul, no Caribe, na América Central e no México.

— instituição de um Fundo de Cooperação Técnica, o qual apoiaria o treinamento da mão-de-obra indispensável ao fomento e aperfeiçoamento da produção agrícola.

Concluindo o informe especial sobre o problema dos alimentos na América Latina, destaca a revista *Progreso* que a produção poderá aumentar, nos próximos anos, na condição de serem postos em prática os programas de desenvolvimento adequados. Alguns resultados positivos foram já obtidos: a produção global da região tem aumentado nestes últimos cinco anos, embora com bruscas oscilações, mas evoluindo com base numa taxa média ligeiramente superior à do crescimento populacional. Em 1975, houve um acréscimo de 3,5%, ou seja, mais 0,5% do que o avanço demográfico, o que permitiu até agora afastar o grave perigo da fome que se transformou em aterradora realidade em outras áreas em fase de desenvolvimento.

Contudo, os latinos-americanos têm de fazer ainda maiores esforços nos próximos anos — concluiu a revista — se quiserem eliminar, de fato, esse perigo. Quer dizer, precisarão aumentar o ritmo da produção de alimentos e reduzir, simultaneamente, o índice de expansão demográfica. Do equilíbrio entre as duas taxas depende o futuro da América Latina. E o do mundo também.

FAO ACHA QUE PRODUÇÃO DE CEREAIS CRESCERÁ 6%

Uma previsão da Organização da Agricultura e da Alimentação (FAO) estima que a produção mundial de cereais este ano deverá ser superior em 6%, em relação a 1975.

Conforme os cálculos desse órgão da ONU, a produção de trigo, em 1976, deveria alcançar 401 milhões de toneladas, volume superior em 13% ao registrado no ano passado. Para a produ-

ção de cereais secundários, estima-se que alcançarão este ano 697 milhões de toneladas, quantidade superior em 5% à verificada em 1975 (622 milhões de toneladas).

Com relação ao arroz, está prevista uma produção menor em 2%, este ano, levando-se em consideração no entanto, que a produção de 1975 foi recorde.

MAIORES PRODUTORES

A maior produção de cereais este ano deverá ser da União Soviética: 210 milhões de toneladas, em comparação com apenas 140 milhões de toneladas obtidas em 1975.

Na análise dos fatores que contribuíram para esse sensível aumento da produção mundial, a FAO cita as condições climáticas

favoráveis na maior parte das regiões que, invariavelmente, perdem elevada quantidade de suas colheitas: na Índia, na África do Norte, no Oriente Próximo e na União Soviética.

As estimativas para os países europeus não são otimistas por causa da seca que afetou bastante as plantações. Ao contrário da Europa porém, com as mes-

mas consequências negativas, o excesso de chuvas prejudicou a colheita de cereais em algumas áreas da Ásia e da América Latina.

A FAO calcula que o comércio mundial de cereais, em 1976/77 será de 136 milhões de toneladas, volume inferior em 6% aos 145 milhões de toneladas que circulam no comércio mundial um ano atrás.

OBSERVAÇÕES SOBRE UM BREVE ESTÁGIO EM BRASÍLIA

Entre as técnicas observadas no estágio que realizei em Campinas, na UNICAMP e em Brasília, no INAN, do dia 30 de agosto a 2 de setembro de 1976, chamou-me a atenção a variedade de alimentos que são testados por uma equipe piloto no laboratório Zoo-Botânico de Tecnologia de Alimentos, em Brasília. Este trabalho é coordenado pelo prof. Vivaqua, o qual coordena a Granja Oliveiras, (granja esta que pertence ao ENFA) onde treinam a equipe que prepara diariamente alimentação para aproximadamente 300 pessoas, funcionários e filhos de funcionários em idade escolar, onde servem diariamente um prato à base de soja.

Em Brasília são produzidos pelas panificadoras, diariamente, 10 mil pães com 10% de farinha de soja. Onde oito mil pães são distribuídos nas escolas como merenda escolar. Em contato com o presidente da CAFA, Cel. Pacheco, salientou que o objetivo da Comissão de Alimentação das Forças Armadas é pôr a soja na alimentação dos brasileiros que realmente têm fome e não têm condições de se alimentar melhor, ou seja, não podem comer carne. Como são inúmeras e valiosas as experiências que observei, tracei um planejamento para aumentar o consumo da soja na alimentação das famílias de nossa região. (Noemi Huth)

COMO TIRAR MANCHAS DE CAFÉ

Na edição anterior publicamos clichê, mostrando como retirar manchas de café no vestuário. No entanto, por um lapso técnico, ficaram fora as legendas explicativas. Agora, elas estão aqui.

Assim que o café derramou, deve-se lavar a mancha e passar água

oxigenada (10 volumes) e amoníaco, diluídos. Depois passar o pano embebido primeiro em água oxigenada e depois em amoníaco, até sair tudo. Se o tecido for estampado, esfregar com glicerina e depois lavá-lo com água e algumas gotas de benzina.

NHOQUES DE BATATINHAS

Ingredientes: 750 gramas de batata, 1 ovo, 3 colheres de farinha de trigo, 1/2 colher de manteiga, sal.

Modo de fazer: descasque as batatas e cozinhe-as. Passe no espremedor ainda quentes. Junte então a manteiga, ovo, sal a gosto, misture e adicione aos poucos a farinha. Amasse bem, faça rolinhos e corte em

pedaços pequenos. Cozinhe em água fervente com sal. Sempre em pequenas porções. À medida que o nhoque for subindo à tona, retire com o auxílio da escumadeira. Sirva como molho de tomate e parmesão ralado. Nota: outra maneira é passá-lo no ovo batido e farinha de rosca e fritá-los em óleo bem quente.

REFOGADO VEGETATIVO

2 xícaras de soja cozida; 1 xícara de salsão picado; 1 xícara de tomate picado; 1/2 xícara de pimentão verde picado; 1/4 de xícara de salsa picada; 1 cebola picada; 1 colher das

de chá de sal e tempero vegetal a gosto.

Preparo: refogar todos os ingredientes misturados por alguns minutos até se tornarem tenros.

ORGANIZAÇÃO DO CARDÁPIO

Dona de casa, dedique mais atenção à sua alimentação e de sua família. Escolher o que fazer para o café, almoço e jantar, é um problema que a dona de casa enfrenta todos os dias.

E para resolvê-lo ela precisa considerar uma série de fatores, que vão da economia à boa nutrição. Na alimentação, nem sempre atendemos às necessidades de nosso organismo. Se por exemplo uma pessoa tem o hábito de acompanhar carnes ou peixes com legumes e verduras, seu paladar por acaso acertou dieteticamente: as proteínas das carnes complementam os minerais, vitaminas, hidrato de carbono e celulose dos legumes e verduras, fazendo um bom equilíbrio de nutrientes.

No entanto, o que é mais comum acontecer por uma questão de disponibilidade dos alimentos ou de hábito alimentar, é juntar o feijão com arroz para acompanhar macarrão

com batatas. Nesse caso, o erro alimentar é completo, porque esses quatro alimentos contêm muito hidrato de carbono e nenhuma proteína nem minerais ou outros nutrientes essenciais.

O resultado é uma carência nutricional no organismo e até desequilíbrio de peso. Com um pouco de planejamento na organização dos cardápios pode-se diminuir a tarefa de cada dia, diminuir os gastos com a alimentação e criar hábitos alimentares saudáveis. Em outras palavras, garantir a saúde pela alimentação.

Como planejar: Para facilitar o planejamento é preciso escolher alimentos da safra, porque são mais baratos e oferecem maior valor nutritivo.

O planejamento do cardápio não deve ser feito a longo prazo. No máximo por um mês. Além das estações do ano, também devemos considerar as preferências das pessoas da família.

ALIMENTAÇÃO COM SOJA EM CORONEL BICACO

Realizou-se nos dias 15 e 16 últimos, em Coronel Bicaco, tendo como local o Clube Ouro Verde, um curso sobre a alimentação de soja para professores municipais e rurais do município, ministrado pela professora Noemi Huth, responsável pelo setor de economia doméstica da COTRIJUI.

O curso foi encerrado com um almoço à base de soja, com total aceitação dos pratos preparados pelas próprias cursistas. Participaram do almoço, funcionários da Unidade da COTRIJUI de Coronel Bicaco, o sr. Pedro Bizarello (conselheiro da COTRIJUI) e os professores cursistas: Emeri Wollmann de Souza, Ana Evanir Fortes, Vera Maria Marques, Maria Sueli Kerpel de Souza, Ivo Lena, Jeová Pereira Fagundes, Jorge Luiz Novachinski, Ana Regina Goblei, Hélia de Almeida, Hilda S. Marques, Rosa Maria Bueno, Nair F. C. Almeida, Carmem de Moura Reis, Celi J. Briato, Zaida Souza Santos, Eleni Souza Azevedo, Clair Para-

nhos, Conceição Fátima Rodrigues, Irene Ferreira Lima, Noely Viana Gomes, Pedro da Silva, Tereza da Silva, Luzia Kanello, Antonieta Rochak, Erotilde Mosselin, Elia Vigne, Nelci Maria de Oliveira, Marlene S. Viana, Maria Lurdes de Oliveira, A. Siqueira, Helena J. Barcelos, Iracilda Martins, Sô-

nia Maira Cavalheiro, Ivone de Lima Diniz, Maria Briato de Melo, Janete Lurdes Kerpel, Lenir da Silva, Tânia Maria da Rosa Daneli, Eloá Vieira, Maria Neide Diniz Benites, Leonice Maria Salette Diniz, Eliane Beatriz Soares, Vera Regina Marson da Silva e Clélia Marcelos Zanela.



NÚCLEOS DE SENHORAS EM AUGUSTO PESTANA

Dentro do projeto de introduzir a soja em nosso hábito alimentar, tem-se obtido uma aceitação dos pratos preparados à base de soja, não só pelo sabor mas também pelo seu valor nutritivo.

Nas reuniões de núcleos de senhoras tem-se comprovado o que já vínhamos colocando desde a primeira edição desta página. Na foto, aspecto de uma reunião do núcleo de senhoras de Linha Progresso em Augusto Pestana, na qual preparamos uma feijoada com 50% de soja e 50% de feijão. Ao final da reu-

nião todos provaram a feijoada, senhoras, senhores e crianças

presentes, inclusive repetindo a prova, até 3 vezes.



nas e cereais. Macarrão, batatas, trigo, feijão, podem ser servidos sempre, mas não juntos. Um dos grandes erros em nossa cozinha vem justamente da complementação feita com alimentos deste grupo. Quinto grupo: gordura, açúcar, manteiga, temperos. De modo geral este grupo compreende os ingredientes usados no preparo dos pratos.

Regras para melhor planejar seu cardápio: Respeitar sempre a ordem de servir os pratos. Primeiro, a entrada fria, depois a sopa, o prato principal, acompanhante, segundo o cardápio escolhido. Essa indicação não é obrigatória, se não há entrada fria, a refeição começará pela sopa. Evitar repetir ingredientes básicos, temperos fortes ou pratos de consistência parecida.

Não usar nos cardápios do dia pratos parecidos, como carne ensopada no almoço e peixe ensopado no jantar. Não servir dois alimentos feculentos na mesma refeição: uma salada de batatas não pode estar no mesmo cardápio de macarrão.

A aparência visual influi muito na apreciação de uma refeição. Por

isso deve-se procurar a variedade na cor entre diversos pratos. A sobremesa também deve combinar com os pratos da refeição. Se foi servido um prato pesado, a sobremesa deve ser de frutas frescas ou cremes leves.

A refeição matinal também deve ser planejada, para tirar o hábito do café com-leite-e-pão. Procurando introduzir frutas, ovos e carnes. O cardápio deve adequar-se aos dias quentes ou frios: pratos gordurosos, de digestão mais difícil, são para os dias frios e as sopas no verão devem ser substituídas por saladas e entradas frias. Atenção especial para os molhos, porque um molho bem combinado com o prato pode modificar completamente um cardápio. Por isso é importante que a consistência do prato corresponda a do molho: molhos cremosos não podem ser acompanhados de alimentos farinhosos. O molho pode ter duas funções, suavizar ou reforçar o sabor do prato. Depois que é feito o planejamento fica mais simples para a dona de casa preparar as refeições diárias, considerando inclusive os gostos da família.

UM ABRAÇO NA JOVEM IJUI



Com a expressão "Um abraço na jovem Ijuí", em mensagem publicitária mandada inserir nos jornais da cidade a 19 de outubro que passou, a COTRIJUI sintetizou a sua alegria e o seu amor por este chão sagrado que a gerou e a mantém em espantoso crescimento.

É importante ressaltar aqui que a expressão da mensagem publicitária da COTRIJUI não se resume numa simples frase de efeito, numa motivação meramente retórica. O cooperativismo brasileiro tem demonstrado, nos últimos anos, a sua força no concerto da economia nacional.

É essa uma realidade incontestável. E nesse conjunto de âmbito nacional, a COTRIJUI está presente, está em relevo, como uma alavanca que impulsiona as diretrizes de parcela ponderável do desenvolvimento regional.

As festividades alusivas aos 86 anos de Ijuí foram prestigiadas pela presença do governador do Estado, sr. Sinval Guazzelli, que permaneceu por quatro horas na cidade fazendo visitas e inaugurando obras. Além do governador do Estado, estiveram em Ijuí o secretário da Saúde, Jair Soares e os deputados Alberto Hoffmann e Rubi Diehl. O comandante do 1º Grupamento

de Fronteira, sediado em Santo Ângelo, general Arídio Martins de Magalhães, também prestigiou as solenidades com as autoridades locais, que teve a frente o prefeito Emídio Odósio Perondi.

O governador Sinval Guazzelli foi recebido na COTRIJUI por todos os seus diretores, tendo a frente o presidente Ruben Ilgenfritz da Silva e o vice-presidente, Arnaldo Oscar Drews. Na cooperativa, após animada palestra, o governador recebeu das mãos do eng. agr. Ruben Ilgenfritz da Silva, uma carreta-símbolo da região, como lembrança de sua estada aqui, conforme aparece na fotografia.

TENENTE PORTELA

INAUGURADA AGÊNCIA DO BANCO DO BRASIL

Em solenidade que contou com a presença do governador do Estado, sr. Sinval Guazzelli; secretário da Agricultura, sr. Getúlio Marcantônio; diretor da 7ª região do Banco do Brasil, sr. Daniel Faraco e autoridades locais, tendo a frente o prefeito municipal, sr. Israel Capellari; bacharel Almendorino Furtado, juiz de Direito; Albino Furini, presidente da Câmara Municipal e toda a direção da COTRIJUI, foi inaugurada no dia 15 último a agência do Banco do Brasil.

Os atos inaugurais tiveram início às 12 horas com o hasteamento dos pavilhões nacional, estadual e municipal a cargo do governador Sinval Guazzelli e outras autoridades. Falou, em primeiro lugar o gerente da nova agência do estabelecimento, sr. Nelson Dereti, seguido do prefei-

to municipal, sr. Israel Capellari. Logo após o sr. Daniel Faraco fez o seu pronunciamento em nome de toda a alta direção do Banco, falando em último lugar o governador Sinval Guazzelli, que ressaltou o progresso que vive o Rio Grande do Sul, tomando como exemplo a região ceireira, da qual o município de Tenente Portela é uma célula muito importante.

A COTRIJUI, que mantém uma grande unidade no município, além de operar com a prestação de serviços de todos os níveis (assistência técnica, financiamento, comercialização, armazenagem, super-mercado, etc.), prestigiou o grande acontecimento comparecendo ao ato com toda a sua direção que se deslocou de Ijuí, além de dirigentes e técnicos lotados na unidade local. Pela COTRIJUI, participa-



ram do ato o diretor-presidente, Ruben Ilgenfritz da Silva; vice-presidente, Arnaldo Oscar Drews; superintendente Clóvis Adriano Farina; diretor-financeiro, Oswaldo Olmiro Meotti e diretor de patrimônio, Léo Miron. Clóvis Augusto Canova, gerente da

COTRIJUI em Tenente Portela, representou nos atos a unidade local. Presentes também à solenidade os gerentes da COTRIJUI em Santo Augusto e Coronel Bicaco.

Na fotografia que ilustra este texto, a moderna fachada da

Agência do estabelecimento, que se localiza em ponto central da cidade.

O prédio tem 900 metros quadrados de área bem distribuída, para atender os agricultores e empresários de Tenente Portela e Miraguai.

CORONEL BICACO

COTRIJUI PROMOVE PLANTIO DE ÁRVORES

A COTRIJUI leva a efeito no município um programa de arborização e ajardinamento na Escola Rural "Galpões", na localidade de Esquina São João.

A escola foi beneficiada

com o plantio de 260 mudas de árvores, sendo 90 de frutíferas e 172 de variedades silvestres, ornamentais e de sombra. O projeto de arborização da escola foi elaborado pelo departamento de

comunicação e executado pelo departamento técnico da cooperativa, com a colaboração do professor João Carlos Vigne, diretor da escola, também com o apoio e colaboração direta da co-

munidade. Lembrada a Semana da Árvore em solenidade com a presença, entre outros, de Alberto Tomelero, do setor de comunicação e educação no município; eng. agr. Paulo Jessé

Schmidt e técnico Valdomiro Dallabrida, ambos do departamento técnico, perante professores da escola e alunos. Na foto uma vista parcial do início do plantio.



AUGUSTO PESTANA

I FESTIVAL TRADICIONALISTA

O Centro de Tradições Gaúchas "Álvaro de Carvalho Nicofé", do município de Augusto Pestana, promoverá durante os dias 26 a 28 do corrente mês, o I Festival Regional Tradicionalista. Local: Ex-Colégio Santo Alberto.

Será a seguinte a programação constante do conclave, que por certo levará a simpática cidade de Augusto Pestana um grande público que sempre prestigia os encontros da tradição.

Dia 26 — sexta-feira — Re-

cepção e alojamento das representações que se fizeram presentes. Dia 27 — sábado — às 6,00 alvorada festiva, executada pela Banda Municipal "Jorge Antonio Müller". A seguir, roda de chimarrão, com variada charla onde se destacarão os contadores de "Causos" e histórias gaudérios. 7,00 horas, café, 8,00 horas, hasteamento dos pavilhões Nacional do Rio Grande do Sul e dos CTG presentes. 8,30 horas, identificação e credenciação das delega-

ções. 10 horas, abertura solene do Festival pelo presidente do Movimento Tradicionalista Gaúcho, sr. Onesimo Carneiro Duarte. 12 horas, churrasco típico (carne, pão e farinha de mandioca). Às 14 horas, reinício do Festival; 16 horas, café com sonhos; 18 horas, arreamento das bandeiras; 18,10 horas, roda de chimarrão. 19 horas, jantar. Será servido um arroz de carreteiro. 20 horas, tertúlia crioula. Às 21,30 horas, animado fandango

na Sociedade Cantora e Ginástica. No dia 28 — domingo — 6,00 horas, alvorada pela banda "Jorge Antônio Müller", seguida de roda de chimarrão, com "causos". 7,00 horas, café, 8,00 horas, hasteamento dos pavilhões. 9,00 horas, missa crioula (campal) e 10 horas, continuação do Festival.

Às 12 horas, churrasco típico. 13,30 horas, palestra sobre temas do folclore gaúcho pela professora Lia Argentina e ou-

tros convidados e prosseguimento do Festival. 16,00 horas, café. 18,00 horas, arriamento das bandeiras. 18,30 horas, roda de chimarrão e caipirinha; 19 horas, jantar a base de arroz de carreteiro; 20,00 horas, tertúlia crioula e 21,30 horas, fandango de encerramento na Sociedade Cantora e Ginástica.

O CTG anfitrião, "Álvaro de Carvalho Nicofé", tem como patrão o médico dr. Orlando Dias Athayde.

AJURICABA

CRIADO O DISTRITO DE MEDIANEIRA

Em ato realizado no dia 3 de outubro, na Vila Florida, perante autoridades e grande público, foi instalado o 4º distrito de Ajuricaba, com a denominação de Medianeira.

Os atos oficiais tiveram início às 8,00 horas, com o hasteamento das bandeiras Nacional,

do Estado e da Escola Evangélica Luterana Sião, com recepção às autoridades e convidados especiais às 9,00 horas. Às 10,30 horas, em palanque armado na praça de esportes da escola, foi procedida a solenidade de instalação da nova fração administrativa do município de Ajuricaba, presen-

tes, altas autoridades, tendo a frente o prefeito Notélio Mariotti, representante do governador do Estado e deputados federais e estaduais.

Iniciando a solenidade, falou o vereador Guilherme Tomm representante da localidade na Câmara Municipal e autor da

proposição que redundou na criação da nova unidade administrativa. A seguir, falaram o sr. Geraldo Sperotto, em nome do prefeito Notélio Mariotti; o deputado federal Alberto Hoffmann; o deputado estadual Rubi Diehl; o representante do governador Sinval Guazzelli e o pastor

Ari Pfluck, diretor da Escola Evangélica Sião, declamando uma poesia de sua autoria, que enaltece o trabalho dos pioneiros alemães e italianos que, se instalando na região no princípio do século, transformaram Ajuricaba numa comuna de franca prosperidade.

CORONEL BICACO

PROFESSOR HOMENAGEADO EM SEU DIA

No dia 15 de outubro, data consagrada ao professor, a COTRIJUI de Coronel Bicaco ofereceu à classe um churrasco de confraternização.

Participaram da homenagem cerca de 60 professores do município, num ambiente de alegria e confraternização.

A frente da homenagem aos mestres de Coronel Bicaco, o gerente da COTRIJUI no município, sr. José Dorneles de Carvalho, que ofereceu

a homenagem.

Na tarde do mesmo dia, os professores ofereceram um coquetel em homenagem à professora Clélia

Coimbra da Silveira, coordenadora do Ensino Municipal. Na foto uma vista parcial do churrasco oferecido pela cooperativa.



A RIQUEZA DA ARTE POPULAR NO BRASIL

O Brasil é um país geograficamente muito extenso; pode se dizer, continental. De outro lado, sua população é a mais variada.

Sua geografia humana, além disso, absorve raças de todos os tipos e origens, formando um cadinho que não encontra similar em qualquer outra parte do mundo.

Se é rica a geografia humana, rico é o folclore, as tradições, frutos de usos e costumes populares no país.

Quem tem viajado pelo Brasil, já tomou contato com essa variedade de hábitos, frutos da heterogenia de raças que o habita, cada um com suas cores, suas canções, seus ditos populares e expressões características.

O sul nos é bem conhecido. A influência da gênese espanhola em fusão com os costumes lusitanos, mais a mescla do índio, e o contato com a geografia campesina local, formou o gaúcho, esse "taura" largado que tão

bem identifica o populacho sul-rio-grandense, e cuja identificação ultrapassa as fronteiras brasileiras do Chui-Quarai, para se perder na imensidão do pampa uruguaio-argentino, em direção à Patagônia.

O assunto é atraente, bom para discorrer; mas o espaço curto, e precisamos falar do Brasil, que é muito grande. Por isso deixemos o Rio Grande e suas tradições gaúchas para falar, em breves traços, de folclore do norte e nordeste. Mas é preciso falar superficialmente, pois sua riqueza e variedades exigem grandes espaços.

Somente as danças coletivas tradicionais no norte e nordeste, dão para encher espaços enormes. Ficamos na citação do Bumba-meuboi, de tanta riqueza cênica e musical; o Pastoril, festividade de cunho natalino; a Congada, que revive as lutas entre mouros e cristãos e até mesmo o carnaval, com



suas cores locais, enriquecido pelo frevo pernambucano de tanto encantamento hoje em todo o Brasil.

O artesanato, manifestação de cultura primitiva, no norte-nordeste participa com destaque, dando cor e vida locais. É no trabalho manual, que requer paciência e dedicação constantes; trabalho sofrido e demorado, que se pode analisar, medir, as tendências psicológicas do povo.

Não deve restar dúvida que é nas artes populares, nos usos e costumes popula-

res que se pode pesquisar, com amparo científico, a história dos povos.

É no nordeste que se pode tomar contato com a cerâmica Marajoara, as esculturas em barro como as do conhecido Mestre Vitalino; as redes tecidas à mão, os trabalhos em couro, em corda e mesmo com folhagens e flores nativas, que já despertam curiosidade em outros países, como Europa e Estados Unidos.

O folclore do norte-nordeste é rico em cores, imagens e em religiosidade.

As famosas carrancas do São Francisco, trabalho manual de expressividade bárbara, tem conotação mítica, portanto, aparecendo como ente religioso. As "carrancas" são geralmente colocadas na proa dos barcos dos nativos. Seu objetivo, segundo a crença geral, é espantar os maus espíritos que rondam as embarcações que navegam o rio São Francisco e seus afluentes.

A "carranca" que ilustra este texto é uma foto de Jean Solari, publicada no Jornal "Unibanco".

À SOMBRA DAS RUINAS: O CULTO ÀS TRADIÇÕES

Durante uma semana — de 5 a 12 de outubro — Santo Ângelo reviveu uma página da formação étnica e territorial do Rio Grande do Sul, ao sediar a parte folclórica do Projeto Cultur, numa promoção das Secretarias da Educação e Cultura e de Turismo do Estado. Participaram também do empreendimento, que levou às Ruínas de São Miguel, nas proximidades da cidade de Santo Ângelo, artistas, historiadores e estudiosos do folclore de várias partes do

Estado e mesmo de outras unidades da Federação, como foi o caso da professora e folclorista paulista, Laura Della Monica, a Prefeitura santoangelense e Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do mesmocomunício.

Durante o transcórre da segundaetapadoCultur — a primeira foi artes plásticas em Porto Alegre e a terceira, teatro, em Pelotas — o público assistiu espetáculos de verdadeira consagração telúrica à formação étnica do Rio Grande do Sul.

Conferências — dentre elas, sobre a lenda do Negrinho do Pastoreio — e espetáculos de canto e dança, declamação e religiosidade, expressaram uma espécie de hino à América Espanhola, resultando num êxito cultural. Mesmo que tenha havido êrros, estes devem ser levados a conta da inexperiência e do ineditismo do empreendimento. Outros projetos Cultur (que quer dizer cultura e turismo) devem suceder o que aconteceu em Santo Ângelo de 5 a 12 de outubro que passou.

PERNAS DE PAU! VOCÊ LEMBRA?

Pernas de pau, carrinho-de-lomba, patinete, vocês lembram? Não! Não creio que sejam folclore. Mas, oh que saudades que eu tenho...

O mundo era outro. Calmo, quase pachorrento, tudo estava por ser feito. Então era preciso ter imaginação.: duas ripas, algumas taboinhas, pregos e um martelo, e estava feito um brinquedo que por ser rústico, servia de distração e de ginástica ao mesmo tempo.

Hoje não dá mais. As ruas são muito perigosas para a perna de pau e carrinho de lomba, cadê campo para deslizar?



A REVOLUÇÃO FEDERALISTA E O ALMIRANTE SALDANHA DA GAMA

Na cidade de Pelotas, à rua 15 de Novembro entre avenida Bento Gonçalves e rua General Argolo, os passantes mais atentos param para ler placa alusiva a um fato marcante na vida nacional e que marcou a ferro e fogo o final do século XIX. Foi a Revolução Federalista de 93, que eclodiu no Rio Grande do Sul em apoio à revolta da Armada, sublevada sob o comando do almirante Custódio José de Melo, e que tanto sangue inútil derramou, encharcando o solo da Pátria.

Hoje, decorridos 81 anos da paz assinada em Pelotas, esta seção lembra um dos vultos mais expressivos de quantos bateram

se em prol do ideal defendido. Focalizamos o vice-almirante Luis Felipe de Saldanha da Gama, um austero militar cujos ascendentes remontavam ao Conde da Ponte e Marquês do Pombal, que teve fim inglório no chamado Campo dos Osórios, município de Santana do Livramento.

Mas, em tendo um fim inglório — forçoso é reconhecer — ele caiu de pé na defesa intransigente do ideal abraçado ao qual dedicou tudo o que possuía, culminando com a própria vida. Honesto, de uma finura e brios de moldes aristocráticos, foi fiel e intransigentemente coerente até ao trágico fim, ao ser abatido no campo de luta.

Monarquista? Sim. Até a medula, por descendência e formação. Mas nunca um anarquista. Quando Custódio de Melo levantou a Armada contra a República, forçando a renúncia do Marechal Deodoro, Saldanha da Gama, defensor intransigente da ordem e da legalidade, ficou ao lado do Governo. Ele desprezava o republicanismo. Mas, fiel, disciplinado e disciplinador, submetia-se à vontade da maioria. Se não brandia a espada na defesa declarada do novo regime, não a desembainhava igualmente para defender a monarquia deposta.

É aí que começa o romance da sua vida. É um romance

sem ficção, posto que calcado na realidade.

Dentre os muitíssimos problemas do Marechal Floriano, ao assumir a presidência no lugar de Deodoro da Fonseca, estava o almirante Custódio José de Melo, demissionário da Armada. O motivo era o apoio que o Governo federativo estava dando aos partidários de Júlio de Castilhos na luta contra os federalistas de Gaspar da Silveira Martins, no Rio Grande do Sul.

Floriano, outra força moral de real grandeza — e muito justamente cognominado o Marechal de Ferro — lembrou de colocar no Ministério o almirante, famoso por sua cultura, disciplina e distinção. Na época, era Saldanha da Gama diretor da Escola Naval.

A 28 de abril de 1893, Floriano oficializou convite ao almirante. Este leu a carta do presidente, pensou alguns instantes, e respondeu:

"Não posso compreender o convite, V. Excia. sabe que se eu estivesse no Brasil a 15 de novembro de 1889, as coisas não teriam se passado como se passaram; sabe também que insisti, com todas as minhas forças, para que o Exmo. Sr. Marechal Deodoro não lhe entregasse o Governo, oferecendo-me para dominar a revolta da Esquadra; e mais ainda: há bem pouco, quando V. Excia. recebeu neste palácio uma delegação vinda de Niterói, a qual veio pedir providências a V. Excia. com relação a uma conspiração monárquica em que o venerando Almirante Tamandaré era o presidente e eu o secretário, V. Excia. brindou os delatores com champagne e prometeu agir de acordo com as exigências do caso. Nestas condições, passou pelo cérebro de V. Excia. que eu podia ser um conspirador. Depois disso, só posso pensar que o convite que acaba de me fazer é com o fim de experimentar o meu caráter ou pretender inutilizar-me. Não dou a V. Excia. o direito de pensar em qualquer dessas hipóteses. Não aceito o convite".

Luis Felipe de Saldanha da Gama respondia ao presidente com a mesma altivez, energia e segurança que o havia tornado um nome respeitado em toda a Marinha.

Nascido em Campos, Rio de Janeiro, em 1846, sai guardamarinha da Escola Naval, em 26 de novembro de 1863. Um ano depois tem seu batismo de fogo contra os paraguaios, em Paissan-

du. Segundo tenente em 22 de dezembro de 1865 e elevado a primeiro-tenente em janeiro do ano seguinte. Culto, bem apessoado e de rígida formação moral, faz carreira surpreendente na Marinha. Membro de várias comissões do Brasil no exterior, devido a sua cultura é nomeado diretor da Escola Naval em 1892. Mas essa carreira brilhante é interrompida em 1893 quando irrompe a revolta da Armada, chefiada por Custódio de Melo.

Saldanha da Gama, legalista, permanece com o republicanismo representado por Deodoro da Fonseca. Com a renúncia deste em prol de Floriano, considera-se desobrigado, aderindo finalmente à revolta.

Em 1895 vamos encontrá-lo no Rio Grande do Sul.

É uma madrugada de 24 de junho. O minuano cortante sopra nas canchadas do pampa, enregelando até aos ossos, nas planícies descampadas. Saldanha da Gama, treinado para as procelas bravias de mares escarpados, sofre a hostilidade do inóspito do terreno. Além disso, a escassez de comida, de roupa e munição, lhe fez pressentir que o fim está próximo.

Seus combatentes, como ele próprio, são marinheiros. Gente que estranha as coxilhas e o cavalo. Gente que, como ele, sente saudades da brisa marinha e do rumor das ondas quebrando no casco do barco que corta as águas azuis dos aceanos.

Súbito, um tropel forte anuncia a chegada do inimigo. São os combatentes do coronel João Francisco Pereira de Souza, em número muito maior do que os marinheiros de Saldanha da Gama. O primeiro ataque é repellido; mas logo, cargas sucessivas de cavalaria vão derrubando um a um, os federalistas. Diante do morticínio inútil, verdadeiro massacre, Saldanha ordena a retirada, que já se realiza em desordem.

Salvador Tambeiro, um incorporado de João Francisco, avista um graduado que se afasta e sai em sua perseguição. Tambeiro lanceia-o com ferimento mortal. É o fim de uma carreira brilhante. O vice-almirante Luis Felipe de Saldanha da Gama tomba no Campo Osório na defesa do seu ideal. Luta inglória, posto que inútil. A República estava consolidada.

Conforme relatamos no início deste comentário, na tarde de 23 de agosto de 1895, a paz era assinada em Pelotas (RAUL QUEVEDO).





GLINKA, O PATRIARCA DA MÚSICA RUSSA

A expressão que se tornou provérbio, "ninguém é profeta em sua terra", pode ser considerada universal. Ela encontra êxito em Mirráil Glinka, inegavelmente o patriarca da música russa. Ele precisou morrer para ser reconhecido como tal.

E esse tardio reconhecimento de sua arte e valor humano, não foi em absoluto por falta de tentativas de demonstração de seu exuberante talento. Mas sim pelo desprezo que havia na Rússia czarista pelas coisas da

Pátria mãe: pelo espírito nacional propriamente dito.

Na Rússia oitocentista da época de Mirráil Glinka, falava-se o francês e cantava-se em italiano ou alemão. A língua e o canto russos ficavam para a plebe, para os "ivanovits", cossacos e mongóis, que habitavam as estepes mais afastadas do vasto e empobrecido império czarista.

Mas Glinka, que apesar de nascido em berço nobre e rico, dessa nobreza que falava francês

e cantava italiano, não se conformava com essa dependência à cultura e arte estrangeiras. Ele não só era russo de cidadania como pensava em russo. E como pensava, compunha. Foi o primeiro a escrever uma ópera russa, o primeiro a enfrentar a predominância estrangeira e o primeiro a criar uma escola de compositores exponencialmente russa. Por tudo isso, passou a ser também o primeiro no coração de seus compatriotas. Ele preparou o cenário para o surgimento da "safra" de gênios que povoaria a Rússia desde o Cáucaso até os Urais, de nomes como Rimsky-Korsakov, Borodin, Dargomyzky, Mussorgski, Balakirev, Katskaturian, Tchaikovsky, e muitos outros.

Glinka nasceu em Smolensk, no ano de 1804. Um ano aliás, marcado por grandes acontecimentos: Napoleão se coroa como imperador; nasce Disraeli;

Schiller publica Guilherme Tell; morre Emmanuel Kant; nasce George Sand; Beethoven dá a conhecer a Sinfonia Heróica; nasce Strauss (pai).

A Vida pelo Czar (primeira ópera russa) e Ruslan e Ludmila. Jota aragonesa e Lembrança de uma noite em Madri, aberturas sinfônicas que marcam sua passagem e encanto pela Espanha, são suas obras mais conhecidas no ocidente.

Na expressão de Liszt, Glinka foi o "patriarca e profeta da música russa". Foi a inspiração para o grupo dos Cinco, que não somente criou mas também deu maioridade (em apenas uma geração) ao fantástico universo da música russa.

Ao lado de Dostoiévski, Puchkin, Tolstoi e Gogol, Glinka foi parte atuante do vigoroso despertar artístico no vasto território da Rússia. A participação do artista para a russização da

música em seus pais, foi fundamental. Seu gênio e patriotismo deram-se bem para compor uma música que fosse familiar a todo o povo, indistintamente. E não só conseguiu, como sua música serviu de estímulo — e mesmo de modelo — para a grande série de compositores russos que vieram depois.

Suas inovações orquestrais anteciparam-se a Tchaikovsky e a Rimsky-Korsakov. Glinka utilizou pela primeira vez a escola litúrgica completa que triunfou posteriormente com Mussorgski e alcançou fama universal com o francês Debussy.

Foi um talento colossal. Escrevia Tchaikovsky: Glinka é digno de figurar entre o mais alto e o mais profundo da arte nacional. Sem exagero. Durante muitos anos ainda os compositores russos beberão dessa fonte puramente russófila que foi Mirráil Glinka.

JOÃO DA SILVA E OS CANDIDATOS

Raul QUEVEDO

João da Silva preparou-se para ouvir o grande debate. Afinal, aproximava-se o 15 de novembro, e ele, sabendo que o voto é obrigatório por Lei, não se decidira ainda.

Aliás, um colega lhe advertira: caso deixasse de votar, poderia até perder o salário de três meses consecutivos.

João da Silva não era de incomodar vizinho, mas naquela circunstância, não

havia alternativa. Era preciso ver os candidatos, ouvi-los, julgá-los psicologicamente. Segredava-lhe uma espécie de sexto sentido, de que eleição é coisa séria; coisa de muita responsabilidade.

... Pois se não fosse, o Governo não lhe obrigaria a votar. Quem deixa de votar pode ser preso; pode até perder o salário. E isso jamais lhe aconteceria. Ora já se viu, deixar de cumprir

um dever cívico. . . Votaria sim, mas votaria bem.

Desejava escolher o que melhor falasse, o que melhor se comunicasse. Não necessariamente aquela comunicação tipicamente verbal, de retórica de comício (retórica, que lindo, sentiu-se importante ao pronunciá-la); mas escolheria o que falasse mais objetivamente, em suma, o que demonstrasse maior coerência e senso de responsabilidade social e pessoal.

Seu falecido pai já lhe dizia: "filho! Homem que não se respeita a si, não respeita os outros". E complementava o saudoso genitor: "Respeito começa por casa. . ."

De sorte que quando bateu na porta da casa do vizinho, estava mais do que

conscientizado para a melhor escolha.

Votante neófito, vibrava de entusiasmo ante a expectativa de "proceder a um julgamento. . ." conforme confiava mentalmente. Jurava para consigo mesmo, que só optaria pelo candidato que "não parasse a prometê murdos e fundos", pois estes — e voltava a lembrar do velho e sofrido pai — "que falam pelas tripas do diabo, são os que, na hora agá, fazem menos".

— A assistência era grande no barraco do Zé Rufino. E sendo a assistência grande, a expectativa era enorme.

— Quando o televisor projetou no vídeo as figuras risonhas de dois candidatos, um silêncio como que religioso substituiu a algazarra

de momentos antes. E começou o debate.

— Enquanto o tempo passava, os telespectadores, olhos fixos no vídeo, mãos em concha aos ouvidos, em atitude de quem se esforça para entender melhor, mal chegavam a piscar.

— No final do programa, todos se olhavam, ainda em silêncio. João da Silva arriscou: "Então pessoal! Que tal o Cartes?" Todos concordaram. "É, vamo de Cartes".

— Mas Zé Rufino (ora já se viu), o dono do barraco, o anfitrião, que não fora consultado, tomou como um desaforo o pensamento inânime e discordou. "Pois eu, pelo que me foi dado entender, voto no outro. Eu vou é de Fordis e não tem mais conversa. . ."

DALCIDIO JURANDIR E A SAGA DE MARAJÓ

Victor Giudice

"A Literatura só exerce plenamente suas funções, quando serve ao homem desvendando-lhe os segredos da existência." Palavras do romancista marajoara, Dalcídio Jurandir, que lançou pela Editora Record, do Rio de Janeiro, o romance *Chão dos Lobos*.

Avesso a entrevistas, e principalmente, à publicidade, Dalcídio Jurandir transmite todas as verdades apreendidas de sua vivência, através de uma extensa obra composta quase que de um só fôlego, como ele conta, "no isolamento de uma mansarda do Catete".

Estreou na Literatura com o romance *Chove nos Campos de Cachoeira*, com o qual obteve o primeiro prêmio da Editora Vecchi, Dom Casmurro, na época um dos galardões mais cobiçados por nossos ficcionistas.

Depois, seguiram-se *Marajó*, *Três Casas e Um Rio*, *Belém do Grão Pará*, — que recebeu os prêmios Paula Brito e Luísa Cláudio de Sousa, do Pen Clube, — *Passagem dos Inocentes*, *Primeira Manhã*, *Ponto do Galo*, *Os Habitantes e, agora, Chão dos Lobos*.

O próximo volume será *Ribanceira*, já concluído. Além desses, Dalcídio publicou também *Linha do Parque*, romance que constitui uma experiência estranha à carreira do escritor, uma vez que trata de problemas relacionados com a vida no sul do país. *Linha do Parque* foi publicado no estrangeiro, alcançando expressivo sucesso de crítica.

Com exceção de *Linha do Parque*, os livros de Dalcídio Jurandir formam uma cadeia, onde o fio narrativo se concentra nos fenômenos vivenciais por que passa o personagem Alfredo. No entanto, a leitura e compreensão de cada volume permanece independente.

A intenção do romancista de Marajó é oferecer um painel da vida e dos hábitos de seu ambiente natal por meio de uma verdadeira saga literária. Mais ou menos o que fez Balzac com *Paris*, na primeira metade do século XIX.

As discussões da crítica especializada a respeito da validade literária de romance regionalista, quase sempre se tornam estereis diante de certos autores cujo regionalismo recebe apenas os atributos da forma significante, sem nunca aprisionar o significado, permitindo-lhe completa liberdade semântica e, até mesmo, interpretativa. O que se condena na escritura regionalista é sua característica limitativa, tendendo a fechar o texto num único significado, negando-lhe um conteúdo de função plurívoca.

Na verdade, a maioria dos regionalismos recebem as condenações descritas acima, uma vez que é muito difícil realizar obra literária neste gênero, sem que o gênero seja mais visível que a literariedade da obra.

No entanto, não é o caso de Dalcídio Jurandir, Prêmio Machado de Assis, da Academia Brasileira de Letras, pelo conjunto de suas obras.

Em *Chão dos Lobos*, Dalcídio Jurandir nos oferece o mundo colorido e agreste da cidade de Belém, a Port of, como ele a intitula.

O romance é a história de um homem, Alfredo, personagem central de seus romances, inconformado com a existência de um chão dos lobos, ameaça constante e injusta à liberdade dos que nele vegetam.

As diretrizes de Alfredo através dos desencontros que a consolidam sua visão da humanidade da qual faz parte, nos são mostradas por meio de um processo narrativo que inclui a sinestesia como elemento de conotação. Uma história narrada denotativamente é apenas uma história narrada denotativamente, nunca arte literária.

Os livros de Dalcídio se distinguem, antes de tudo, pela escolha minuciosa do signo linguístico, da inusitada ordenação sintática, no intuito de produzir os resultados impressionistas, que lhes fornecem inigualável poder de comunicação.

Alfredo faz a verificação sistemática de todos os sintomas vitais que ainda estão por vir, as injustiças, a pobreza, o amor, o sexo, o mistério intransponível do Não-Se-Assuste, o episódio fantástico dos pianos mudos.

Chão dos Lobos traça o perfil de uma Belém existencial, essencial, uma cidade-memória, que transpõe as fronteiras de um Brasil geográfico, para se projetar como cidade-universo, a exemplo do que já se fez com *Dublin*.

A perfeição dos diálogos que não começam nem terminam, surgindo em fade-in para logo se desvanecer em fade-out, mostrando somente o que é importante, o que o autor deseja informar. Afinal de contas ele é o dono do romance. Só ele pode estabelecer os caracteres de sua cosmovisão. É através dela que o leitor infere suas próprias sensações, a partir de abertura apresentada pelo romance.

Dalcídio Jurandir, não só com *Chão dos Lobos*, mas com toda sua obra, é um dos romancistas que merecem maior interesse dos pesquisadores literários. Sem dúvida alguma, trata-se de um autor de primeiro plano, além de ser, como declarou Benedito Nunes, com referência a *Belém do Grão Pará*, o "introdutor da paisagem urbana da Amazônica na literatura brasileira de ficção".

TERRAS DO SEM FIM NA VOLTA DE JORGE AMADO

É a 34ª edição de *Terras do Sem Fim*, do sempre atual Jorge Amado. Mas não é só no Brasil que o livro assinala edição sobre edição. Já foi traduzido para o alemão, búlgaro, chinês, dinamarquês, francês, espanhol, hebreu, holandês, húngaro, idiche, inglês, italiano, polonês, rumeno, russo, servo-croata, sloveno, tcheco e turco, sempre com manifestação entusiástica da crítica e sucesso de público leitor.

Terras do Sem Fim tem edição da Record, com distribuição Sulina no Rio Grande do Sul.

A ação do livro se passa na Bahia — no sul da Bahia — mais precisamente na região de Ilhéus,

cidade natal do autor, e palco de inúmeras lutas travadas nos primeiros decênios do século pela conquista de terras para o cultivo do cacau.

Escritor já plenamente amadurecido, aliando à sua criatividade de ficcionista um domínio total da arte de escrever, Jorge Amado movimenta em sua história personagens que se tornariam inesquecíveis dos leitores e magistralmente descreve o crescimento de cidades e a transformação de costumes em um mundo ao mesmo tempo primitivo, dramático e fascinante.

O livro constitui um dos marcos da novelística nacional, o

que se confirma por mais de 30 edições em nosso país, fato sem paralelo na história da literatura brasileira, e foi consagrado pela crítica mundial, tornando-se a obra mais divulgada além fronteiras do mais lido e admirado escritor brasileiro no exterior, através de edições em alemão, búlgaro, chinês, dinamarquês, espanhol, francês, grego, hebraico, holandês, húngaro, idiche, inglês, italiano, persa, polonês, romeno, russo, servo-croata, sloveno, sueco, tcheco e turco. Foi, ainda, adaptado para o cinema, teatro, rádio, televisão e histórias em quadrinhos, e motivos de sua história foram musicados por Dorival Caymmi.

OS SOLOS AGRÍCOLAS

Certamente não se trata de um livro de leitura de lazer, de entretenimento literário; mas para se refletir sobre ele, anotar observações e procurar aprender sobre um tema relevante da atualidade: a terra, o solo e o meio em que vivemos, dependendo dessa mesma terra e desse mesmo solo.

Tecnicamente, diríamos que é um livro que interessa a

agrônomos, técnicos e empresários da terra. Mas na verdade, e de um modo mais ou menos indireto, interessa a todo o indivíduo, pelo simples fato de que a terra, o solo, são porções estáticas. Isto é, não têm como aumentar, mas o ser humano aumenta em proporção que logicamente preocupa a todos nós.

É essa uma razão que faz

de "Os Solos Agrícolas", de autoria de S. Hénin, R. Gras e G. Monnier, tradução de Orlando Valverde e edição da Forense-Universitária, de São Paulo, um livro relevante para a atualidade brasileira.

"Os Solos Agrícolas", 327 páginas, ilustrado, apresentação brochura, tem distribuição da Sulina no Rio Grande do Sul.

A DANÇA DOS PICA-PAUS

"Natureza, bichinhos e crianças são a minha preocupação. Por isso tento aproximá-los", diz Sidônio Muralha que já ganhou o primeiro prêmio da II Bienal Internacional do Livro em São Paulo com "*A Televisão da Bicharada*".

Agora ele volta a falar encantadoramente de pica-paus, beija-flores, cactuos, calafates, sabiás, quero-queros, maria-lecras, gaturamos, curiós, e muitos bichinhos mais.

No final do livro "*A Dança dos Pica-Paus*", há uma coletânea de notas explicativas sobre todos os animais citados no texto, caracterizando sumariamente cada um deles.

(Coleção Infantil e Juvenil, Nórdica, 64 pág. Cr\$ 25,00).

"APRENDIZADO DA MORTE"

Após o sucesso de "*Os Que Bebem Como Os Cães*" (Prêmio Walmap 1975), Assis Brasil apresenta, neste romance contundente, "*O Aprendizado da Morte*", uma espécie de iniciação para a última viagem.

Escrito em tom de balada, de lamentação, sem abandonar a sua linha poética-realista, esta obra é um hino de conforto e alerta para "os que sabem que vão morrer".

Mais uma vez sobressaem as qualidades literárias do autor, a sua técnica exemplar, na feitura de um novo romance importante para a literatura brasileira.

(Nórdica, 128 pág. Cr\$ 30,00).



QUE VOCÊ SABE SOBRE VOTO DE CABRESTO?

Recebemos do general Felicíssimo de Azevedo Aveline, a seguinte amável correspondência:

Prezado jornalista Raul Quevedo. Saudações. Acusando o recebimento do COTRIJORNAL nº 35, de outubro, esse excelente órgão da COTRIJUI, congratulo-me com o caro patriota pelo excelente artigo, "Que sabe você sobre voto de cabresto?" Nesse artigo, onde é posto em evidência o nacionalismo do grande brasileiro Arthur da Silva Bernardes, talvez o maior nacionalista brasileiro dos últimos tempos, prestou o COTRIJORNAL um inestimável serviço à educação moral e cívica do nosso povo.

Também como incentivo ao combate ao uso do cigarro, presta o COTRIJORNAL um enorme serviço ao nosso povo, vítima de uma propaganda feroz, que se desenvolve ante a inércia dos governantes do país, que parecem ignorar esse terrível mal que destrói a saúde e o bolso dos viciados.

Lamento, porém, que as notícias sobre cooperativismo propriamente dito só ocupem uma página desse número do COTRIJORNAL. Cooperativismo, assunto quase completamente ignorado pelo nosso povo, ou so dizer-lhe que tudo o que for publicado, com a responsabilidade da COTRIJUI, nunca será demais para esclarecer nosso povo sobre o que, de fato, representa em proveito geral do Brasil.

Com reiterados agradecimentos e votos de saúde e felicidade, subscrevo-me, atenciosamente, Felicíssimo de Azevedo Aveline, Gen. da Bda. Ref. Rua Barão do Triunfo, 59 - Menino Deus - Porto Alegre.

INTERCÂMBIO COM O NORDESTE

Recebemos da Associação de Orientação às Cooperativas do Nordeste: Recife, 5 de outubro de 1976.

Prezados Senhores. Nós que trabalhamos com cooperativas sabemos que é necessário a comunicação para o sistema. Para cumprir essa necessidade, estamos desenvolvendo uma série de atividades como: jornais, boletins, pesquisas, cartazes, folders e até literatura de cordel, no sentido de melhor atingir os cooperativados. Isso não está sendo fácil. Dai o nosso interesse em manter contato com empresas e entidades que possam somar alguma parcela ao nosso trabalho.

Tomamos conhecimento do COTRIJORNAL através do jornal SINDICALISMO EM MARCHA e de imediato comprovamos a importância de um intercâmbio para que possamos cada vez mais fortalecer o sistema cooperativista.

Na certeza de que estamos trabalhando por um cooperativismo mais forte e eficaz, apresentamos-lhes nossos protestos de estima e apreço. Atenciosamente, Marconi Oliveira da Silva - departamento de comunicação - e o secretário-executivo. ASSOCENE, Caixa Postal, 134, Recife - Pernambuco.

WALTER FRANTZ DA ALEMANHA

O professor Walter Frantz, que dirigiu o Instituto de Educação Permanente da Fidene - IEP - e que saiu de Ijuí com destino ao Chile mas acabou indo para a Alemanha Ocidental, escreveu saudosa correspondência para o redator. Sua carta é procedente de Bochum.

Eis um resumo de seu texto: "Quando se está longe da Pátria e dos amigos, a saudade bate bem forte na gente. Isto está acontecendo comigo e minha esposa. Lembramos muito de nossos amigos de Ijuí e cada pedaço de papel que fala de lá, nós o vemos muitas vezes.

Mas apesar da saudade, estamos muito bem. Vamos começar os primeiros estudos no dia 15 de outubro (a carta é de 29-9). Até agora, passeamos; arrumamos a casa, como se diz. Estivemos em Paris visitando o Têmo. Agora chega de passear pois é preciso trabalhar.

Quevedo, peço uma assinatura do COTRIJORNAL. Assim, poderei permanecer em contato com vocês e por dentro da COTRIJUI. Para mim é muito importante. Peço, se possível, mandar dois exemplares. Um colega de Brasília que trabalha no INCRA e no Projeto Amazônia, também está aqui e gostaria de recebê-lo. Peço também, caso ainda existe alguma sobra, que me enviem um exemplar do COTRIJORNAL em que foi publicado um artigo meu. Preciso para anexar no meu "curriculum vitae", e não sei como acabei não o tendo mais. Foi extraviado no abrir e fechar de malas da maratona que redundou em nossa vinda para a Alemanha, após todos os preparativos para o Chile, o que não se efetivou. Abraços para todos os amigos, de Walter e Maria Helena.

N. da R. - Walter, saiba que todos aqui no COTRIJORNAL, na COTRIJUI e na FIDENE, estão torcendo para teu êxito aí na Alemanha. Votos para que Maria Helena se dê bem, igualmente. Quanto ao COTRIJORNAL que te será enviado mensalmente, bem como para o amigo de Brasília, sua editoria ficará muito satisfeita se te dignares mandar, sempre que puderes, algum comentário sobre a Alemanha ou a Europa de um modo genérico. O tema pode ser de tua livre escolha. Podemos esperar? Um abraço de toda a redação.

ARTIGO SOBRE O CIGARRO

Prezado Editor: gostei muito de seu artigo O Cigarro. É isso mesmo. Também tenho apreciado suas matérias sobre o folclore. Gostaria de lhe enviar também as colunas de folclore da Folha da Tarde (de São Paulo). Estarei de 6 a 10 (de outubro) em Santo Ângelo, na grande tarefa do Çultur, para o qual fui convidada. Quero colaborar ao máximo com aquele grande empreendimento que trabalhará em benefício da pesquisa e da divulgação do nosso folclore. Estou muito feliz pelo convite que recebi. Depois, voltar ao Rio Grande é sempre uma honra e um prazer enorme. Gosto dessa terra como se fosse minha.

Um abraço de Laura Della Monica. Rua Maria Antonia, 162 - apto. 122 - São Paulo.

PRÊMIO DA ABERJE

Parabéns pelo prêmio conquistado na ABERJE. "Bem feito prá' você"! Gentileza alterar nosso endereço para: Rua Coronel Oliveira Lima, 180 - 2º andar - Santo André - SP. Um abraço do amigo Luiz Edgar de Carvalho. MULTIPRESS.

MUSEU DOM DIOGO DE SOUZA

Manifestamos nossos parabéns pelo magnífico trabalho jornalístico que vêm realizando no COTRIJORNAL. Museu Dom Diogo de Souza, Bagé, RS.

DUPONT DO BRASIL

Prezado Redator: Segue anexo um folheto sobre o uso de herbicidas em soja. É provável que seja do seu interesse, como tem sido dos plantadores de soja. Atenciosamente, Mário S. Lima - departamento de relações pú-

blicas. Rua da Consolação, 57 - São Paulo.

ALBERTO EMMANUEL WHITAKER

Acuso o recebimento de um exemplar do COTRIJORNAL e manifesto o maior interesse em continuar recebendo tão interessante publicação. Saudações, Alberto Emmanuel Whitaker, rua São Bento, 470, 17º andar - São Paulo.

O HERÓI DA ABOLIÇÃO

Senhor diretor do COTRIJORNAL. Em meu poder a edição do mês de setembro, que me foi emprestada por um colega da EMBRATER. Permita-me cumprimentá-lo pela brilhante matéria sobre o herói da Abolição (José do Patrocínio). Sem dúvida alguma, foi bastante oportuna, quando ainda nos dias de hoje, se sabe de problemas criados por pessoas que têm preconceitos de cor. Aproveito ainda o ensejo para solicitar, se possível, uma assinatura desse conceituado jornal. Atenciosamente, Juarez Corrêa, rua Jerônimo Timóteo da Fonseca, 746 - Gravataí, RS.

PEDRO AUGUSTO RUCKER

Prezado Editor: Tendo tido a oportunidade de conhecer o

COTRIJORNAL, venho através da presente solicitar a V.S. a inclusão de meu nome na relação dos que o recebem.

Outrossim, desejo expressar a enorme satisfação que tive em lê-lo pela primeira vez, pelo muito que me impressionou seu conteúdo. Atenciosamente, eng. agr. Pedro Augusto Rücker - rua João Pessoa, 1388 - 95.780 - Montenegro, RS.

ESTUDANTES DE TRÊS DE MAIO

Jovens Jackson Luiz De Ley e Avelino Bertoldi, ambos estudantes de Técnicas Agrícolas no Colégio Presidente Getúlio Vargas, de Três de Maio. Já anotamos seus nomes em nosso fichário de remessa.

DE CORVALLIS, OREGON

Agradecemos o bonito cartão postal remetido de Corvallis, estado do Oregon - Estados Unidos - onde estuda fazendo um curso de extensão universitária, o eng. agr. Benigno Rotta.

Ele nos envia um saudoso abraço "de gaúcho saudoso, fora de seu torrão natal", e agradece a "valiosa presença do COTRIJORNAL, por certo um significativo e indispensável elo, unindo-o ao Brasil distante".

O mais importante de um seguro é a certeza de que ele nunca vai falhar. A União faz um seguro tranquilo. Pergunte ao seu corretor.

Quando você faz um seguro, quer, em primeiro lugar, ter a certeza de que este seguro nunca vai falhar. A Companhia União de Seguros Gerais lhe proporciona isto, pelo mesmo motivo que tem cumprido seus compromissos durante 85 anos: solidez.

Deixe a União cuidar de sua segurança e fique realmente tranquilo. Chame a Corretora de sua Cooperativa. Ela estudará a fórmula perfeita para sua necessidade.



Cia. UNIÃO de Seguros Gerais

85 anos de Segurança
Matriz: Porto Alegre
Empresa do Grupo Banrisul



BAHIA PASSA A PARTICIPAR DA TRITICULTURA NACIONAL

Ao término da primeira semana de outubro, a Bahia havia colhido a primeira safra de trigo de toda a sua história agrícola. Estavam nos galpões cerca de 25 toneladas, resultado do plantio em campos experimentais da Secretaria da Agricultura em Formoso, na divisa com o estado de Goiás. Uma semana depois, em Juazeiro, na região do Vale do São Francisco, foram colhidas outras 25 toneladas do cereal, que passa agora a fazer parte do cenário nos campos baianos.

Conforme notícia a imprensa do centro de País, das variedades semeadas, seis se destacaram como profissionais: IAS-55, Nuri, Cieto Cerros, Tanori, Inia e Anza, cujas perspectivas indicam que poderão alcançar uma produtividade média de duas a 2,5 toneladas por hectare.

No plantio experimental de Coribe, houve casos de serem colhidas até 4,5 toneladas por hectare, o que, segundo os técnicos responsáveis pelos projetos Mandacaru e Formoso, é de três a quatro vezes superior à produtividade dos estados do Rio Grande do Sul e Paraná, principais produtores do País.

O secretário de Agricultura, José Guilherme da Mota, disse acreditar que dentro de quatro a cinco anos a Bahia poderá se tornar um dos maiores produtores de trigo no Brasil, contribuindo a curto prazo para a auto-suficiência do país na produção desse cereal, que atualmente ocupa o segundo lugar na pauta de importações, superado apenas pelo petróleo.

Em Formoso, onde foram plantados 13 hectares, já foram colhidas 25 toneladas e na primeira colheita do projeto Mandacaru, com 10 hectares, o mesmo resultado. Toda a semente colhida será estocada para o replantio no próximo ano, ainda em caráter experimental, que deverá atingir 100 hectares, com o aumento para 50 hectares de área plantada em cada projeto.

Depois do segundo plan-

tio, em 1977, marcado entre abril e maio, a Secretaria de Agricultura espera que em 1978 a Bahia já esteja produzindo trigo comercialmente, e para isso, no Projeto Formoso a Codevasf, já começou a preparar uma área de 400 hectares, assim como o Projeto Mandacaru. O plantio experimental de trigo, diante dos resultados surpreendentes que apresentou, já desperta o interesse de grande maioria de agricultores da região do São Francisco, e até de alguns empresários baianos.

O engenheiro agrônomo responsável pelo Projeto Trigo da Bahia, Sr. Gilberto Fais, informou que ao todo nos dois projetos foram plantadas 17 espécies de sementes importadas do México e Argentina e apenas uma espécie vinda do Rio Grande do Sul. Dessas 17 espécies, as seis que apresentaram maior rendimento em quantidade e qualidade de grão serão replantadas no próximo ano. São elas: IAS-55, do RGS, e as mexicanas Inia, Siete, Carros, Muri, Jupateco e Anza. As sementes argentinas foram plantadas por último e os seus resultados ainda estão sendo estudados.

O Sr. Gilberto Fais explicou que no campo experimental do Projeto Formoso os resultados obtidos com o plantio do trigo foram melhores que os verificados no Projeto Mandacaru, porque em Formoso a Técnica de irrigação foi por inundação (melga), o que significa uma melhor distribuição de água favorecendo mais a germinação dos grãos. Disse também que Formoso fica a uma altitude de 370 metros acima do nível do mar, enquanto Mandacaru fica a uma altitude de apenas 273 metros, havendo ainda o fato de o terreno em Formoso ser melhor que o de Mandacaru.

A técnica utilizada no Projeto Mandacaru foi de irrigação lateral, fazendo com que a água jogada nos dois lados de cada fileira de trigo se infiltre no subsolo. O melhor rendimento de tri-

go em Formoso é ainda justificado com o fato de que lá o plantio foi feito na época certa, enquanto no Projeto Mandacaru verificou-se um atraso de quase um mês em consequência de dificuldades para importação das sementes argentinas.

O agrônomo Gilberto Fais cita números para comprovar a viabilidade do plantio comercial do trigo na Bahia. Disse que a semente do tipo IAS-55, que no Rio Grande do Sul apresenta um rendimento entre 1.100 e

1.200 ha, produziu na Bahia uma média de 4 mil quilos por hectare no Projeto Formoso, e no Projeto Mandacaru espera-se um resultado entre 2,5 e 3 mil quilos por hectare plantado.

Devido ao fato de o trigo ser plantado na Bahia uma área caracteristicamente seca, a Secretaria de Agricultura está estudando a possibilidade de serem realizados dois plantios por ano, o que não ocorre nem no Rio Grande do Sul ou em países tradicionalmente produtores. Na Bahia, o ciclo da cultura, entre plantio e colheita, varia de 110 a 120 dias.

No Projeto Mandacaru, além do sistema de irrigação lateral das fileiras de sementes, com uma sementeira equivalente a 120 quilos por hectare e utilização da semeadeira MF-34 foi usada uma adubação de 10-48-3 (NPK-nitrogênio, fosfato e potássio), numa razão de 836 quilos de fertilizante

para cada hectare, num total de 21 hectares.

A colheita do plantio pioneiro de trigo no Projeto Mandacaru, inicialmente marcada para os primeiros dias, talvez sofra um retardamento porque choveu muito nesta região no último fim de semana (não chovia há quase dois anos) e o solo da área plantada ficou bastante enlameado, não dando condições operacionais à máquina colhedeira que só pode trabalhar com o terreno relativamente seco.

De acordo com o resultado das experiências com o trigo em Formoso e Mandacaru, a Secretaria de Agricultura concluiu com os principais aspectos da cultura na Bahia: uma maior produtividade, bom aspecto vegetativo, boa qualidade e sanidade dos grãos, tamanho maior das espigas e um perfeito perfilamento das espécies testadas.

Eis a marca da Herbitécnica: duas mãos defendendo uma planta em perfeito equilíbrio.

Na realidade, a Herbitécnica é isso: agrônomos sempre à disposição da lavoura, com herbicidas, fungicidas e inseticidas para dar a mão quando a planta precisa.

Mas com equilíbrio, para não prejudicar a planta, a ecologia e o bolso de quem planta.



PORTO ALEGRE - LONDRINA - MARINGÁ - CASCAVEL - BAURU - RIBEIRÃO PRETO - DOURADOS

PROTEÇÃO NA DOSE CERTA

CONTROLE QUÍMICO E BIOLÓGICO DAS PRAGAS DO TRIGO

O combate às pragas que atacam o trigo vem sendo feito através do controle químico, isto é através do uso de inseticidas. O controle químico das pragas do trigo é bastante eficiente, mas pode apresentar alguns problemas. Atualmente os produtores de trigo estão realizando de três a cinco aplicações de inseticidas nas lavouras, acarretando com isso um maior custo das lavouras. Outros graves problemas que podem surgir é o de intoxicação

humana e animal, além de provocar poluição ambiental, devido ao seu mau uso.

Apesar de ser citado na literatura desde 1920 pelo Professor Costa Leite, da Escola Nacional de Agronomia do Rio de Janeiro, o estudo dos predadores e parasitas de pulgões ainda é pouco divulgado, devido as condições não muito favoráveis de nosso meio de temperatura, umidade e existência de plantas hospedeiras.

Com vistas ao estudo de problemas relacionados com o controle químico e controle biológico foi realizado em julho passado um Curso de Controle Integrado de Pragas na Universidade da Califórnia, nos Estados Unidos.

Participou deste curso o entomologista Mauro Roos Eichler, do Centro Nacional de Pesquisa de Trigo. Um dos objetivos do curso foi o emprego de novas técnicas e metodologias no

uso de predadores e parasitas dos pulgões, além de combinar as aplicações de inseticidas com o uso de inimigos naturais.

Após seu retorno deste Curso nos Estados Unidos, o Dr. Eichler está realizando um levantamento de predadores e parasitas dos pulgões em nossas condições.

Está sendo efetuado também estudos para determinar a biologia dos predadores e parasitas dos pulgões. Em nossa re-

gião sabe-se que existem quatro predadores dos pulgões de grande importância e que são: *Cycloneda sanguinea* e *Eriopis connexa*, conhecida como "Joaninhas" e larvas de *Chrysopa lanata* e *Allograpta* sp.

Com este estudo de predadores e parasitas dos pulgões espera-se, em futuro próximo, poder substituir ou diminuir o uso de inseticidas no combate às pragas do trigo.

RECOMENDAÇÕES PARA USO DE CALCÁRIO

Foi observado que, em muitos casos, o calcário está sendo utilizado sem critérios de análise de solo. Está sendo mal dosado, mal distribuído e principalmente mal incorporado ao solo, face aos elevados valores de pH e Cálcio + Magnésio trocáveis verificados nas zonas afetadas. A reincorporação do calcário ao solo (lavra profunda), nos locais onde foi relativamente mal dosado, pode concorrer para reduzir os danos, desde que a incidência das doenças ainda não seja muito elevada. Outras práticas culturais, como pousio e rotação de culturas nas áreas atacadas, poderão ser de grande importância para contornar o problema.

A deposição do calcário a granel na lavoura constitui foco primordial de surgimento da moléstia. Neste local, mesmo que a lavoura em geral esteja sob boas condições de dosagem, distribuição e incorporação do cal-

cário ao solo, poderá permanecer sendo foco de surgimento e alastramento da doença.

Esta recomendação sobre o uso do calcário foi realizada baseando-se em trabalhos apresentados pela Sub-Comissão de Fertilidade do Solo e aprovada por unanimidade, por todos os membros da Comissão Sul Brasileira de Trigo. Participam em reuniões anuais desta Comissão as seguintes instituições: Centro de Experimentação e Pesquisa da FECOTRIGO, Secretaria da Agricultura do Estado do Rio Grande do Sul, Faculdade de Agronomia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Empresa de Pesquisa Agropecuária de Santa Catarina - EMPASC, Unidade de Execução de Pesquisa de Âmbito Estadual - UEPAE de Ponta Grossa e Centro Nacional de Pesquisa de Trigo. Essa redução de dosagem de aplicação de calcário para tri-

go visa prevenir um agravamento do problema de doenças do siste-

ma radicular nessa cultura, especialmente enquanto não são en-

contradas soluções técnicas para esses problemas.

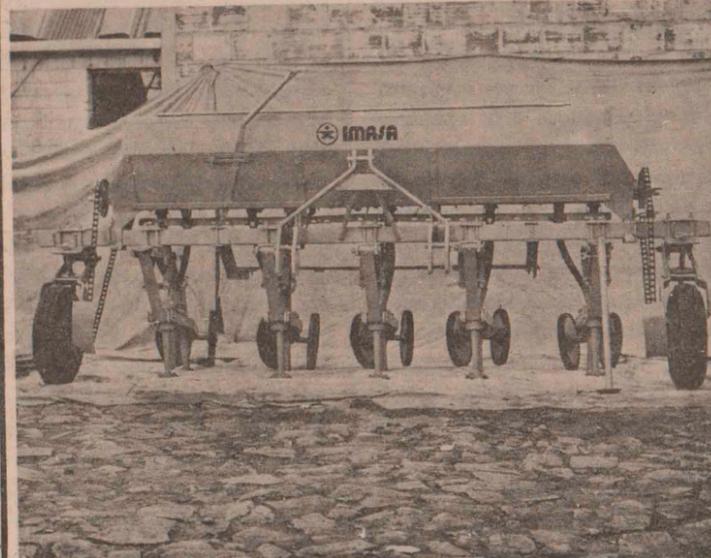
GUIA DE IDENTIFICAÇÃO DE ANIMAIS DE CAÇA DO RIO GRANDE DO SUL

O Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal - IBDF - através da Delegacia Estadual do Rio Grande do Sul, acaba de lançar o livreto "Pequeno Guia de Identificação dos Animais de Caça do Rio Grande do Sul em 1976".

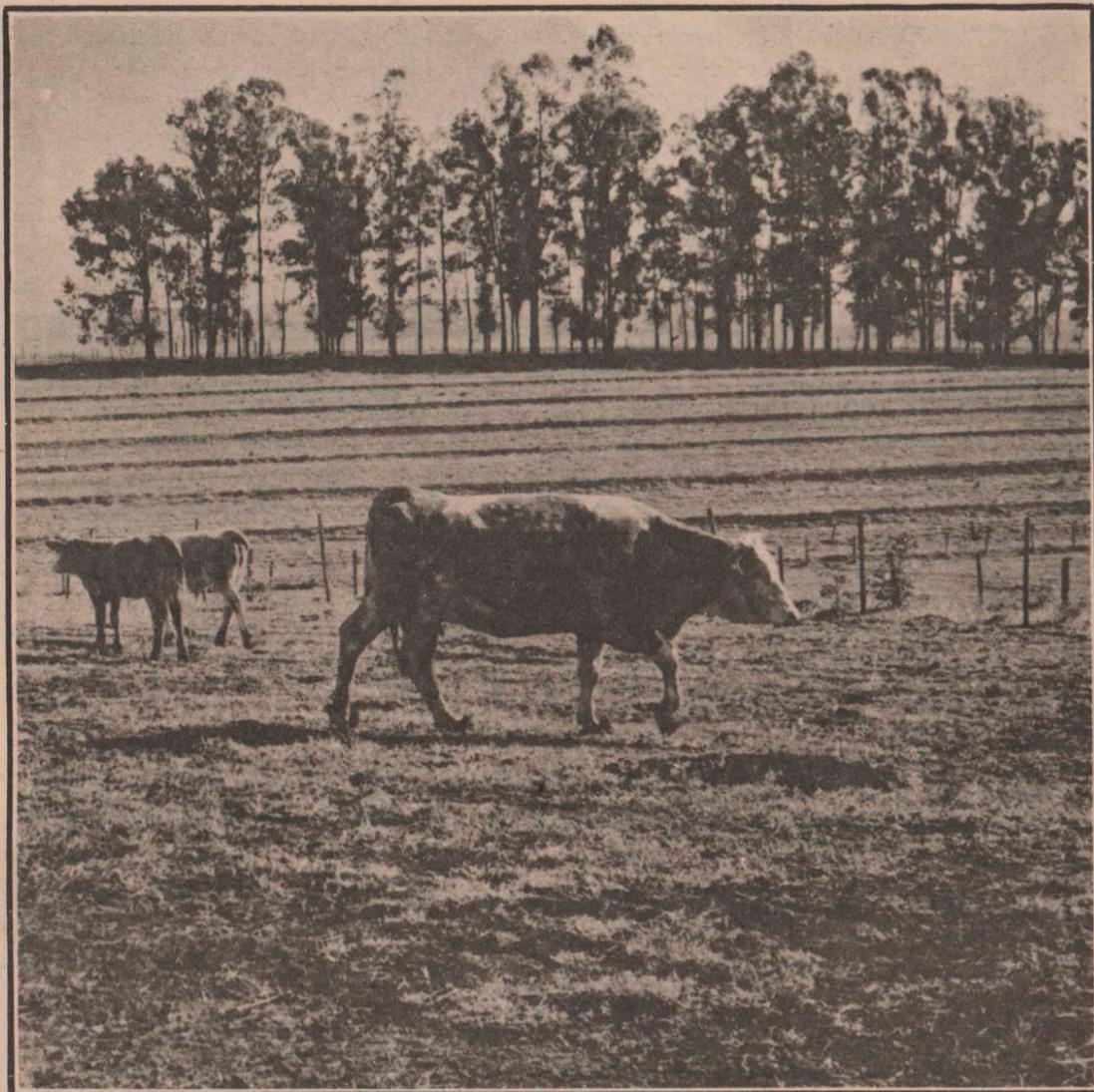
A monografia é escrita por Flávio Silva e Walter A. Voss, com ilustrações deste último. Flávio Silva é pesquisador do Museu de Ciências Naturais da Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul e Walter Adolfo

Voss é técnico em ornitologia do Parque Zoológico, da Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul. A monografia, com apresentação do eng. agr. José Lauro de Quadros, delegado estadual do Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal (IBDF), traz além das espécies ornitológicas, com ilustração da espécie, a íntegra da Lei 5197, de 3 de janeiro de 1967, que dispõe sobre a proteção à fauna no País.

PLANTIO DIRETO IMASA



— A IMASA NÃO PRODUZIU UMA MÁQUINA GRANDE, e sim, a grande máquina esperada pelos agricultores de todo o Brasil. Está provado: Quem planta direto, economiza tempo e dinheiro, melhora a rentabilidade e promove a conservação do solo. Conheça os resultados do plantio direto com a Máquina IMASA, que também faz plantio convencional e um excelente trabalho de capina. MÁQUINA IMASA DE PLANTIO DIRETO: Qualidade, Rapidez e Durabilidade, JUSTIFICANDO SEU INVESTIMENTO.



POR UMA AGRICULTURA RACIONAL

Eng. Agr. Renato Borges de MEDEIROS

A intensa mecanização da lavoura (trigo-soja), não acompanhada de outros programas de desenvolvimento, embora tenham possibilitado o surgimento da empresa agrícola, quase eliminou a agricultura diversificada.

A recente escassez de feijão-preto é o primeiro efeito desta transformação e um alerta para a reflexão. Não há dúvida que a nossa forma atual de produzir alimentos está se afastando de nossas necessidades originais. E para que outros produtos, também essenciais, não venham a desaparecer é importante que se procedam algumas modificações.

Pelo seu profundo significado, a transformação do caráter da pequena propriedade será o principal objeto deste comentário. Para tanto, poderíamos iniciar formulando a seguinte pergunta: Por que o pequeno produtor não deve continuar produzindo somente trigo e soja? Em primeiro lugar, porque a

verdadeira agricultura é algo mais do que isto. Em segundo lugar, porque a existência do pequeno produtor está estreitamente relacionada com uma agricultura diversificada.

A agricultura de hoje implica na necessidade de produzir o máximo, no menor tempo. Como consequência, a cada ano surgem novos fatores importantes na produção e os agricultores são levados a aplicar, intensivamente, adubos, inseticidas e herbicidas. Pela mesma razão o solo também deixa de ser usado de acordo com a sua real capacidade de uso. Os efeitos desta agricultura, embora se saiba que os teores de fósforo e potássio têm aumentado, podem causar sérios prejuízos à estrutura física e orgânica do solo. Enquanto o aumento dos teores de fósforo e potássio podem ser obtidos mediante uma simples aplicação de adubos, a recuperação da estrutura física e orgânica, sob

o ponto-de-vista econômico, pode ser irrecuperável.

Considerando apenas o aspecto econômico, verifica-se que no atual modelo de produção, o produtor deve agregar maiores custos a cada ano. O empresário, mesmo sujeito a elevação dos custos pela extensão de sua área cultivada, consegue obter lucros relativamente compensadores. Lucros estes que, além de lhe possibilitarem reinvestir na propriedade, possibilitam deslocar recursos para outros setores ou áreas de produção. Entretanto, com a maioria dos pequenos produtores, a situação apresenta um quadro muito diverso. Uma parte, pelo reduzido tamanho da propriedade, fica praticamente impossibilitada de empregar a tecnologia proposta. A outra, de área maior, consegue empregar toda espécie de tecnologia que lhe é oferecida mas, em consequência, é obrigada a utilizar toda a área

disponível apenas para duas culturas. Isto leva o produtor a ter que lutar num mercado de fatores alheio ao seu poder de decisão e a depender e viver da remuneração que lhe advem da venda destes dois produtos. No total da economia, os aspectos positivos são evidentes, mas a nível da pequena propriedade a situação pode se tornar insustentável.

O pequeno produtor, por ter maior disponibilidade do fator mão-de-obra, deve produzir aqueles produtos que requerem maior participação deste fator. Não só isto, mas também produtos que ele mesmo pode transformar ou consumir em seu próprio estabelecimento. E aí surgem, no caso brasileiro, o milho, o feijão, a batatinha, o feno, o porco, o leite e uma série de outros produtos. Numa boa combinação de cultivos e atividades pode ser proposto um modelo de produção racional e econômico, que pela sua dinâmica, persiste no tempo. Em outras palavras, se o pequeno produtor dispor de milho, ele pode vendê-lo diretamente ou, se for interessante, agregar mais mão-de-obra e vendê-lo sob forma de leite ou carne. Em troca, a lavoura estará recebendo os resíduos dos animais como fonte de adubo orgânico e, à agricultura estará assumindo sua verdadeira forma de existir: a agropecuária. O nosso atual sistema de exploração fundamentado no arado, deve se adequar a um sistema de exploração misto, em que o solo passe por uma fase de pastagem que servirá para recuperar o solo física e organicamente, além de alimentar o gado

do estabelecimento. Pois é amplamente sabido que a pastagem é essencial na recuperação dos solos desgastados por cultivos sucessivos. Isto se deve ao fato de que as pastagens cobrem os solos e os firmam com suas raízes, incorporando matéria orgânica, reduzindo a erosão e melhorando a estrutura física. É importante salientar que nos modelos agrícolas que incluem as pastagens, o controle à erosão deixa de ser um problema para ser uma possibilidade.

Muitos dados evidenciam que não deve ser rompido o equilíbrio cíclico entre a fase agrícola e a fase animal. Não deve ser esquecido também que o animal vive vários anos e se constitui numa importante reserva para os períodos de escassez. Ao contrário disto, embora se possa armazenar, os cultivos anuais são muito vulneráveis. Por esta razão, muitos cientistas têm afirmado que a escassez de alimentos no mundo é uma função da quantidade de arroz e trigo disponíveis. Isto é explicado pelas constantes crises alimentares a que estão sujeitos os países cuja subsistência depende basicamente de cereais e o consumo de carne é muito baixo (Ásia, Índia, África).

Para o pequeno agricultor que tem por vocação uma produção agrícola diversificada, deve ser desenvolvido modelos de exploração que satisfaçam, em primeiro plano, as necessidades alimentares regionais e, num segundo plano, outros mercados. Estes modelos, evidentemente, devem se adequar aos recursos disponíveis e que sejam, além de racionais, econômicos.

PASTAGENS DE VERÃO

Procure formar suas pastagens de acordo com as recomendações do departamento técnico.

Espécie Forrageira	Época de Semeadura	Densidade kg/ha
Pasto Italiano	nov-jan	20
Sorgo P/Silagem NK-326	nov-jan	10
Feijão Miúdo	nov-jan	30
Panicum Gatton	nov-jan	6
Setária Kazungula	nov-jan	6
Rhodes Callide	nov-jan	10
Desmódio Intortum	nov-jan	2
Siratiro	nov-jan	3

CONSORCIAÇÕES RECOMENDADAS

- 6 kg/ha de Panicum Gatton + 2 kg/ha de Desmódio ou 3 kg/ha de Siratiro.
- 6 kg/ha de Setária Kazungula + 2 kg/ha de Desmódio ou 3 kg/ha de Siratiro
- Mudanças de Pangola + 2 kg/ha de Desmódio ou 3 kg/ha de Siratiro.
- Mudanças de Coastal Bermuda + 2 kg/ha de Desmódio ou 3 kg/ha de Siratiro.

DECADÊNCIA DA PEQUENA PROPRIEDADE RURAL (2)

Eng. Agr. Nedy Rodrigues BORGES

A parte norte do estado do Rio Grande do Sul, constituída em sua maioria pelas regiões do Alto Uruguai, Missões e Planalto Médio, é responsável pela maior parte da produção estadual de trigo, soja e milho. Nesta área predomina a pequena propriedade e é, sem dúvida, a escassez da terra, o principal entrave ao desenvolvimento.

A maioria das propriedades tem área inferior a 25 hectares e, portanto, não oferecem condições, isoladamente, para suportar investimentos em máquinas, equipamentos e instalações necessárias ao emprego de uma tecnologia desenvolvida, especialmente nas culturas extensivas.

A forma tradicional e predominante na transferência de propriedade é a herança. O alto valor da terra torna difícil e rara as transferências por compra e venda.

Outros sistemas de acesso a terra, não existem. O alto valor da terra tem sido determinado por sua importância fundamental no processo produtivo. A sua escassez e a solidez de garantia que representa, são fatores importantes para o estabelecimento de seu valor.

Aos filhos, a lei assegura, acima de tudo, o direito de receber, em partes iguais, a terra deixada pelo pai. Este fato vinha determinando a subdivisão indesejável das pequenas propriedades, transformando-as em pequenos minifúndios e, por conseguinte, marginalizando-as do atual processo produtivo.

Em 31 de março de 1975 foi promulgado o decreto nº 55.891, instituindo o módulo rural e classificando os imóveis em empresas rurais, minifúndios e latifúndios por exploração. O decreto 55.891 assim conceitua:

Módulo Rural: é a área explorável que, em determinada posição do País, direta e pessoalmente explorada por um conjun-

to familiar equivalente a quatro pessoas adultas, corresponde a 1.000 jornadas anuais, lhe absorva toda a força de trabalho em face do nível tecnológico adotado naquela posição geográfica e conforme o tipo de exploração considerado, proporcione um rendimento capaz de assegurar-lhe a subsistência e o progresso social e econômico.

O módulo rural na área de ação da COTRIJUI correspondia a 44,35 hectares, conforme censo levantado pelo INCRA em 1965.

Minifúndio: imóvel com área agricultável inferior a do módulo fixado para a respectiva região e tipo de exploração.

Empresa Rural: imóvel explorado econômica e racionalmente, dentro das condições de rendimento econômico da região em que se situe, com o mínimo de 50% de sua área agricultável utilizada e que não exceda na dimensão de sua área agricultável, a 600 vezes o módulo médio da região ou a área média dos imóveis rurais, na respectiva zona.

Latifúndio por Exploração: não excedendo o limite de 600 vezes o módulo médio ou 600 vezes a área média dos imóveis rurais na respectiva zona, tendo área agricultável igual ou superior à dimensão do módulo do imóvel rural na zona, sejam mantidas inexploradas as possibilidades físicas, econômicas e sociais do meio, com fins especulativos, ou seja, deficiente ou inadequadamente explorado, de modo a vedar-lhe a classificação como empresa rural.

Na sábia definição do módulo, ele traz os instrumentos necessários à sua própria renovação e atualização, conforme o progresso tecnológico da região.

O módulo rural que travou em parte a divisão de pequenas propriedades ao não permitir o fracionamento de áreas inferiores a 44,35 hectares, deve ser

acionada na busca da propriedade empresarial coletiva. Esta propriedade empresarial poderia ser constituída a partir de minifúndios. Exemplo desse sistema em-

presarial pode ser observado no estado da Califórnia nos Estados Unidos, em Israel, além de outros países. Cada minifundiário participaria do capital da empresa com quotas correspondente ao seu patrimônio em terra, maquinaria e benfeitorias. Seria ao mesmo tempo proprietário e empregado.

Nesse sistema empresarial a mão-de-obra disponível poderia ser absorvida com uma diversificação de atividades bem planejada, dando ao sistema uma maior segurança e garantia de rentabilidade.

Dentro da atual estrutura fundiária, onde predominam os minifúndios, a transformação destas empresas rurais seria uma das alternativas. Os dados a seguir são dos municípios da área de ação da COTRIJUI e se referem ao censo de 1970, executado pelo INCRA. Estes dados mostram que a atual estrutura fundiária está chegando ao limite de sua capacidade de consumo

de produtos industrializados, pondo em dificuldade o setor industrial. Este setor já está atingindo outros estados e países da América Latina, face a saturação do nosso mercado interno. Entretanto, será uma temeridade aguardar que os limites de saturação se completem, para então nos preocupar com a modificação dessa estrutura fundiária. Essa modificação é o caminho certo para a ampliação e fortalecimento do mercado interno em todos os aspectos.

Nos quadros podemos observar que 92% dos estabelecimentos agrícolas ocupam 37% da área total e possuem área inferior a 50 hectares, enquanto que 8% ocupam 63% da área e são estabelecimentos com área superior a 50 hectares. A situação é mais crítica nos extremos onde 36% da área total é ocupada por menos de 1% dos estabelecimentos, enquanto que 6% da área é ocupada por 43% dos estabelecimentos.

ÁREA DE INFLUÊNCIA DA COTRIJUI
DISTRIBUIÇÃO DOS ESTABELECEMENTOS AGRÍCOLAS POR FAIXAS DE ÁREA
GRUPOS DE ÁREA (hectares)

MUNICÍPIOS	até 10	10 a 50	50 a 200	200 a 1000	1000 a 100.000	TOTAL
T. Portela	13.655	42.800	2.211	230	—	58.896
Miraguai	3.305	9.264	499	—	—	13.068
Braga	2.731	6.857	1.997	448	—	12.033
Redentora	3.095	12.426	4.312	2.640	19.033	41.506
Campo Novo	2.321	9.734	7.307	4.948	—	24.310
Cel. Bicaco	3.127	10.518	11.073	18.058	2.083	44.859
Sto Augusto	3.015	17.545	8.316	5.851	11.147	45.874
Chiapetta	1.205	7.981	3.030	12.119	12.914	37.249
Catuípe	5.419	24.939	13.793	17.063	9.847	71.061
Ajuricaba	3.624	31.089	13.794	2.712	1.903	53.122
Ijuí	4.189	50.669	25.876	8.172	2.217	91.123
A. Pestana	2.732	23.596	5.306	5.639	1.000	38.273
Tupanciretã	2.935	25.773	46.691	110.792	187.073	373.264
S. Martinho	3.054	13.157	1.199	—	—	17.410
TOTAL	54.407	286.348	145.404	188.672	247.217	922.048

NÚMERO DE ESTABELECEMENTOS (Hectares)

MUNICÍPIOS	até 10	10 a 50	50 a 200	200 a 1000	1000 a 10.000	TOTAL
T. Portela	4.046	2.468	36	1	—	6.551
Miraguai	810	544	6	—	—	1.360
Braga	623	434	27	2	—	1.086
Redentora	668	652	54	7	1	1.381
Campo Novo	668	480	83	17	—	1.248
Cel. Bicaco	774	535	122	50	2	1.483
Sto. Augusto	561	875	103	13	8	1.560
Chiapetta	269	411	30	22	10	742
Catuípe	1.093	1.218	168	48	7	2.534
Ijuí	835	2.316	335	24	2	3.512
A. Pestana	563	1.194	71	16	1	1.845
Tupanciretã	383	1.115	467	251	79	2.295
S. Martinho	673	756	17	—	—	1.446
TOTAL	12.696	14.487	1.703	462	111	29.458
%	43,098	49,178	5,780	1,568	0,376	100%

MANTENHA O CARRAPATO SOB CONTROLE

Méd. Vet. Otalíz de Vargas MONTARDO

Já se passaram dezenas de anos desde que os primeiros banheiros carrapaticidas foram construídos nas fazendas gaúchas. Hoje este método de controle dos carrapatos já perfeitamente integrado à rotina da pecuária, vem tendo a sua eficiência seriamente comprometida pelo uso incorreto dos banheiros e pelo estabelecimento de conceitos errôneos. Tais conceitos supervalorizam os carrapaticidas em detrimento de outros fatores igualmente importantes e que precisam ser considerados pelos que pretendem estabelecer um controle efetivo dos carrapatos.

É necessário que os criadores se conscientizem de que o carrapato é um ser vivo perfeitamente integrado num meio biológico. Possui mecanismos de defesa próprios que lhe asseguram a capacidade de se ajustar às adversidades do meio ambiente, inclusive aos carrapaticidas. Portanto, o banho carrapaticida deve ser encarado como uma forma de combate dentro de um sistema de controle que deve iniciar ainda no campo, antes do bovino chegar ao banheiro. Por isso é interessante uma revisão de conceitos sobre carrapato e manejo sanitário.

O carrapato — A única espécie de carrapato que comumente parasita os bovinos em nosso país é o chamado *Boophilus microplus*. Cada fêmea desta espécie põe em média 3.000 a 4.000 ovos. A postura é realizada nos locais mais protegidos das pastagens — grama alta, arbustos — num período que dura de 15 a 17 dias, após o qual a fêmea morre. Os ovos ao eclodirem liberam larvas que após seis dias já têm condições de se fixarem nos bovinos, passando a alimentar-se com sangue. Fixadas nos bovinos, as larvas continuam o seu desenvolvimento até a fase adulta, diferenciando-se em machos e fêmeas. Estas após serem fecundadas, aumentam consideravelmente de tamanho, tornando-se bem maiores que os

machos e portanto facilmente reconhecíveis. A fêmea ingurgitada (grande) após um período de intensa alimentação sanguínea, desprende-se do bovino, cai no solo e realiza a postura, reiniciando o ciclo da espécie.

O conhecimento destes aspectos básicos do ciclo biológico dos carrapatos é de extrema importância, porque é exatamente a partir desse conhecimento que se deve elaborar uma estratégia de controle que vise impedir as superinfestações por carrapatos. Manejo sanitário Conforme já foi salientado, a fêmea adulta ao cair no solo, procura os locais mais abrigados da pastagem a fim de realizar a postura. Isto significa que os campos chamados "sujos" com grama muito alta ou arbustivos, são altamente propensos à infestação por carrapatos. Portanto, o uso de roçadeiras mecânicas ou outros métodos de limpeza das pastagens pode representar o primeiro passo no controle da superinfestação dos campos.

A utilização dos carrapaticidas é outro aspecto que deve receber a especial atenção do criador. A eficiência do banho carrapaticida, seja qual for o método utilizado — banho de imersão, banho de aspersão ou ainda a pulverização manual — dependerá basicamente de três fatores: a correta preparação da solução carrapaticida, a oportunidade dos banhos e o intervalo entre os mesmos.

O uso de soluções carrapaticidas mal preparadas (fracas), tem levado alguns criadores a resultados desastrosos. Ocorre que, quando submetido a ação de soluções carrapaticidas (fracas), além de resistir ao banho, o carrapato pode desenvolver mecanismos de defesa que o tornam resistentes ao carrapaticida. E essa resistência pode ser transmitida por herança genética às novas gerações de carrapatos. O fenômeno de resistência ao carrapaticida já é

fato várias vezes confirmado em nosso Estado.

Qual é o momento mais adequado para a aplicação do carrapaticida? Esta é uma pergunta cuja resposta deve merecer especial atenção. Se entendermos o banho carrapaticida como uma forma de combate dentro de um sistema racional

de controle de carrapato, esse banho deve ser programado para atingir dois objetivos: eliminar os carrapatos que estão fixados nos bovinos e cortar o ciclo biológico do parasita, diminuindo a infestação dos campos. Isto é possível. Sabe-se hoje que as fêmeas adultas são as formas menos sensíveis a ação dos carrapaticidas. Por esta razão, mesmo após ter sido atingida pelo carrapaticida, a fêmea ao cair no solo poderá realizar a postura, o que implica na continuidade da infestação dos campos. Desta forma, o banho carrapaticida será tanto mais eficiente quanto mais cedo for aplicada em relação ao estágio de desenvolvimento do carrapato sobre o bovino. Em outros termos, os banhos deverão ser aplicados antes que as fêmeas do parasita estejam plenamente desenvolvidas.

Em certas épocas do ano verifica-se uma maior incidência de parasitismo por carrapatos do

que em outras. Isto se deve principalmente às diferenças climáticas (temperatura e umidade). Durante essas épocas de alta incidência de carrapatos, os criadores normalmente efetuam uma série consecutiva de banhos, o que é correto. No entanto, há um aspecto muito importante a ser considerado no que diz respeito ao intervalo entre os banhos. Esse intervalo não deverá ser superior a 14 dias, a fim de impedir o desenvolvimento de fêmeas adultas oriundas da rein-festação que ocorreu depois do banho anterior.

Uma análise profunda do problema do carrapato dos bovinos não é, obviamente, o objetivo deste artigo. Buscou-se apenas salientar certos aspectos básicos que não têm sido considerados pela maioria dos criadores. Portanto, os associados que vêm enfrentando problemas nesta área, devem procurar o Departamento Técnico da COTRIJUI, a fim de obterem maiores informações sobre o assunto.

TESTEMUNHO DE PRODUTIVIDADE

HIPERFOSFATO

Lavoura de SOJA do
Sr. GUARACI
BARROSO MARINHO
200 ha - Passo Fundo (RS)
Variedade: Hardee
Adubação: 300 kg/ha de HIPERFOSFATO*
Produção: 1.980 kg/ha (33 sacos/ha)

*Reg. Min. da Agric.: RS 0078 e PR 0107
Garantias: P₂O₅ sol. ácido cítrico 2% - 1:100 - 12%;
P₂O₅ total 27%; Cálcio 32%; Enxofre 1%; Magnésio 0,36%;
Cloro 0,18%; Cobre 0,005%; Manganês 0,005%;
Molibdênio 0,005%; Zinco 0,04%.
100% passa na Peneira Nº 200 Tyler e 90% passa na
Peneira Nº 270 Tyler (equivalente à peneira 300 AFNOR)



companhia riograndense de adubos

Porto Alegre/Rio Grande/Passo Fundo/Curitiba/Paranaguá



4º REMATE DE GADO LEITEIRO: VENDAS PASSARAM DOS 500 MIL

Conforme vinha sendo noticiado, realizou-se no último dia 30, nas dependências do Parque de Exposições Assis Brasil, o IV Remate de Gado Leiteiro de Ijuí. Remate este que agora é oficializado pelo Governo Estadual e conta, por isso, com cobertura financeira bancária. Como nos anos anteriores, os resultados fo-

ram considerados satisfatórios. Das 86 matrizes inscritas, foram comercializadas 76. O preço médio de comercialização foi superior a Cr\$ 7.000,00, sendo que o menor registrou-se na aquisição de uma terneira. O animal que alcançou maior preço (Cr\$ 15.000,00) pertencia a Escola Rural Assis Brasil. O mo-

vimento geral de vendas foi superior aos 500 mil cruzeiros.

Em relação ao ano passado, quando foram comercializados 68 animais, constata-se que houve um aumento de 8 animais. Este pequeno aumento verificado na comercialização é explicado, em parte, pela indefinição de um plano de desenvolvimento

nesta área de produção. Entretanto, conforme vem sendo noticiado, a região vive um momento de expectativa em relação a criação da Cooperativa Central Gaúcha de Leite - CCGL. De acordo com seu presidente, Eng. Agr. Frederico Dür, numa primeira etapa ele irá atuar no sentido de coordenar a produção e a

comercialização daquelas cooperativas que já atuam nesta área de produção. Numa segunda etapa ela se dedicará na elaboração de um plano de ação a ser implantado nas áreas das cooperativas que ainda não atuam no setor leiteiro. O que parece certo é que o laticínio crescerá de importância nesta região do Estado.



FEBRE AFTOSA E VACINAÇÃO

A Febre Aftosa se constitui numa das maiores ameaças para a saúde dos animais pelo menos desde há 450 anos. Apesar de já ter sido erradicada em alguns países mais desenvolvidos, continua sendo um sério perigo para a produtividade das populações animais de todo o mundo e, indiretamente, afeta o bem estar das populações humanas que se servem deles para obter alimentos, roupas e força motriz.

Em nosso Estado ela se apresenta de forma endêmica e a Secretaria da Agricultura a mantém sob controle vacinando periodicamente de 4 em 4 meses, todos os bovinos com idade superior aos 120 dias e aplicando outras medidas sanitárias exigíveis. Por este motivo, mais uma vez vamos fazer aos criadores (maiores interessados), recomendações sobre o correto manejo da vacinação:

1. A vacinação deve ser feita sempre no dia marcado pela Inspeção Veterinária.

2. A vacina só pode ser adquirida até quarenta e oito horas antes da data marcada, e median-

te a apresentação ao revendedor credenciado da circular fornecida pela Inspeção Veterinária.

A apresentação desta circular torna-se imprescindível quando a vacina for adquirida em outro município.

3. Jamais deve ser aceita a venda de vacinas acondicionadas em latas, caixas de madeira ou papelão.

4. A vacina deve ser sempre conservada em geladeira (2°C a 8°C), ou em caixa térmica com gelo, até a hora da vacinação. E durante a sua aplicação deve-se evitar que fique exposta aos raios solares.

5. A aplicação deve ser correta, conforme a orientação do Inspetor Veterinário.

6. Não realize serviços rápidos, pois jamais terá uma aplicação perfeita.

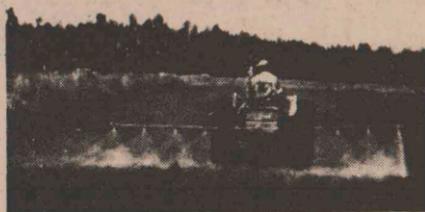
7. Se os animais não estão acostumados a serviços pesados deve-se evitar esta prática imediatamente após a vacinação.

8. Qualquer dúvida que houver, a Inspeção Veterinária deve ser procurada para esclarecimentos.

PASTO ITALIANO

A COTRIJUI dispõe de semente fiscalizada de Pasto Italiano (a Cr\$. . . 5,00 o quilo), para entrega imediata. Os interessados podem se dirigir ao Departamento Técnico pelos telefones: 2066, 2866, 3177 e 3277. Ou em Porto Alegre (Escritório Cotrijui), pelos telefones 25-04-24 e 25-51-96.

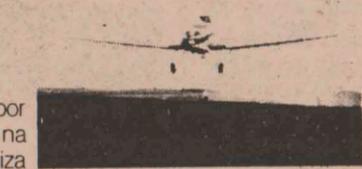
POR TRATOR OU POR AVIÃO, LAÇO É A SOLUÇÃO.



LAÇO na soja, aplicado por trator, economiza tempo, mão-de-obra e dinheiro. Não precisando ser incorporado, permite a aplicação

juntamente com o plantio da soja, em uma só operação, acoplado-se o pulverizador à plantadeira. LAÇO pode também ser aplicado com pulverizadores comuns acoplados ao trator, após o plantio, antes da emergência das ervas.

Aplicado por avião, LAÇO na soja economiza tempo, equipamento, mão-de-obra e dinheiro.



LAÇO controla ervas de folha larga e de folha estreita, oferecendo absoluta segurança para o seu investimento.

LAÇO é o resultado de pesquisas e testes conduzidos

com os recursos da mais avançada tecnologia. É o herbicida ideal para a soja brasileira.



LAÇO NA SOJA, DIVISAS PARA O BRASIL.

Laço

UM HERBICIDA

Monsanto

Comercialização e Serviços Técnicos no Brasil, pela Divisão Agrícola de

Indústrias Monsanto S.A.
01301 Rua da Consolação, 881 - 1º andar
C. Postal 8341 - Tel. 257-7966
Telex 011-21883 - São Paulo - SP

LAÇO® e marca registrada da Monsanto Cr.

Em Poços de Caldas:

GAÚCHOS DESTACAM-SE EM CONGRESSO COOPERATIVISTA DE MINAS GERAIS



Atestando não só o crescimento do cooperativismo no País como o despertar de uma consciência cooperativista que sem dúvida redundará no fortalecimento da economia nacional a nível de produtor primário, realizou-se na cidade balneária de Poços de Caldas, o Primeiro Congresso Estadual de Cooperativismo de Minas Gerais.

O conclave cooperativista, que teve por local o Centro Nacional de Convenções de Poços de Caldas, realizou-se no período de 27 a 30 de outubro. Houve atuante participação de gaúchos, destacando-se o presidente da COTRIJUI, Ruben Ilgenfritz da Silva; diretor comercial da FE-

COTRIGO, Rubem Matte e secretário-executivo do CCECAU — Centro de Comunicação e Educação Cooperativista do Alto Uruguai, professor Mário Osório Marques; além do ex-presidente da FECOCARNE, hoje numa diretoria do Banco Nacional de Crédito Cooperativista, Tertuliano Boffil.

Os temas abordados pelos palestrantes gaúchos no conclave mineiro foram, principalmente, armazenagem de grãos, transportes e assistência técnica, na parte de infra-estrutura e comercialização, comunicação e educação setores em que, sabidamente, há grandes experiências. Outros palestrantes foram João Rodrigues

de Alckmin, presidente da OCB - Organização das Cooperativas Brasileiras e presidentes de centrais cooperativas de Minas Gerais, São Paulo e Paraná, tendo como resultado da pauta de debates vasta série de proposições e sugestões a serem encaminhadas às autoridades setoriais do País.

A sessão solene de abertura do Congresso ocorreu às 15,30 horas do dia 27, com a presença na mesa principal do Secretário da Agricultura do estado de Minas Gerais, representando o Governador do Estado; Paulo Romano, representando o ministro da Agricultura, Alysso Paulinelli; o prefeito Sebastião Chagas, de Poços de Caldas; pre-

sidente da OCB, João Rodrigues de Alckmin; Benedicto de Miranda, do INCRA; e presidentes da Federação da Agricultura de Minas Gerais e do Montepio Cooperativista e das Cooperativas dos Cafeicultores e de Laticínios de Poços de Caldas. Foi presidente do Congresso, Joaquim Balbino de Carvalho, também presidente da OCEMN.

Paralelamente ao Primeiro Congresso, realizou-se a Exposição-Feira de Produtos e Atividades das Cooperativas e Órgãos Cooperativistas. A COTRIJUI esteve presente a amostra, expondo através de painéis fotográficos, projeção de diapositivos e amostras de produtos que co-

mercializa, parte de sua organização e infra-estrutura. Essa amostra visual feita no Salão Azul do CENACON e mais a palestra do seu diretor-presidente, chamou a atenção para a COTRIJUI, hoje, sem dúvida, uma expressão de real prestígio no campo do cooperativismo nacional. Outros cooperativistas gaúchos que participaram como palestrantes foram Elton Klepker, presidente da Cooperativa Agropecuária Languiru, de Estrela e Jatyr Mezacas, presidente da Cooperativa de Suinocultores de Encantado. Na foto, quando falava o diretor-presidente da COTRIJUI, engenheiro agrônomo Ruben Ilgenfritz da Silva.

Em Brasília:

2º SEMINÁRIO DE ARMazenAGEM

Realizou-se em Brasília, de 25 a 29 últimos, sob a organização e patrocínio da Companhia Brasileira de Armazenamento — CIBRAZEM — organismo do Ministério da Agricultura, o 2º Seminário Nacional de Armazenagem.

O Seminário, que teve a seção de abertura, de caráter solene, presidida pelo ministro Alysso Paulinelli, da Agricultura, realizou-se tendo por local o Hotel Nacional.

O conclave reuniu representantes, empresários e técnicos em armazenagem

de todas as regiões do País, com o objetivo de congregar idéias e somar experiências para dinamizar o sistema, dando-lhe uma posição à altura de arcar com as responsabilidades da atual demanda da produção agrícola no País.

Setores público e privado, neste caso, com ênfase para o cooperativismo, debateram problemas comuns e buscaram soluções para consolidar e ampliar o sistema nacional de armazenamento. O fim buscado é a uniformidade de comportamento e operacionalidade

mais eficiente da rede armazenadora nacional.

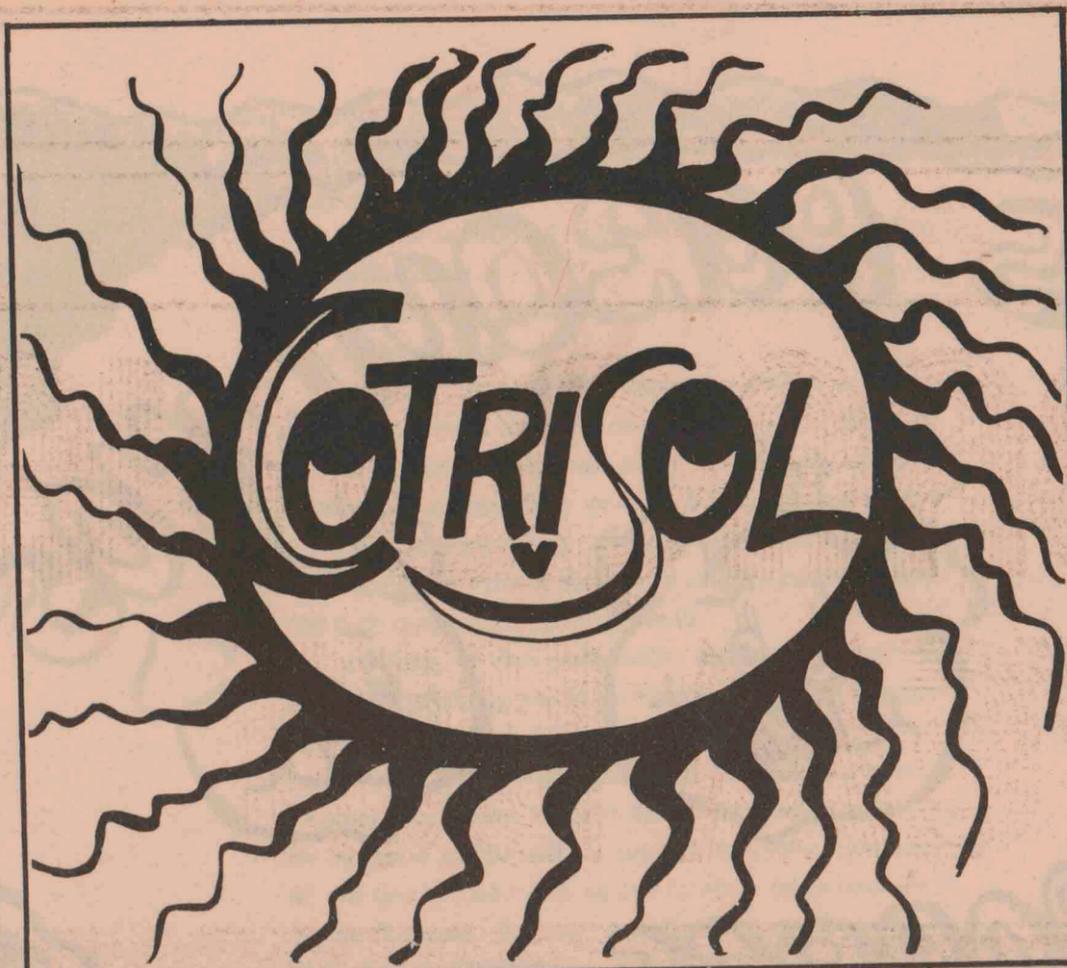
A COTRIJUI participou do Seminário com dois representantes. Foram o diretor de operações, sr. Euclides Casagrande e o sr. Demétrio Vanzin, técnico em armazenagem e carregamento marítimo, lotado no Terminal Graneleiro "Luiz Fogliatto", de Rio Grande. O sr. Euclides Casagrande fez parte dos trabalhos da Comissão de Operação de Unidades Armazenadoras e o sr. Demétrio Vanzin atuou na Comissão de Política de Armazenamento.

Participaram do 2º Seminário de Brasília mais de 1.000 participantes de todo o Brasil.

PRUDÊNCIO ROCHA NA PRESIDÊNCIA DA ADJORI

O jornalista Prudêncio Rocha, diretor do Diário Serrano de Cruz Alta, é o novo presidente da Adjori (Associação dos Jornais do Interior do Rio Grande do Sul). Ele foi eleito dia 31 último, em Rio Grande, no XV Congresso da Adjori, para dirigir a entidade até o próximo encontro estadual, marcado para a segunda quinzena de outubro de 77, em Santa Maria. A imprensa do interior está em fase de modernização e consolidação. A Adjori tem, hoje, 92 jornais filiados, dos quais 54 já imprimindo pelo moderno sistema off-set. Segundo estimativas da Associação existem outros 30 jornais em fase de lançamento ou que ainda não se filiaram.

A nova diretoria da Adjori ficou assim formada: presidente, Prudêncio Rocha; 1º vice-presidente: Miguel Schmitt Pryn; 2º vice-presidente, Osvaldo Carlos Leeuwen; 1º secretário, Luís Pauletú; 2º secretário, José Grisólia Filho; 1º tesoureiro, Paulo Sérgio Gusmão; 2º tesoureiro, Walter Kuhn; diretor cultural, Paulo Salzano Vieira da Cunha; diretor de relações públicas, Zaira Caprara; diretor de patrimônio, Germando Torres Leite; diretor jurídico, Clayr Lobo Rocherfort; presidente do Conselho Fiscal, Ulrich Low; membros efetivos: Francisco Frabtz e Sílvio César Ribeiro; e suplentes, Roque Planalto Ferreira, Jymmi Rodrigues e Sérgio Prates Machado.



SUPLEMENTO INFANTIL novembro 76

Escolinha
de Arte
da
FIDENE

Elaboração: marita - Iselda - Viro

Marcos Kirst enviou...
É impossível...

É impossível!
Trazer à terra
o invencível!
É impossível!

Fabricar no mundo
um monstro muito horrível!

É impossível!
Um carro andar
sem combustível!

É impossível
não dirigir
um dirigível
É também impossível
Dizer que tudo isto
é impossível...



DE CRIANÇA
PARA



"Alô COTRISOL

Eu sempre estou lendo
o Cotrisol, seja dia de
sol ou de chuva.

E voce; continuem mandan-
do o jornalzinho para nós
leamos nos dias de sol e nos
dias de chuva.

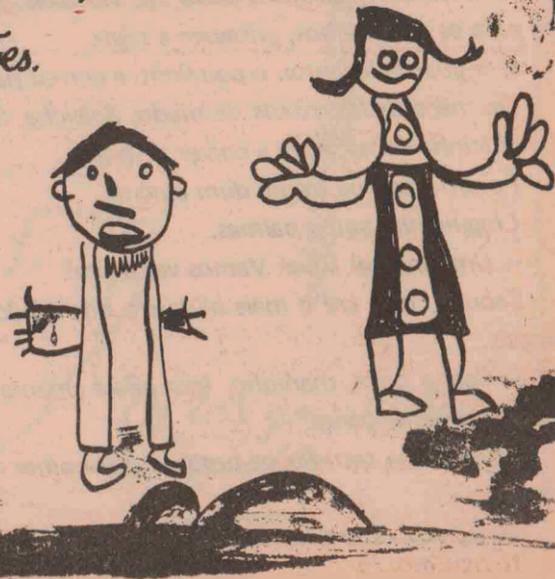
Eu gosto tanto do COTRISOL,
porque ele tem desenhos e versi-
nhos bonitos.

Mandem sempre"

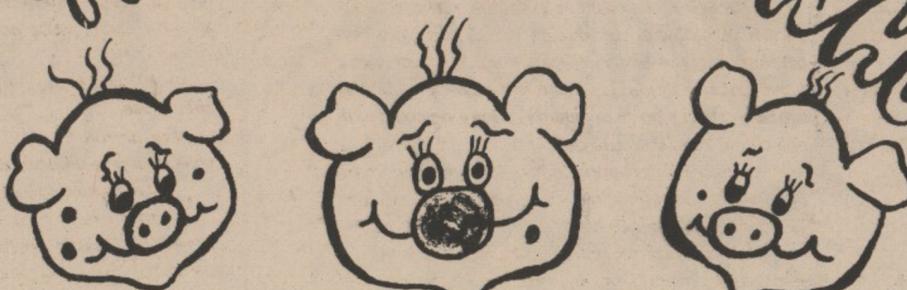
(Alzi Ribeiro Fragoso)

Escola Getúlio Vargas - Santo
Augusto.

Participaram ainda no Co-
trisol, Dalva B. Dallabrigda,
Marcos Kirst, alunos da Escolinha
do FIDENE, nas ilus-
trações.



OS TRÊS PORQUINHOS POBRES



Caminharam muito tempo sem falar. Estavam assustados.

Muito movimento na rua. Passavam automóveis.

Um cachorro parou na calçada e disse:

— Onde será que vão aqueles três bocós? Quá! Quá! Quá!

Os porquinhos olharam para ele com o rabo dos olhos.

— Está nos provocando . . . — disse Sabugo.

— Não vamos dar confiança . . . — aconselhou Salsicha.

Mas Lingüicinha, que era o herói do grupo, virou a cabeça e berrou:

— Vira-lata covarde! Pula para a rua se queres brigar!

O cachorro pulou mesmo. E de dentes arreganhados, rosnando.

Você esperou o cachorro para brigar? Pois nem os três irmãos . . . Quando viram as dentuças do vira-lata, meteram o pé no mundo e saíram a correr como loucos.

Quando deram pela coisa, estavam no centro da cidade, perdidos no meio do movimento.

Os homens, as mulheres e as crianças que passavam ou estavam parados à beira das calçadas, apontavam para os porquinhos, gritavam e riam.

Um guarda levantou o pauzinho e correu para eles.

De mãos dadas, roxos de medo, Salsicha, Sabugo e Lingüicinha começaram a correr de novo.

Foram parar na frente dum cinema.

Lingüicinha bateu palmas.

— Um cinema! Viva! Vamos ver a fita!

Sabugo, que era o mais ajuizado dos irmãos, resmungou:

— Cala a boca, maninho. Isso não é cinema de bicho. É cinema de gente.

Lingüicinha sacudiu os ombros e foi olhar os cartazes.

Num deles estava escrito:

HOJE!
O LOBO MAU
HOJE!
As aventuras dos
3 LEITÓEZINHOS
De Walt Disney

Sabugo leu o letreiro e ficou assanhado.

Salsicha convidou:

— Vamos entrar?

— Com que dinheiro? — perguntou Sabugo.

— Sem dinheiro nenhum — disse Lingüicinha.

— O porteiro não nos enxerga.

— Então os três combinaram um plano.

Naquele momento estava entrando muita gente no cinema. Os três porquinhos se meteram debaixo das pernas das pessoas que entravam, e assim entraram no cinema. Esconderam-se debaixo das cadeiras da primeira fila.

Apagou-se a luz. Começou a fita. Era a história do Lobo Mau.

— Que lindo! — disse Lingüicinha.

— Cala a boca! — cochichou Sabugo.

Salsicha estava achando tudo tão bonito, que até havia perdido a fala.

No pano branco do cinema, os três porquinhos conversavam e se mexiam. A história era assim:

O porquinho mais velho era muito trabalhador. Estava fazendo uma casa.

— Aquele sou eu — disse Sabugo muito contente, cutucando os irmãos com o cotovelo.

Os outros dois porquinhos eram vagabundos e só gostavam de andar na vadiagem, cantando e tocando música. Um tocava violino.

— Aquele do violino sou eu — cochilou Salsicha. E o mais moço tocava flauta.

— O do trombone sou eu — disse Lingüicinha.

Sabugo soltou um ronco e corrigiu:

— Não sejas burro, maninho, aquilo não é trombone, é flauta.

Mas, como eu estava contando, a história do cinema era assim:

Enquanto o porquinho mais velho trabalhava, os mas moços tocavam flauta e violino e dançavam. Um dia disseram que iam passear na floresta.

— Cuidado com o Lobo Mau! — recomendou o mais velho.

Os outros desataram a rir e retrucaram:

— Nós não temos medo do Lobo Mau! Há-há-há-há!

E se foram.

Na floresta encontraram a Menina do Chapeuzinho Vermelho. Era uma pequena muito engraçadinha que ia com um cesto no braço levar bolinhos e um pote de geléia para a sua avozinha que morava no meio do mato.

O Lobo Mau estava escondido e viu que Chapeuzinho Vermelho vinha vindo. Então se fantasiou de fada e ficou pendurado pelo suspensório no galho duma árvore, fingindo que estava voando.

Chapeuzinho Vermelho chegou com os dois porquinhos atrás, tocando música e marchando no compasso.

Os três pararam, vendo o Lobo Mau. Pensaram que ele fosse mesmo uma fada. Porque o bicho falou com voz fina e porque sacudiu a sua varinha de condão com uma estrela na ponta. Mas o suspensório arrebentou, a fada de mentira caiu e Chapeuzinho Vermelho e os dois porquinhos, vendo o lobo, deitaram a correr.

O Lobo Mau teve então outra idéia. Em vez de seguir pela estrada, tomou um atalho e chegou primeiro à casa da avozinha. Bateu na porta.

— Entre — disse a boa velha, pensando que era a netinha.

O Lobo entrou. A velha viu o perigo e se fechou no guarda-roupa.

O Lobo Mau vestiu a camisa e a touca da avozinha e se meteu na cama.

Quando Chapeuzinho Vermelho chegou e entrou e veio para perto da cama da avozinha, começou a estranhar os olhos, os dentes dela . . . Depois é que descobriu que quem estava ali era o Lobo. Deu um grito e fugiu. O Lobo saltou da cama e saiu atrás da menina. A avozinha abriu a porta do guarda-roupa e pescou a netinha com o cabo dum guarda-chuva.

Lá fora, os dois porquinhos vagabundos viram tudo e, tremendo de medo correram para casa e se meteram debaixo da cama.

O porquinho trabalhador, sabendo do que se estava passando, meteu numa maleta um pacote com milho de pipoca e correu para a casa da avozinha. Chegando lá, viu que o Lobo Mau estava fazendo força para abrir o guarda-roupa. Avançou sem barulho até perto do bicho mau e despejou-lhe dentro das calças todos os grãos de milho de pipoca. Depois agarrou uma pá, tirou brasas do fogão e despejou também em brasas no mesmo lugar. As pipocas começaram a crescer e estralar. O Lobo Mau levou um susto danado e desandou a dar pinotes, louco da vida. Pulando e gritando, saiu correndo porta fora e se sumiu na floresta.

A fita ia neste ponto quando Lingüicinha, entusiasmado, começou a berrar:

— Aí, Lobo Mau! Conheceste o muque dos porquinhos?!

— O bichão foi o porco mais velho. Viva eu! — berrou Sabugo.

— Vivas todos os porcos do mundo! — gritou Salsicha. — Abaixo os Lobos!

E começaram os três a dar pinotes e a roncar. Lingüicinha, louco de entusiasmo, deu uma mordida no calcanhar duma velha que estava sentada na cadeira, por cima dele.

— Ui! Um bicho me mordeu! — gritou a velha, levantando-se.

Foi um horror. Na escuridão do cinema a gente começou a gritar. Correrias para todos os lados.

— Vamos embora! — disse Sabugo.

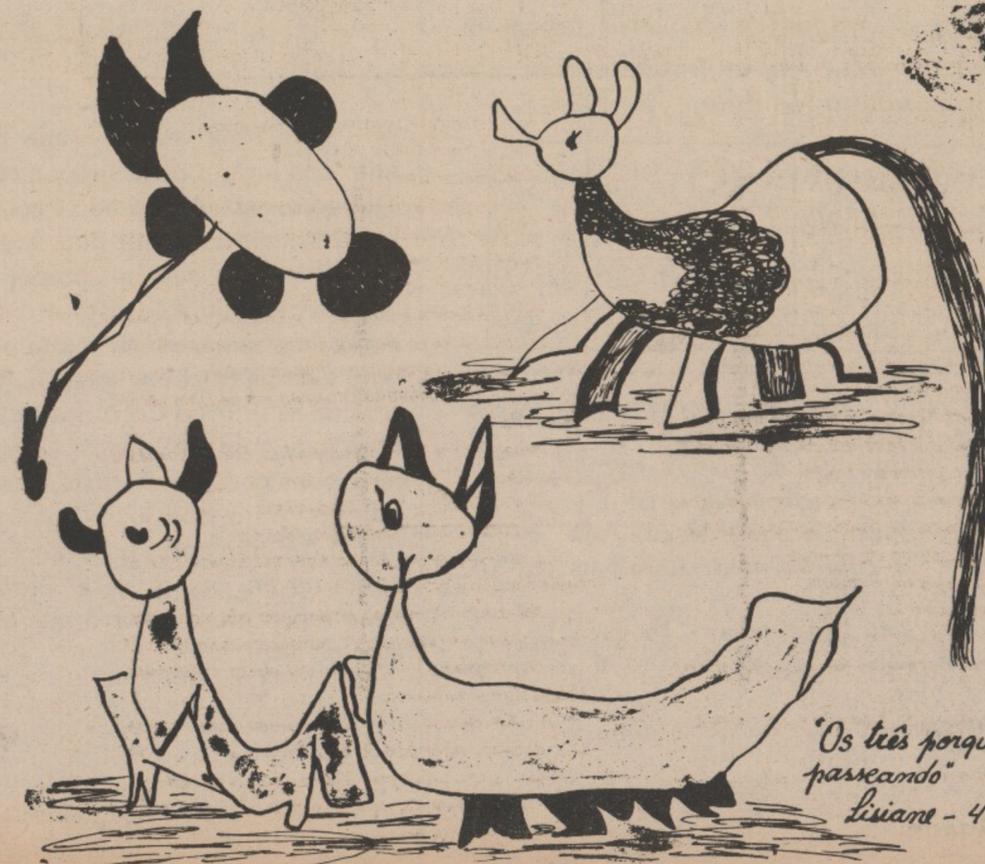
Aproveitando a confusão e a escuridão, os três porquinhos fugiram. Saíram a correr pelas ruas. Quase ficaram debaixo de automóveis e bondes.

Só respiraram quando se viram no campo, longe da cidade. Sentaram-se na beira duma estrada e começaram a pensar.

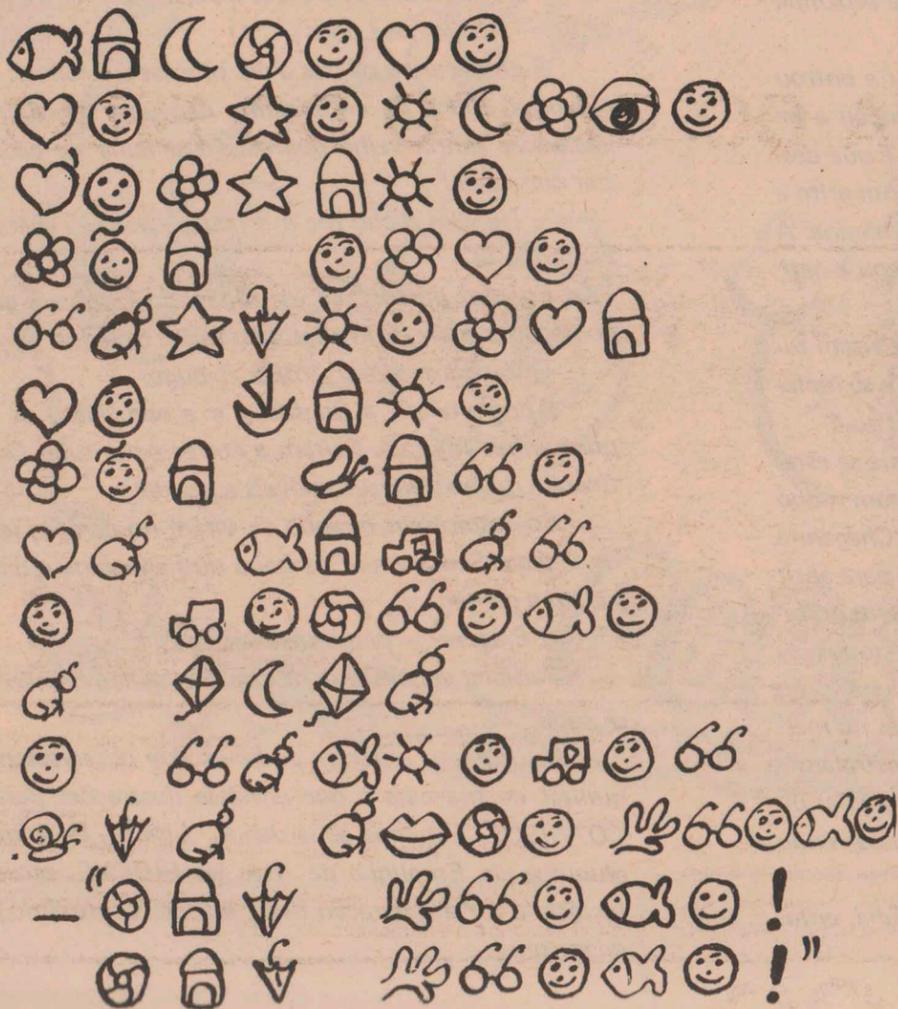
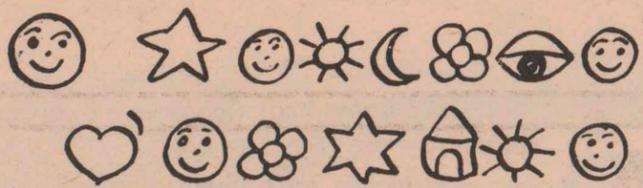
— E agora? — perguntou Sabugo.

Salsicha encolheu os ombros. Lingüicinha não disse nada.

No número anterior pedimos que observassem o quintal de sua casa e que enviasse ilustrações para o COTRISOL. Estamos aguardando. Lisiane, de 4 anos, aluninha da Escolinha de Arte Da FIDENE, ouviu a história e fez a ilustração desta edição. O próximo pode ser seu.



"Os três porquinhos passeando"
Lisiane - 4 anos



Eis um passatempo divertido!

Procurando, no quadrinho a letra correspondente ao desenho, vocês descobrirão uma linda poesia de Vinicius de Moraes...

a =	e =	i =	o =	s =
b =	f =	l =	p =	t =
c =	g =	m =	q =	u =
d =	h =	n =	r =	v =

Novembro - Mes em comemoramos duas datas nacionais:

15 - Proclamação da República

19 - Dia da Bandeira Nacional

Vocês sabem o que é República?

Vocês já ouviram falar num país que não seja República?

Onde será que é melhor? Por quê?

Vocês sabem que a Bandeira é um símbolo da Pátria.

Mas, vocês sabem o que é símbolo?

O que é Pátria?

Conversem com a professora sobre o assunto. Vale a pena.



Era uma vez um Anjo pequenino. Vivia num dos lugares mais lindos e estrelados do Céu. Tinha um rostinho corado e gorducho, olhos claros e brilhantes como duas estrelinhas. Cabelos castanhos e cacheados como a lã das ovelinhas. Jesus amava muito. Gostava também dos outros Anjos, mas amava mais a este porque era pequenino e tinha um bom coração. Este Anjinho gostava de se unir ao Coro dos outros seus coleguinhas para com eles dançar e cantar. Um dia, porém, começou a ficar triste, sozinho e pensativo num cantinho do céu. O que lhe teria acontecido? O Anjinho costumava descer a terra, sentado numa nuvem cor de rosa. Era um tantinho curioso e procurava saber o que os homens faziam aqui na terra.

Ivanir Fatima Biguelini -
historinha e ilustração